



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

O GÊNERO EDITORIAL: Uma proposta de caracterização

MARIA HELENA GOMES NAVES VIEIRA

Uberlândia

2009

MARIA HELENA GOMES NAVES VIEIRA

O GÊNERO EDITORIAL: uma proposta de caracterização

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia – como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Estudos sobre texto e discurso.

Orientador: Prof^ª. Dr^a Alice Cunha de Freitas

Co-orientador: Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo

**Uberlândia
2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- V658g Vieira, Maria Helena Gomes Naves, 1966-
 O gênero editorial : uma proposta de caracterização / Maria
 Helena Gomes Naves Vieira. -2009.
 158 f. : il.
- Orientadora: Alice Cunha de Freitas.
 Co-orientador: Ernesto Sérgio Bertoldo.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Pro-
 grama de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos.
 Inclui bibliografia.
1. Lingüística aplicada - Teses. 2. Editoriais - Teses. I. Freitas,
 Alice Cunha de. II. Bertoldo, Ernesto Sérgio. III. Universidade Fede-
 ral de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüís-
 ticos. IV. Título.

CDU: 801

O gênero editorial: uma proposta de caracterização

Dissertação defendida em 29.05.2009, diante da Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

Profª Drª Alice Cunha de Freitas
Presidente

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo
Coorientador

Profª. Drª. Maria Aparecida Caltabiano Magalhães Borges da Silva

PU-SP

Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho
UFU-MG

Uberlândia-MG
2009

AGRADECIMENTOS

Tudo tem uma história. Este trabalho também tem a sua. Foram várias noites sem dormir, na busca de dar corpo às idéias que teimavam em não sair do projeto para adquirir corpo na pesquisa pretendida. Um esforço que exigiu de mim o distanciamento de parentes e de amigos, o adiamento de outros planos e afazeres. Mas valeu a pena. Principalmente porque eu não estive sozinha. Muitos compartilharam comigo as aflições e alegrias experimentadas durante a realização deste trabalho e a essas pessoas eu quero agradecer.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela vida e pela força para continuar, mesmo quando eu pensava que não conseguiria.

Agradeço a minha mãe pelo carinho com que sempre me cuidou e continua a cuidar, mesmo que não esteja mais comigo neste mundo.

Agradeço a minha irmã e a todos os meus irmãos pelo apoio que sempre me deram.

Quero fazer uma menção especial ao meu irmão Fernando – na verdade, um verdadeiro pai - que viu o início deste trabalho e, infelizmente, não pôde ver o seu final, tendo sido levado de nós prematura e tragicamente. Obrigada, meu grande amigo, que sempre me incentivou na busca dos meus sonhos.

Sou grata pela presença e apoio incondicional de meu esposo Gildo e de meus filhos, Gildo Neto e Ana Clara, que tantas vezes foram negligenciados e, mesmo assim, compreenderam as minhas razões. Muito obrigada a vocês pelo apoio e pelo amor. Se eu consegui chegar até aqui foi porque vocês sempre estiveram comigo e foram muito importantes nessa caminhada.

Agradeço aos professores Dr. Waldenor e Dra. Dilma pelas valiosas contribuições no exame de qualificação. Sem dúvida vocês lançaram novas luzes para o direcionamento da pesquisa.

Agradeço à secretárias da Pós-Graduação, Eneida, Solene, Maria José e Tainah, pela atenção e tratamento dedicado que sempre recebi.

De maneira muito especial, agradeço aos professores Alice e Ernesto. Eles entraram no caminho deste trabalho em um momento crucial e sem a orientação firme que me deram, com certeza meu projeto seria frustrado. Ainda bem que pude contar com o apoio de vocês. Muito obrigada.

Agradeço também a muitos amigos que me ajudaram a construir a história deste trabalho. São todos muito queridos, mas agradeço a uma amiga que sempre esteve comigo,

mas da qual eu me distanciei um pouco durante a realização deste trabalho, mas é pessoa que sempre me animou e que me é muito querida. Obrigada, Kátia, pela sua amizade.

Sou grata a todos, por tudo. Valeu muito!

RESUMO

Neste trabalho, retomamos a noção de gênero, para investigar um gênero midiático, denominado de “editorial”. Nosso objetivo geral foi verificar, a partir dos aspectos constitutivos do gênero, conforme proposto por Bakhtin (1997), em que extensão as regularidades encontradas nos textos das revistas e nos textos de jornais são suficientes para nos permitir classificá-los como gêneros distintos. Elegemos como *corpus* dezesseis editoriais, sendo dez de revistas e seis de jornais impressos, de circulação nacional. Os editoriais de revistas foram retirados de cinco títulos de revistas diferentes: Veja, Nova, Casa Cláudia, *Todateen* e Super Interessante. Os editoriais de jornais, do Jornal Folha de São Paulo, Jornal Estado de Minas e Jornal O Globo. A análise dos aspectos constitutivos do gênero, conforme Bakhtin(1997), quais sejam: a organização composicional, o estilo e o conteúdo temático, permitiu perceber que, entre os diversos editoriais de jornais existem determinadas semelhanças, bem como entre os editoriais de revistas; todavia, quando comparados os dois grupos, verificamos algumas diferenças nos aspectos constitutivos peculiares a essas duas modalidades de editoriais. Por essa razão, nossa hipótese é a de que os editoriais de revistas poderiam ser classificados como gênero e não como subgênero do editorial de jornal, conforme consta na literatura atual. Outros três aspectos observados no *corpus*, para comprovação da nossa hipótese, foram: o propósito comunicativo, na perspectiva de Swales (2004); a Multimodalidade, a partir dos estudos de Dionísio (2006) e as influências do suporte sobre o gênero, propostos por Marcuschi (2003).

Palavras-chave: gêneros, editorial, propósito comunicativo, multimodalidade, suporte.

ABSTRACT

In this research, we use the notion of genre in order to investigate a mediatic genre called “editorial”. The *corpus* of the analysis is composed by sixteen editorials, from ten magazines and six newspapers of national circulation in Brazil. The editorials of magazines are from five different Brazilian publications: *Veja*, *Nova*, *Casa Cláudia*, *Todateen* and *Super interessante*. The editorials of newspapers are from *Folha de S. Paulo*, *Estado de Minas* and *O Globo*. Our main purpose in this research was to verify, by examining the constituent aspects of genre as proposed by Bakhtin (1997), in which extent the regularities found in magazine texts and in newspapers texts of the *corpus* were enough to classify them as distinct genres. By analyzing the constituent aspects of genre proposed by Bakhtin (1997), which are the compositional organization, the style and the thematic content, we could find some similarities among the different magazine editorials and also among the different newspaper editorials of the *corpus*. At the same time, we could verify differences concerning the peculiar constituent aspects in these two editorial modalities. Therefore, our hypothesis is that the magazine editorial can be classified as a genre and not as a sub-genre of the newspaper editorial, as it is established in the current literature about genre. Another three aspects were examined in the *corpus*, in order to confirm our hypothesis: the communicative purpose in the perspective of Swales; the multimodality according to the studies of Dionísio (2006) and the influences of the support over the genre, proposed by Marcuschi (2003).

Key-words: genres, editorial, communicative purpose, multimodality, support

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Médias das notas global e por competências. Parte objetiva e Redação	23
Quadro 2 Relação entre perspectivas do produtor e os tipos: narrativo, descritivo, dissertativo e injuntivo	54
Quadro 3 Relação de alguns gêneros definidos por atos de fala	56
Quadro 4 Diferenças entre os suportes Jornal e Revistas.....	58
Quadro 5 Categorias de texto encontradas nos jornais e revista.....	61
Quadro 6 Atributos específicos de um editorial	63
Quadro 7 Classificação dos editoriais segundo Beltrão (1980, <i>apud</i> M ELO 1985)	63
Quadro 8 Distribuição dos textos de jornais escolhidos para o <i>corpus</i>	68
Quadro 9 Distribuição dos textos de revistas escolhidos para o <i>corpus</i>	69
Quadro 10 Conteúdo temático dos textos analisados.....	79
Quadro 11 O estilo nos textos analisados.....	84
Quadro 13 O propósito comunicativo	96
Quadro 14 Aspectos de multimodalidade verificados nos textos.....	99
Quadro 15 Características dos suportes Revistas e Jornais	114
Quadro 16 Influência do suporte nos gêneros investigados	115
Quadro 17 Classificação quanto à categoria de texto	119
Quadro 18 Perspectivas do produtor/enunciador do texto em relação ao interlocutor	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Distribuição dos participantes por faixa de desempenho, segundo nota geral e por competências	23
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Recorte da Revista CasaCláudia (1).....	70
Figura 2 Recorte da Revista Casa Cláudia (2).....	70
Figura 3 Recorte da Revista Veja (1).....	82
Figura 4 Recorte da Revista Veja (2).....	82
Figura 5 Recorte EF 1 Jornal Folha de São Paulo (1).....	89
Figura 6 Recorte de Editorial do Jornal Estado de Minas (1)	89
Figura 7 Recorte do editorial de O Globo (1).....	90
Figura 8 Recorte do editorial de Todateen (1).....	91
Figura 9 Recorte do editorial da Revista Super Interessante (2)	91
Figura 10 Recorte da revista Todateen (2)	92
Figura 11 Recorte do editorial da Revista Todateen (3)	93
Figura 12 Recorte do editorial da Revista Todateen (4)	93
Figura 13 Recorte do Editorial da revista Todateen (5).....	94
Figura 14 Recorte do editorial da Super Interessante (3).....	94
Figura 15 Recorte de editorial da Revista Nova (1).....	95
Figura 16 Recorte de editorial da Revista Nova (2).....	95
Figura 17 <i>Layout</i> do editorial da Revista Todateen (1).....	100
Figura 18 <i>Layout</i> do editorial da Revista Todateen (2).....	100
Figura 19 <i>Layout</i> do editorial da Revista Super Interessante (1).....	101
Figura 20 <i>Layout</i> do editorial da Revista Super Interessante (2).....	101
Figura 21 Recorte do <i>layout</i> do editorial 2 da Revista Todateen (5)	102
Figura 22 Ampliação da legenda do recorte do <i>layout</i> 2 da revista Super Interessante.....	102
Figura 23 Recorte do <i>layout</i> do editorial da Revista Nova (2).....	103
Figura 24 Recorte do <i>layout</i> do editorial da Revista Nova (3).....	103
Figura 25 <i>Layout</i> da página completa do editorial da Revista Nova (1)	104
Figura 26 <i>Layout</i> da página completa do editorial da Revista Nova (2).....	104
Figura 27 <i>Layout</i> da página completa do editorial da Revista Casa Cláudia (1).....	105
Figura 28 <i>Layout</i> da página completa do editorial da Revista Casa Cláudia (2).....	105
Figura 29 Recortes com as assinaturas dos editoriais das revistas Casa Cláudia, Nova e Super Interessante	106
Figura 30 <i>Layout</i> do editorial da Folha de São Paulo (1).....	107
Figura 31 <i>Layout</i> do editorial da Folha de São Paulo (1).....	108
Figura 32 <i>Layout</i> da página de editorial do Jornal Estado de Minas (1).....	109
Figura 33 <i>Layout</i> da página de editorial do Jornal Estado de Minas (12).....	110
Figura 34 <i>Layout</i> da página de editorial do Jornal O Globo (1).....	111
Figura 35 <i>Layout</i> da página de editorial do Jornal Estado de Minas (2).....	112
Figura 36 Recorte do editorial da Revista Todateen (7)	121
Figura 37 Recorte do editorial da Revista Super Interessante (2)	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
Objetivos.....	33
Objetivo Geral.....	33
Objetivos específicos.....	33
Hipótese	33
Perguntas de pesquisa.....	34
 CAPÍTULO 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	 35
1.1 O texto como foco de estudo.....	35
1.1.1 Algumas definições de texto	37
1.1.2 Texto e Gênero	40
1.2 O gênero em Bakhtin.....	41
1.2.1 Conteúdo temático, estilo e organização composicional.....	36
1.3. Swales: conceito de gênero e comunidade discursiva	48
1.3.1 Propósito comunicativo.....	41
1.4 A multimodalidade do gênero.....	51
1.5 Novos conceitos na classificação textual.....	53
1.5.1 Tipo	53
1.5.2 Gênero	56
1.5.3 Espécie.....	47
1.6 A importância do suporte na caracterização dos gêneros	48
1.7 O gênero jornalístico.....	50
1.7.1 O editorial.....	53
1.7.2 A carta ao leitor.....	55
 CAPÍTULO 2 METODOLOGIA	 67
2.1 Natureza da pesquisa	67
2.2 A escolha do <i>corpus</i>	57
2.3 Montagem e organização do <i>corpus</i>	68
2.4 Descrição do <i>corpus</i> e procedimentos para escolha	71
2.4.1 Revista Veja	72
2.4.2 Revista Casa Cláudia	73
2.4.3 Revista Nova	73

2.4.4 Revista <i>Todateen</i>	74
2.4.5 Revista Super Interessante	74
2.4.6 Jornal Folha de S. Paulo.....	75
2.4.7 Jornal O Estado de Minas	75
2.4.8 Jornal O Globo	75
2.5 Descrição dos procedimentos de análise	76
 CAPÍTULO 3 ANÁLISES.....	 67
3.1 Aspectos constitutivos dos gêneros.....	67
3.1.1 Conteúdo temático.....	68
3.1.2 Estilo.....	73
3.1.3 Organização composicional.....	77
3.2 Propósito comunicativo	84
3.3 Multimodalidade.....	87
3.3.1 Multimodalidade nos editoriais de revistas.....	98
3.3.2 Multimodalidade nos editoriais de jornal.....	106
3.3.2.1 Jornal Folha de São Paulo	107
3.3.2.2 Jornal Estado de Minas	108
3.3.2.3 Jornal O Globo.....	111
3.4 O suporte.....	102
3.4.1 A influência do suporte no gênero investigado.....	104
3.5 Classificação quanto à categoria de texto.....	108
3.5.1 Tipo.....	108
3.5.2 Gênero.....	110
3.5.3 Espécie	111
3.6 Relações possíveis na composição dos gêneros.....	112
3.6.1 Conjugação de tipos	112
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 125
 REFERÊNCIAS	 133
 ANEXOS	 141
Anexo 1 Editorial da Revista Casa Cláudia (1)	143
Anexo 2 Editorial da Revista Casa Cláudia (2)	144
Anexo 3 Editorial da Revista Nova (1)	145

Anexo 4 Editorial da Revista Nova (2)	146
Anexo 5 Editorial da Revista Super Interessante (1)	147
Anexo 6 Editorial da Revista Super Interessante (2)	148
Anexo 7 Editorial da Revista Todateen (1)	149
Anexo 8 Editorial da Revista Todateen(2)	150
Anexo 9 Editorial da Revista Veja (1)	151
Anexo 10 Editorial da Revista Veja (2).....	152
Anexo 11 Editorial do Jornal Folha de São Paulo (1).....	153
Anexo 12 Editorial do Jornal Folha de São Paulo (2).....	154
Anexo 13 Editorial do Jornal Estado de Minas (1)	155
Anexo 14 Editorial do Jornal Estado de Minas (2).....	156
Anexo 15 Editorial do Jornal O Globo (1)	157
Anexo 16 Editorial do Jornal O Globo (2)	158

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa, nos últimos anos, tem sido alvo de inúmeras discussões que tentam criar, nas escolas, técnicas mais efetivas para se ensinar a língua, entre as quais as que considerem a produção de textos – orais ou escritos – como ponto de partida para o aprendizado. Tais discussões seguem as sugestões dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998), que refutam a prática voltada unicamente para o ensino tradicional da Gramática, com fim em si mesmo, ainda presente nas escolas, e trazem outra visão do ensino da língua, sugerindo formas de se conduzir o processo de aprendizagem com base, principalmente, na compreensão, na interpretação e na produção de textos.

Nessa perspectiva, o estudo dos gêneros textuais ou discursivos tornou-se uma estratégia possível dentro dos objetivos propostos nos PCN, segundo os quais o ensino da Língua Portuguesa deve preparar o aluno para a vida e qualificá-lo para a aprendizagem permanente e para o exercício da cidadania.

Além disso, de acordo com os PCN, o estudo dos gêneros possibilita o conhecimento e, conseqüentemente, o domínio das regras que estruturam a língua, pois proporciona o acesso do aluno às diferentes variações de registro da língua escrita, que se estendem desde as formas linguísticas mais coloquiais até as estruturas mais adequadas à norma padrão da língua.

De acordo com os PCN, um dos objetivos de se trabalhar com a Língua Portuguesa é:

Respeitar e preservar as diferentes manifestações da linguagem utilizada por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir do patrimônio nacional e internacional, com suas diferentes visões de mundo; e construir categorias de diferenciação, apreciação e criação (BRASIL, 1998, p. 130).

Como podemos perceber, os PCN defendem que o conhecimento das diferentes manifestações da linguagem poderá levar o aluno a respeitar essas diferenças e a compreendê-las como construções que representam a diversidade social e histórica na sociedade.

Para acompanhar e avaliar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa, os alunos são submetidos a processos avaliativos realizados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Um dos aspectos observados nesses processos é a capacidade do aluno de interpretar e produzir textos com clareza e coerência, uma vez que, entre as competências e habilidades a serem desenvolvidas pelo aluno, em Língua Portuguesa, de acordo com os PCN (1998), está a de:

Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis) (BRASIL, 1998, p. 145).

Nos últimos anos, o MEC instituiu uma avaliação da qualidade da aprendizagem dos alunos na última série do Ensino Médio, por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A prova do ENEM é composta por duas partes: sessenta e três questões objetivas de múltipla escolha e uma redação. A estrutura geral da prova segue as seguintes orientações:

Para estruturar o exame, concebeu-se uma matriz com a indicação de competências e habilidades associadas aos conteúdos do ensino fundamental e médio que são próprias ao sujeito na fase de desenvolvimento cognitivo, correspondente ao término da escolaridade básica. Tem como referência a LDB¹, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Reforma do Ensino Médio, bem como os textos que sustentam sua organização curricular em Áreas de Conhecimento, e, ainda, as Matrizes Curriculares de Referência para o SAEB². (DOCUMENTO BÁSICO DO ENEM, 2006)³.

Nas provas do ENEM, tanto as questões objetivas quanto a redação abrangem as várias áreas de conhecimento em que se organizam as atividades pedagógicas da escolaridade básica no Brasil e se destinam a avaliar as competências e habilidades contidas na Matriz de Competências. A redação tem a forma de um texto em prosa do tipo dissertativo argumentativo, a partir de um tema já definido, que envolve assuntos sociais, científicos, culturais ou políticos.

Na prova de redação, os alunos são solicitados a produzir um texto que será avaliado pelos responsáveis pela correção, segundo cinco competências básicas: domínio de linguagens, compreensão de fenômenos, enfrentamento de situações problema, construção de argumentações e elaboração de propostas de intervenção na realidade.

O MEC divulga, anualmente, relatórios⁴ comentados sobre os resultados das provas. No relatório referente ao ano de 2006, o MEC afirma que resultados são desanimadores, no que se refere à habilidade de compreensão e de uso da língua materna. De acordo com a instituição, a ausência do domínio da leitura compreensiva é a possível causa do baixo desempenho apresentado.

¹ LDB: Lei de Diretrizes e Bases.

² SAEB: Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica.

³ O Documento Básico do ENEM encontra-se publicado no seguinte *site*: <http://www.enem.inep.gov.br>, no *link* pesquisador: concepções e fundamentos.

⁴ Os relatórios do MEC sobre os resultados do ENEM podem ser consultados no *site* www.enem.inep.gov.br, no *link* professor: relatórios pedagógicos.

De acordo com o MEC, desde o início de sua aplicação, nas cinco competências avaliadas, os participantes têm obtido melhores resultados na competência que engloba o domínio da norma culta da língua escrita (adequação do texto à gramática e ortografia), apresentando vários problemas relacionados a outros fatores importantes no processo de construção textual. Para melhor compreensão desses aspectos, apresentamos o Quadro 1 e o Gráfico 1, com os resultados dos participantes na prova de redação no ENEM 2006. Primeiramente, apresentaremos as cinco competências observadas pelo MEC na prova de redação, conforme o documento oficial emitido pelo MEC/INEP/ENEM, denominado Relatório Pedagógico 2006⁵.

Competência I – Demonstrar domínio da norma culta da língua escrita;
 Competência II – Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo;
 Competência III – Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista;
 Competência IV – Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação;
 Competência V – Elaborar propostas de intervenção para o problema abordado, demonstrando respeito aos direitos humanos.

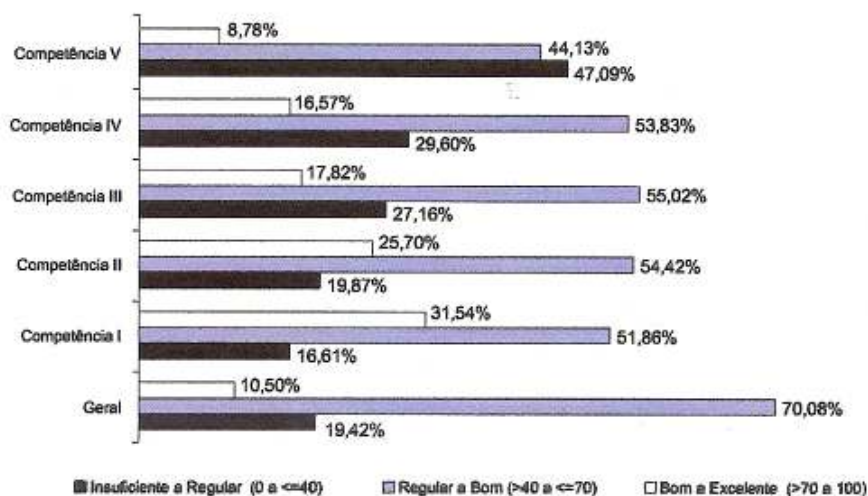
Quadro 1 Médias das notas global e por competências. Parte objetiva e Redação

Média Das Notas	Parte Objetiva	Redação
Geral	36,90	52,08
Competência I	34,74	57,95
Competência II	36,73	55,63
Competência III	35,65	51,71
Competência IV	36,97	50,79
Competência V	37,67	44,31

Fonte: documento oficial emitido pelo MEC/INEP/ENEM, denominado Relatório Pedagógico 2006

Gráfico 1 Distribuição dos participantes por faixa de desempenho, segundo nota geral e por competências

⁵ Também esses resultados estão disponíveis no *site* www.enem.inep.gov.br, no *link* professor: relatórios pedagógicos.



Fonte: documento oficial emitido pelo MEC/INEP/ENEM, denominado Relatório Pedagógico 2006

Os dados apresentados no Quadro 1 e no Gráfico 1 parecem indicar que há, por parte dos professores de Língua Portuguesa, maior preocupação com a cobrança da norma padrão. Indicam também que, infelizmente, não se trabalha suficientemente no sentido de desenvolver a capacidade de expressão escrita como forma de expor o pensamento com clareza, coerência e criticidade. Podemos perceber um aspecto preocupante nos relatórios do ENEM: o ensino da língua ainda se orienta para uma valorização excessiva da sistematização gramatical.

É importante esclarecer que, ao destacarmos esse aspecto, não estamos defendendo a não valorização dos aspectos da sistematização gramatical no ensino da língua. Como profissional do ensino da língua materna, temos consciência de quão importante e necessário é, para o aluno, conhecer e dominar o uso da norma padrão da língua. Nesse sentido, acreditamos que o professor deva proporcionar aos alunos o contato com diversos gêneros, levando-os a compreender como se dá o processo de construção de significado nos textos. Além disso, o aluno poderá discernir o registro formal ou informal (padrão/não padrão) que pode estar associado às intenções do produtor dos textos.

Outro aspecto que deve ser considerado no ensino da língua é a questão associada ao “prestígio” que acompanha o uso da norma padrão nas situações comunicativas que a exigem. Sobre essa questão, podemos observar a seguinte afirmação presente nos PCN (1998):

No estudo da linguagem verbal, a abordagem da norma padrão deve considerar a sua representatividade, como variante linguística de determinado grupo social, e o valor atribuído a ela, no contexto das legitimações sociais. Aprende-se a valorizar determinada manifestação, porque, socialmente, ela

representa o poder econômico e simbólico de certos grupos sociais que autorizam sua legitimidade (BRASIL, 1998, p. 127).

É importante destacar que não nos aprofundaremos na questão, por não ser esse o foco principal de nosso trabalho. Apenas consideramos pertinente esclarecer nossa posição a respeito desse assunto. Sabemos que são muitos os motivos que poderíamos elencar, a fim de justificar o ensino da norma padrão da língua, entretanto gostaríamos de frisar que o ensino não deve ser centrado apenas nesse aspecto. Guimarães (2002, p. 131), em seus estudos, preocupa-se com esse comportamento dos professores nas aulas de Língua Portuguesa e propõe mudanças nas atividades docentes, afirmando que “Mais importante do que dividir e classificar orações é captar os nexos que as integram umas nas outras, por procedimentos diversificados: relações de causa e efeito, por exemplo...”

Outra importante orientação para a atividade docente é apresentada nas Diretrizes para o Ensino de Língua Portuguesa, denominado CBC - Conteúdo Básico Comum (MINAS GERAIS, 2005)⁶. De acordo com essas diretrizes, para um ensino eficaz, o professor não pode esquecer de que o aluno já utiliza a Língua Portuguesa cotidianamente e, portanto, possui conhecimentos intuitivos quanto à estrutura do Português, dominando, pelo menos, uma das modalidades dessa língua. Logo, cabe à escola proporcionar ao aluno condições para que possa expandir essa capacidade de uso da língua que já tem, estimulando o desenvolvimento de suas habilidades em comunicar-se sob diferentes gêneros, sobretudo aqueles de domínio público que exigem o uso do registro formal e da norma padrão da linguagem. Como é destacado no CBC (MINAS GERAIS, 2005, p. 9) no ensino de língua materna “é preciso considerar que o domínio da variedade culta é fundamental ao exercício crítico frente aos discursos da ciência, da política, da religião, etc.”

Nos últimos anos, buscando atender às sugestões dos PCN, os livros didáticos têm trazido em suas edições diversas atividades envolvendo gêneros textuais. Em nossa experiência em sala de aula, especificamente, nas aulas de produção de textos dissertativos e/ou argumentativos, no Ensino Médio, buscamos elaborar nosso planejamento conforme orientações dos PCN, ou seja, tendo como ponto de partida o trabalho com os gêneros textuais. Na busca por sugestões, percebemos que, entre as diversas atividades que visam a desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos, estão os trabalhos com o gênero editorial.

⁶ Manual emitido pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, com base nas orientações dos PCN. Este manual contém sugestões sobre o conteúdo básico comum a ser trabalhado nas escolas públicas e/ou particulares do estado.

Os livros didáticos, geralmente, apresentam o editorial como um “modelo” de texto a partir do qual os alunos devem aprender a conhecer e seguir um determinado tipo de estrutura, de estilo e forma de organização. Acreditamos que esses aspectos sejam imprescindíveis para o bom desempenho do aluno na produção de textos. Sabemos que existem outros textos, mais próximos da realidade do aluno, como os de revistas, por exemplo, que também poderiam ajudá-lo a compreender melhor o processo de construção da argumentação. Então, decidimos procurar, em vários livros didáticos, outras sugestões de atividades com editoriais, inclusive os de revistas, a fim de encontrar métodos mais atraentes e eficazes para o desenvolvimento de atividades com o editorial em sala de aula.

O que pudemos verificar nas atividades com o editorial nos livros didáticos pesquisados é que parece haver uma prioridade em se trabalhar apenas com textos de jornal. Entretanto, nossa experiência nos permitiu observar que os alunos despertaram maior interesse por textos de revistas do que por textos de jornais levados para a sala de aula⁷. Assim, decidimos selecionar editoriais nas revistas que mais agradaram aos alunos.

No decorrer do desenvolvimento das atividades com os editoriais, percebemos que os textos veiculados em revistas também seriam excelentes instrumentos⁸ para auxiliar no desenvolvimento das habilidades e competências comunicativas dos alunos, já que, nas revistas, os textos geralmente vêm acompanhados de figuras e cores, o que torna a leitura mais atraente, principalmente para os jovens.

Antes de prosseguirmos, é importante destacar que nos ocupamos em pesquisar jornais e revistas apenas impressos, pois os editoriais de jornais e revistas eletrônicos podem apresentar determinadas semelhanças em termos de imagens, cores e movimentos, cujas diferenças ou semelhanças demandaria outro trabalho de pesquisa. Por essa razão, não nos aprofundaremos neste assunto, pois nosso objeto de estudo, como já mencionamos, compõem-se apenas de textos da mídia impressa.

Ao trabalharmos com editoriais de revistas, deparamo-nos com certas características que despertaram nossa atenção: neles, há uma combinação entre palavras e imagens; o estilo

⁷ A fim de tornar a aula mais criativa decidimos levar jornais e revistas para a sala de aula para que os alunos pudessem perceber o gênero editorial em sua materialização concreta nos suportes nos quais são veiculados: jornais e revistas.

⁸ Schneuwly (2004) compreende o gênero textual como uma ferramenta, isto é, como um instrumento na perspectiva vygotskyana com o qual é possível exercer uma ação linguística sobre a realidade. Para ele, o uso de uma ferramenta resulta em dois diferentes efeitos de aprendizagem: por um lado, amplia as capacidades do usuário; por outro, amplia seu conhecimento a respeito do objeto sobre o qual a ferramenta é utilizada. (INNOCÊNCIO, 2006, p. 11).

em determinadas revistas é menos formal que os de jornais e o propósito comunicativo parece apresentar certas diferenças.

Feita essa primeira observação, partimos em busca de outras revistas, a fim de verificar se as características preliminarmente constatadas se repetiam. Nossa hipótese é a de que os editoriais das revistas apresentam regularidades textuais e discursivas que nos permitem inferir que se trata de um gênero que poderia ser classificado como diferente e independente do gênero editorial de jornal.

A partir daí, buscamos verificar, na literatura atual, de que forma são tratados os editoriais de jornais e os de revistas. Quanto ao editorial de jornal, encontramos vasta literatura sobre o assunto, entretanto, a maioria deles menciona e classifica os editoriais de revistas como subgênero do editorial de jornal, sem aprofundar suficientemente uma discussão sobre as diferenças e as especificidades de cada um; às vezes classificam-nos simplesmente como editoriais.

Verificamos também que, apesar de os PCN sugerirem o trabalho com os gêneros em sala de aula, os estudos sobre gêneros ainda se encontram em desenvolvimento e, até o momento, não é possível determinar com exatidão quais são os critérios mais eficazes para a caracterização dos gêneros para sanar as dificuldades de classificação.

Entretanto, ao verificarmos, preliminarmente, que há diferenças consideráveis entre os editoriais de revistas e os editoriais de jornais, decidimos realizar uma investigação mais aprofundada, apoiados em teorias que tratam da definição, da caracterização e da classificação dos gêneros, para melhor elucidar nossa hipótese. No decorrer dos estudos para melhor conhecimento do editorial deparamo-nos com alguns trabalhos acadêmicos que versam sobre esse assunto, entre eles a tese de Doutorado de Souza (2006), que trata da transitividade e da construção de sentido no gênero editorial.

No trabalho da referida autora, encontramos alguns fatores que nos despertaram a atenção. O primeiro deles é que Souza (2006) considera o editorial de jornal como o padrão e os editoriais de revistas como subgêneros dele. Outro aspecto que destacamos nessa tese diz respeito aos aspectos de multimodalidade que colaboram na construção de sentido do editorial nos jornais e nas revistas.

Embora Souza (2006) considere que os editoriais de jornais e os de revistas pertençam à mesma “família”⁹ de gêneros, percebemos, conforme já mencionamos acima, que, nos

⁹ (...) compartilhamos a ideia de que os gêneros textuais admitem variações e é assim que consideramos os dados analisados nessa pesquisa. Também ratificam essa posição as palavras de Sousa (2004), quando trata das diversas naturezas do editorial e chama a atenção para outros dois tipos. Os editoriais *mistos*, isto é,

editoriais de revistas, existem aspectos que lhes são peculiares e os diferem dos editoriais de jornais como, por exemplo, o uso de recursos gráficos e de imagens associadas à escrita. Acreditamos que tais aspectos poderiam ser explorados, para que o aluno compreendesse melhor certas regras que envolvem o processo de interação por meio da linguagem verbal e/ou não-verbal. Isso contribuiria não só para a produção de textos argumentativos, como também para o desenvolvimento de uma visão mais crítica em relação às diversas formas de expressão. Acreditamos, também, que uma leitura mais aprofundada e com mais compreensão será possível se o aprendiz for exposto às várias formas de utilização da língua, como, por exemplo, a língua em efetivo funcionamento na comunicação, por meio dos diversos gêneros textuais, entre os quais aqueles veiculados em revistas.

Um aspecto fundamental para o trabalho eficaz com os gêneros textuais em sala de aula refere-se ao conhecimento que o professor deve ter sobre o que é gênero e quais são suas características, pois, se o professor entender o que é gênero, poderá explorar melhor essa ferramenta (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004).

O trabalho com gêneros em sala de aula tem sido um tema bastante explorado por pesquisadores da área da Linguística Aplicada. O interesse de pesquisadores das Universidades do sul do País sobre esse assunto resultou na realização do SIGET (Simpósio Internacional de Gêneros Textuais) que, no ano de 2009, completará sua quinta edição e terá o ensino a partir de gêneros como foco de discussão¹⁰. O SIGET, conforme consta nas páginas de apresentação dos Anais sobre o encontro já publicados, é um evento na área de estudos da linguagem que visa a congregar pesquisadores envolvidos em estudos sobre gêneros textuais e divulgar estudos teóricos e aplicados que possam contribuir para releituras de diferentes enfoques e abordagens dos gêneros textuais.

Destarte, esperamos que nosso trabalho possa contribuir com as diversas pesquisas sobre gêneros, principalmente com aquelas que se referem à utilização dos gêneros no ensino da Língua Materna.

Durante nossas investigações, verificamos que os trabalhos consultados por nós a respeito do gênero partem de Bakhtin (1997). Assim, antes de iniciarmos nossas reflexões

aqueles que podem incorporar várias características como ser preventivo, informativo e intelectual, por exemplo. Os editoriais *de apresentação*, que são aqueles que apresentam um determinado número de um jornal ou de uma revista, justificando a abordagem de determinados assuntos, ou quando apresentam um novo órgão de comunicação que surge no mercado. Assim, a “Carta do Editor”, da Revista Época, a “Carta ao Leitor” da revista Veja, ao lado de “Na redação”, da “Uma e Redação e você”, da revista *Todateen*, pertencem à família do editorial. (SOUZA, 2006, p. 62)

¹⁰ Esse evento será realizado na Universidade de Caxias do Sul, no período de 11 a 14 de agosto de 2009. Estivemos presentes no IV SIGET realizado de 15 a 18 de agosto de 2007, na Universidade do Sul de Santa Catarina, na cidade de Tubarão- SC.

acerca de nossa pesquisa, julgamos necessário apresentarmos alguns conceitos que serão essenciais para nosso estudo. Primeiramente trataremos da noção de gênero e da origem desse termo, assim também sobre de que forma o gênero foi retomado pelos estudiosos da área do ensino de língua.

Bakhtin (1997), a partir da concepção aristotélica, retomou o conceito de gênero sob um enfoque discursivo interacionista, provocando assim, uma mudança de paradigma do termo gênero, ampliando sua abrangência para além dos estudos literários:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) [...] Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático), e pelo seu estilo de linguagem [...], mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos [...] estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. [...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso*¹¹ (BAKHTIN, 1997, p. 261-302)

Vários são os trabalhos sobre a mudança de paradigma que ocorreu com o termo gênero ao longo da História. Os trabalhos mais significativos nos quais nos baseamos a respeito deste assunto em geral partem dos estudos de Bakhtin (1997). Entre esses trabalhos, destacamos os estudos de Marcuschi (2005), que apresenta uma evolução histórica do termo gênero desde seu surgimento. Conforme esse autor, a expressão “gênero” existe no Ocidente há, pelo menos, 25 séculos e a observação sistemática, antes ligada apenas aos gêneros literários, iniciou-se em Platão e, posteriormente, firmou-se em Aristóteles, que suscitou discussões sobre os gêneros e a natureza do discurso.

Atualmente, a noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura, como afirma também Swales (1990, p. 33), ao dizer que “realmente hoje, gênero é facilmente usado para fazer referência a uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”¹². É assim que se usa a noção de gênero na Etnografia, na Sociologia, na Antropologia, na Retórica e na Linguística e é nesta última que nos interessa analisar a noção de gênero.

Dentre as diversas definições de gênero, destacamos aquela apresentada por Marcuschi (2005):

¹¹ Grifos do autor

¹² “Indeed today, genre is quite easily used to refer to a distinctive category of discourse of any type, spoken or written, with or without literary aspirations.” – tradução nossa.

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (MARCUSCHI, 2005, p. 22).

Essa definição apresentada é adequada para nossas reflexões, porque esse autor concebe o gênero textual de uma maneira ampla, “propositalmente vaga”. Isso possibilita o trabalho com uma variedade maior de textos que não são classificados numa categoria específica de gêneros, mas são associados a outros gêneros, como subgêneros ou pertencentes à família de determinados gêneros. No entanto, indagamos até que ponto a noção de gênero deveria ser “propositalmente vaga”. Esperamos que a definição de gênero proposta por Bakhtin (1997) e a análise dos três aspectos constitutivos dos gêneros, particularmente daqueles os quais nos propomos a investigar, contribuam para o esclarecimento dessa questão.

Os estudos bakhtinianos foram adotados por vários outros pesquisadores, entre eles destacamos Dolz e Schneuwly (2004), estudiosos suíços que desenvolveram trabalhos na Universidade de Genebra sobre o ensino de língua a partir de gêneros. Alguns dos mais importantes trabalhos desses estudiosos foram traduzidos por Rojo (2004) e servem de orientação para a atividade docente, pois esclarecem dúvidas “quanto a como pensar o ensino dos gêneros escritos e orais e como encaminhá-lo de maneira satisfatória: dúvidas sobre o *modo de pensar* e o *modo de fazer*”¹³ esse ensino de novos objetos”. (ROJO, 2004, p.12)¹⁴.

Outra noção que julgamos fundamental é a de texto e, para fins deste estudo, destacamos aquela proposta por Koch (2006, p. 9): “o texto é um construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado, cujos segredos é preciso desvendar para compreender melhor esse milagre que se repete a cada nova interlocução”.

Se considerarmos o texto como uma construção histórico-social multifacetada, necessitamos de uma habilidade linguística que ultrapasse os aspectos linguísticos formais e alcance a compreensão da significação total do texto e dos processos de construção do significado, a fim de desvendar os possíveis segredos nele contidos.

Dessa forma, retomamos a noção de gênero, que será discutida de forma mais detalhada no capítulo do Referencial Teórico, para investigar um gênero midiático, que será objeto de nossa investigação. Trata-se de duas modalidades¹⁵ de editorial, sendo uma de

¹³ Grifos da autora

¹⁴ Nesta obra Rojo trata da importância dos estudos desses autores para a elaboração dos PCN que atualmente orientam o trabalho docente no Brasil.

¹⁵ Determinamos chamar de duas modalidades porque acreditamos que os textos das revistas possuem semelhanças entre si, assim como os textos dos jornais também possuem semelhanças entre si. Porém essas

revistas e outra de jornais de circulação nacional. Decidimos denominar de “duas modalidades de gênero” porque, embora sejam classificadas na literatura atual como o mesmo gênero, há alguns trabalhos que denominam o editorial de jornal como um gênero e os das revistas como subgênero ou como um editorial de apresentação. Entretanto, não encontramos nenhum trabalho que trate especificamente dos critérios que determinam por que um seja subgênero do outro ou, ainda, qual o vínculo que os mantém caracterizados como o mesmo gênero, apesar das diferenças existentes entre os editoriais de jornal e os editoriais de revista¹⁶.

Conforme já mencionamos, nosso *corpus* compõe-se de duas modalidades de editoriais, sendo a modalidade editorial de jornal comumente considerada o gênero e o editorial de revista um subgênero deste. Nossa pesquisa orienta-se no sentido de considerar o editorial de revista como gênero independente e não subgênero do editorial de jornal. Por isso, julgamos necessário utilizar uma teoria que nos possibilite a realização deste propósito.

Embora haja vários estudos que observam e analisam os diversos gêneros produzidos em todas as esferas de atividade da vida contemporânea, não encontramos, entre os estudos sobre os gêneros jornalísticos, nenhum que trate especificamente das diferenças existentes entre os aspectos constitutivos dos gêneros¹⁷ que compõem nosso *corpus*. É importante ressaltar que, na literatura atual, os editoriais das revistas são classificados como um subgênero do editorial padrão¹⁸ sem, contudo, haver um aprofundamento sobre essa classificação.

Todavia, é possível perceber que os textos das revistas possuem várias semelhanças entre si. Tais semelhanças são muito evidentes nos textos das revistas e não são encontradas nos editoriais de jornais. Por essa razão, nossa hipótese é a de que os textos das revistas poderiam ser classificados como gênero “independente” e não como subgênero do editorial de jornal, que é o que consta na literatura atual que trata desse assunto.

Assim, para evidenciarmos as semelhanças entre os textos de revistas e suas diferenças com os textos dos jornais, neste estudo, propomos uma análise do *corpus*, focalizando, primeiramente, os três aspectos constitutivos do gênero, conforme Bakhtin (1997), quais

semelhanças não são encontradas entre os textos de revistas e os textos de jornais. Portanto, julgamos tratar-se de duas modalidades diferentes.

¹⁶ Souza (2006) afirma que as diferenças encontradas entre os editoriais de jornais e os de revistas não são suficientes para caracterizá-los como gêneros distintos. Entretanto, discordamos dessa afirmação, pois na perspectiva de gênero proposto por Bakhtin, o que caracteriza e determina o gênero é o conteúdo temático, o estilo e a organização composicional e esses aspectos parecem ser diferentes, ao compararmos os editoriais de jornal e os de revista.

¹⁷ Por considerarmos que os editoriais de jornais e os “chamados” editoriais de revista são gêneros distintos, usaremos estas duas denominações para os dois. Embora consideremos a diferença entre ambos, nosso trabalho não se propõe a renomear os “editoriais de revista”, pois não é esse o foco de nosso trabalho.

¹⁸ Por editorial padrão, entendemos, conforme Marques de Melo (2003), como um gênero exclusivo dos jornais. Esse autor ainda diz que os editoriais de revista pertencem à família do editorial, sendo assim, um subgênero deste.

sejam: a organização composicional, o estilo e o conteúdo temático. Entretanto, acreditamos que a análise desses aspectos poderiam não ser suficientes para atingirmos nossos propósitos. Por essa razão, além dos aspectos constitutivos do gênero propostos por Bakhtin (1997), analisamos também o propósito comunicativo, na perspectiva de Swales (1990), a multimodalidade no gênero editorial, a partir dos estudos de Dionísio (2006) e Sousa (2006) e, ainda, a influência que o suporte exerce na caracterização do gênero, conforme Marcuschi (2003).

Nos mais variados estudos sobre gêneros, sempre é ressaltada a preocupação em reunir textos que obedeçam a uma tipologia geral, pelas especificidades e diferenças que mantêm entre si. Atualmente, esses estudos têm-se intensificado, na busca de novas estratégias que possam contribuir para o trabalho docente daqueles que lidam com o uso da linguagem.

Dentre os estudiosos que se preocupam com essa questão, têm adquirido destaque os estudos de Travaglia (2006), que trata da importância de se trabalhar o ensino de língua materna a partir de uma classificação textual, de acordo com dois conceitos elaborados por ele: o de categoria e o de tipelemento, cujas definições trataremos posteriormente, no capítulo segundo. Esse autor defende que essa classificação é “capaz de organizar de uma forma melhor o trabalho de pesquisa e ensino das categorias de texto” (TRAVAGLIA, 2006, p. 3).

Nosso trabalho está direcionado ao estudo do texto em suas variadas manifestações, tendo em vista sua utilização como objeto de ensino da Língua Portuguesa. Assim, esperamos contribuir com as pesquisas de análise de gêneros, visto que, quanto maior e mais variado for o número de gêneros analisados, maior será o entendimento acerca da relação entre a linguagem, a cultura e a sociedade, uma vez que os gêneros estão vinculados à cultura e à vida social de uma comunidade.

É necessário destacar que, do ponto de vista de sua relevância, esta pesquisa tenta clarear o conceito de gênero textual a partir da análise de exemplares de gêneros retirados de revistas e de jornais; ao mesmo tempo, conforme já mencionamos, esperamos contribuir com a área da Linguística Aplicada, pois buscamos produzir uma descrição coerente desse gênero específico (os editoriais de revistas e editoriais de jornal), que poderá ser útil ao trabalho didático com a língua.

Como aporte teórico de sustentação desta investigação, utilizamos também pesquisas em Linguística Aplicada, principalmente as que se referem à Linguística Textual e aos estudos textuais no processo de desenvolvimento do texto e na produção de diferentes gêneros discursivos.

Objetivos

Objetivo Geral

Verificar, por meio dos aspectos constitutivos do gênero, conforme proposto por Bakhtin (1997), em que extensão as regularidades encontradas nos textos das revistas e nos textos de jornais que compõem o *corpus* são suficientes para nos permitir classificá-los como gêneros distintos.

Objetivos específicos

1. Identificar os três aspectos constitutivos do gênero, quais sejam, o conteúdo temático, o estilo e a organização composicional;
2. Verificar as regularidades e diferenças entre os aspectos constitutivos dos gêneros retirados das revistas e dos jornais e, também, quais as possíveis interferências que o suporte pode exercer em cada uma das modalidades de gêneros analisadas.
3. Identificar, analisar e comparar o propósito comunicativo das duas modalidades de gênero que compõem o *corpus*;
4. Descrever, analisar e comparar os aspectos de multimodalidade presentes nas duas modalidades de gênero.

Hipótese

Para o desenvolvimento da pesquisa, partimos da hipótese de que os textos denominados editoriais de revistas apresentados no início de cada edição, apresentam regularidades textuais e discursivas diferentes das encontradas nos textos de jornais, também denominados editoriais. A análise das diferenças entre as regularidades dos textos das revistas e os dos jornais poderá permitir determinar que se trata de dois gêneros diferentes. Assim, partimos do conceito de gênero cunhado por Bakhtin (1997) e analisamos os três aspectos constitutivos do gênero proposto por esse autor.

Além dos aspectos constitutivos do gênero que compõem o *corpus*, acreditamos que há outros aspectos que são fundamentais para sua caracterização: a multimodalidade e o suporte. No que se refere a este último, acreditamos que o gênero pode sofrer alterações, dependendo de onde seja veiculado.

O outro aspecto que também foi analisado, a fim de verificar nossa hipótese, é o propósito comunicativo na modalidade de gênero das revistas e dos jornais. Acreditamos que o propósito comunicativo dos editoriais de revistas seja diferente daquele dos editoriais de jornal.

Ao confrontarmos os resultados obtidos no levantamento das regularidades detectadas na análise dos textos que compõem o *corpus* e compará-los, buscamos averiguar se os textos das revistas e os textos de jornais constituem dois gêneros com características suficientes que nos permitam classificá-los como gêneros independentes, portanto, distintos.

Perguntas de pesquisa

A partir da hipótese aventada, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Que características os textos que compõem o *corpus* selecionado apresentam, em termos de conteúdo temático, organização composicional, estilo, propósito comunicativo, multimodalidade e influência do suporte no qual são veiculados?
2. De que forma os editoriais das revistas podem ser considerados como um gênero diferente, por isso, independente do editorial de jornal?

Esta dissertação foi organizada da seguinte forma: após a introdução, o capítulo primeiro apresenta o referencial teórico que embasou a pesquisa; no segundo, é apresentada a metodologia de trabalho e, no terceiro, a análise do *corpus*. Finalmente, são tecidas as considerações finais.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No presente capítulo, procuramos indicar as principais bases teóricas para a investigação do *corpus* selecionado para este estudo. Para isso, discutimos, entre os principais aportes teóricos existentes nas pesquisas sobre gêneros, aqueles que nos parecem mais relevantes para o presente trabalho. Esperamos que nosso trabalho contribua para as inúmeras pesquisas sobre gêneros, embora saibamos que nenhuma obra de extensão razoável, por mais trabalhosa que fosse, poderia pretender abrangê-los em sua totalidade, como afirmam diversos estudiosos do assunto. Entre esses pesquisadores, destacamos as palavras de Swales (2004):

O substancial crescimento dos estudos de gêneros hoje torna inviável para qualquer obra de tamanho razoável oferecer um panorama abrangente das publicações relacionadas com o mundo acadêmico em sua multifacetada inteireza (SWALES, 2004, p. 2).

Antes de iniciarmos a discussão sobre o gênero, abordaremos algumas questões que julgamos prescindirem qualquer análise na qual se pretenda utilizar textos como objeto de pesquisa. Inicialmente, trataremos de alguns diferentes enfoques que os textos receberam ao longo do desenvolvimento dos estudos lingüísticos. Primeiramente, trataremos da noção de texto proposto pela Linguística Textual que, além de considerar o texto como seu objeto de estudo, é rica em estudos pautados na análise crítica de textos orais e/ou escritos e agrega a contribuição tanto de linguistas textuais quanto de estudiosos de outras áreas, que cooperam na investigação da produção de sentido dos textos.

1.1 O texto como foco de estudo

Os estudos sobre o texto, conforme Fávero e Koch (2002), tiveram início a partir da década de 1960, quando surgiu a necessidade de um estudo que não se limitasse à frase, já que a comunicação humana se dá por meio de textos¹⁹. Essa mudança na investigação da frase para o texto, entendido como unidade legítima de comunicação, foi acompanhada pela consideração do sujeito e do contexto comunicativo nas análises da língua. As investigações

¹⁹ A noção de texto adotada neste trabalho será apresentada e discutida no item 2.1.1

da Linguística Textual passaram por três momentos, sobre os quais faremos um breve comentário.

O interesse predominante, em um primeiro momento, conforme afirmam Fávero e Koch (2002, p.13), voltava-se para a análise transfrástica, cujo principal objetivo era “estudar os tipos de relação que se podem estabelecer entre os diversos enunciados que compõem uma sequência significativa”,

Em um segundo momento, o foco de pesquisa recaiu sobre a construção de gramáticas textuais, cuja finalidade era refletir sobre fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado. Sob a influência da abordagem gerativista, privilegiava-se, nesse momento, a competência textual do falante de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados. Nessa linha, o texto era visto como uma unidade linguística hierarquicamente mais elevada, cuja análise era do texto para seus constituintes, a fim de se determinar as estruturas do texto por meio de regras de uma gramática textual.

Finalmente, em um terceiro momento, abandonou-se a ideia da elaboração de uma gramática textual, capaz de descrever a competência textual do falante, para analisar o texto, objeto precípuo de estudo da Linguística Textual. Conforme Fávero e Koch (2002 p. 15), nessa terceira fase, estuda-se o texto “no seu contexto pragmático: o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido em geral, como conjunto de condições – externas ao texto – da produção, da recepção e da interpretação do texto”. Esse passa a ser entendido como um processo e não mais como um produto, o que implica considerar não mais a competência textual do falante, mas sua competência comunicativa²⁰.

Os estudos que se empreendem sobre o texto, na atualidade, são derivados desse último período. Assim, o centro de interesse dos linguistas textuais passa a ser o texto, a partir de suas condições externas de produção, recepção e interpretação. Segundo Marcuschi (1983, *apud* KOCH, 2005, p. 27), a Linguística Textual deve ser vista “mesmo que provisória e genericamente como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais”.

Marcuschi (1983, p. 2) destaca que a tarefa da Linguística Textual é tratar “dos processos e das regularidades gerais e específicas segundo as quais se produz, constitui, compreende e descreve o fenômeno texto”. Assim, com o intuito de analisar e explicar o texto

²⁰ De acordo com FÁVERO e KOCH (2006, p. 16), “competência comunicativa é a capacidade de o falante empregar adequadamente a linguagem nas diversas situações de comunicação”. Em outras palavras, é a adequação da comunicação às múltiplas situações de interação, ou seja, consiste na aptidão que os interactantes têm em produzir e interpretar os textos em geral, por meio do acionamento de estratégias de ordem sociocognitiva, interacional e textual.

em funcionamento, oferecendo meios de melhorar a competência comunicativa do sujeito, a Linguística Textual firma-se como um ramo da Linguística que dialoga com outros saberes em uma relação interdisciplinar, como nos coloca Marcuschi (1998 *apud* MUSSALIM; BENTES, 2004, p. 252): “uma disciplina de caráter multidisciplinar, dinâmica, funcional e processual, considerando a língua como não-autônoma nem sob seu aspecto formal.”

Nesse sentido, destacamos que as bases científicas nas quais nos apoiamos neste estudo advêm da Linguística Textual, de perspectiva sociointeracionista discursiva, que concebe a linguagem como meio de interação entre os indivíduos e, nessa perspectiva, recorremos aos estudos de Bakhtin (1997), para a definição de gênero; Swales (1990), com a noção de propósito comunicativo; Dionísio (1986), que trata da multimodalidade dos gêneros; e Marcuschi (2003), que trata da influência do suporte sobre o gênero.

Apresentamos, a seguir, uma breve reflexão sobre algumas definições de texto e destacamos aquela que adotamos nesse trabalho. Em seguida, fazemos um breve relato sobre o origem e o percurso do termo gênero.

1.1.1 Algumas definições de texto

Segundo Koch (2004, p. 12), o texto pode ser definido de acordo com diferentes concepções, tais como: I) frase complexa (concepção de base gramatical); II) signo complexo (base semiótica); III) expansão tematicamente centrada de macroestruturas (base semântica); IV) ato de fala complexo (base pragmática); V) meio específico de realização da comunicação verbal (base comunicativa); VI) produto acabado de uma ação discursiva (base discursiva); VII) processo que mobiliza operações e processos cognitivos (base cognitivista) e VIII) lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentido (base sociocognitiva interacional).

Neste trabalho, privilegiaremos a aceção de base sociocognitiva interacional, que concebe o texto como lugar de interação e de construção de sentidos, uma entidade concreta, cuja extensão varia pragmaticamente. Nesse sentido, o texto não mais é visto como um produto, mas sim, como um processo, pois consideram-se suas condições de produção e recepção. Assim, o sentido somente poderá ser efetivado a partir da consideração do processo de construção da significação que envolve a interação; e a língua, por sua vez, é concebida não mais como um sistema autônomo, independente de fatores extratextuais, ou que se

interessa não apenas pelo seu funcionamento em uma dada comunidade, mas, sim, como principal mediadora das interações sociocomunicativas de uma sociedade.

Nessa concepção de língua como lugar de interação, os sujeitos são considerados ativos, atualizadores de imagens e representações pelas quais a comunicação existe. Esses sujeitos também podem ser considerados colaboradores, pois a construção de sentido se dá por meio de uma atitude responsiva ativa do outro, ou seja, uma recepção ativa do discurso de outrem, conforme Bakhtin (1997):

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. (...) toda compreensão é prenhe de resposta, e, nessa ou naquela forma, a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 1997, p. 271).

Koch (2003, p. 17) afirma que o texto também pode ser entendido como o “o próprio lugar de interação e os interlocutores, como sujeitos ativos, que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos”.

Bakhtin (1997, p. 31) afirma que “a especificidade das ciências humanas está no fato de que seu objeto é o texto (ou o discurso)”. Barros (1997, p. 28), faz o seguinte comentário a partir dessa afirmação de Bakhtin:

[...] isso significa dizer que as ciências humanas voltam-se para o **homem**²¹, mas é o homem como produtor de textos que se apresenta aí. [...] o homem não é só conhecido através dos textos, como se constrói enquanto objeto de estudos nos ou por meio dos textos (BARROS, 1997, p. 28).

As afirmações de Koch, Bakhtin e Barros, citadas acima, de que os sujeitos se constituem a partir dos textos, permitem-nos observar as intenções ou propósitos desses sujeitos a partir da análise das particularidades dos textos produzidos por eles. É importante destacar que, para Bakhtin (1997, p. 308), as intenções dos sujeitos e a realização dessas intenções constituem a natureza do texto: “dois elementos que determinam o texto como enunciado: a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção. As inter-relações dinâmicas desses elementos, a luta entre eles, é que determina a índole do texto.”

Outra concepção de texto apresentada por Bakhtin (1997, p. 310), que julgamos importante destacar, diz respeito ao estatuto exclusivo e não-reproduzível que ele confere a

²¹ Grifo da autora

esse termo. Isso quer dizer, conforme o autor, que, se tentássemos reproduzir um texto já veiculado em qualquer instância de comunicação, jamais o conseguiríamos de modo idêntico, pois o contexto sócio-histórico, bem como os aspectos da situação em que o texto foi produzido não seriam os mesmos. Nossa ação estaria inserida em um contexto comunicacional diverso, com outros aspectos de situação, sendo isso que justamente garante o caráter exclusivista do texto.

No decorrer do desenvolvimento da Linguística Textual, surgiram inúmeras concepções de texto a partir de critérios específicos que garantem a textualidade. Por essa razão, consideraremos duas definições de texto. Uma delas ultrapassa as marcas linguísticas e considera no texto a interação entre imagem e palavra: texto “designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizada através de um sistema de signos” (FÁVERO; KOCH, 2002, p. 25).

A outra definição que consideramos adequada à nossa pesquisa é aquela apresentada por Koch e Travaglia (1990):

O texto é visto como uma unidade linguística concreta (perceptível por um dos sentidos: para a língua geralmente a audição ou a visão), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão (KOCH; TRAVAGLIA, 1990, p. 10).

Essa definição serve aos nossos propósitos, porque considera o caráter interativo da linguagem, incluindo fatores extralinguísticos, e nosso *corpus* é composto de textos que buscam mais interação entre produtor e leitor; foi elaborado visando a uma interação comunicativa específica que será explorada em outro momento.

Após apresentarmos as definições de texto que sustentarão nosso trabalho, apresentamos a conceituação de gêneros, relevante aos nossos propósitos de investigação, pois os gêneros referem-se às situações nas quais os textos são manifestados. Essas situações são conhecidas por elementos específicos de composição temática, de estilo e de construção composicional.

1.1.2 Texto e Gênero

Vários estudiosos discutem a relação de interdependência entre gêneros e texto²². Por interdependência, entendemos a dependência recíproca que existe entre dois *elementos*²³, por exemplo, o texto, considerado aqui como a materialização discursiva e o gênero, que é a forma pela qual o texto se apresenta. Entendemos que não há como dissociá-los, pois os gêneros são constituídos por textos e o estudo de textos leva obrigatoriamente à consideração do gênero e vice-versa.

Essa relação de interdependência, conforme já mencionamos, é sempre discutida pelos estudiosos da língua/linguagem, entre os quais destacamos Rojo e Cordeiro (2004), que tratam do enfoque dos textos em sala de aula, a partir das orientações dos PCN (BRASIL, 1998). Essas duas autoras enfatizam a questão da interdependência entre texto e gênero e citam algumas passagens dos PCN:

Ainda que a unidade de trabalho seja o texto, é necessário que se possa dispor tanto de uma descrição tanto de **elementos regulares e constitutivos do gênero**²⁴, quanto das particularidades do texto selecionado...

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a esse ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino (ROJO; CORDEIRO 2004, p 11).

Como se observa na proposta das autoras, ao classificarmos um texto em determinado gênero, temos que considerar traços comuns, como o estilo, o conteúdo temático e a estrutura composicional. Essa preocupação é também apresentada por Koch (2006, p. 9), que, além desses aspectos, destaca a importância do trabalho com textos e mostra a necessidade de considerarmos os aspectos históricos sociais envolvidos no processo de produção e interpretação dos textos

Em relação à interdependência entre texto e gênero, Marcuschi (2005, p. 23) defende que “gêneros textuais constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas.” Percebe-se que, sempre que determinado estudioso discorre sobre gênero, a palavra texto está associada a ele, numa relação de interdependência. Não há como analisar um gênero, separado do texto e vice-versa. A partir dessas considerações, percebe-se

²² Admitindo a relação de interdependência entre texto e gênero, nesse trabalho, apesar de apresentarmos as definições de um e de outro, no decorrer de nossas discussões usaremos esses termos como sinônimos.

²³ Destacamos a palavra elemento porque julgamos este ser um sintagma amplo e adequado para exemplificar que a reciprocidade é uma relação binária que pode ocorrer em qualquer circunstância.

²⁴ Grifo nosso.

que não há como dissociar a análise de textos da análise de gêneros, pois esses, indiscutivelmente, encontram-se imbricados em uma relação complexa que envolve estilo, composição e conteúdo temático.

Todavia, atualmente, a análise dos chamados editoriais de revistas nos força a buscar uma teoria que seja mais ampla e flexível, que consiga abordar a multiplicidade de gêneros aos quais os alunos são expostos nas diversas esferas de atividade. Verifica-se, assim, a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre a classificação desses textos, enquadrando-os como pertencentes a determinados grupos ou famílias de gênero.

Antes de avançarmos para essa análise mais aprofundada, continuaremos com o percurso evolutivo nos estudos sobre texto e gênero. Passaremos, então, às reflexões acerca da origem do termo “gêneros” e de como as pesquisas sobre linguagem, a partir de Bakhtin (1997), adquiriram um novo enfoque, desvinculado da literatura.

1.2 O gênero em Bakhtin

Quando pensamos em gêneros, não há como deixar de mencionar os estudos de Bakhtin (1997), pois esse autor foi o precursor das orientações teóricas sobre os gêneros, constantemente resgatadas e utilizadas nos estudos que envolvem texto. Conforme já apresentamos, Bakhtin não foi o primeiro a falar sobre os gêneros, mas foi esse estudioso quem propiciou uma nova abordagem para essa temática, ampliando a visão dos pesquisadores para além dos interesses literários.

Bakhtin (1997) retomou as discussões em torno dos gêneros e, para defini-los, partiu da verificação de que todas as esferas de atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua, ampliando, assim, o estudo dos gêneros para as mais diversas áreas. Esse autor afirma que a utilização da língua se dá em forma de enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, mas também por sua construção composicional. Assim, o tema, o estilo e a construção composicional formam um tipo característico de enunciado no interior de um dado espaço de comunicação.

Bakhtin (1997) chamou a atenção para a diversidade dos gêneros, que não se vinculam somente à literatura, pois são utilizados em todas as esferas de atividade humana e vão-se diferenciando e ampliando, à medida que essas esferas se desenvolvem ou ficam mais complexas. Nesse sentido, qualquer enunciado considerado isoladamente é individual, mas

cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso denominado “gênero do discurso”.

Outra questão importante destacada por Bakhtin é o que ele denomina heterogeneidade do discurso, seja ele oral ou escrito, abarcando a réplica do diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta (com suas variadas formas) e outros. Uma significativa observação de Bakhtin (1997, p. 280) é que “a diversidade funcional parece tornar os traços comuns a todos os gêneros do discurso abstratos e inoperantes”.

A heterogeneidade dos gêneros do discurso dificulta a tarefa de definir o caráter genérico do enunciado. Diante dessa dificuldade, Bakhtin fez uma classificação bastante ampla dos gêneros, considerando a diferença essencial existente entre os gêneros primários e os secundários.

Gêneros primários (simples) são constituídos por atos comunicativos da vida cotidiana e mantêm uma relação imediata e espontânea com as situações em que são produzidos, como, por exemplo, o diálogo cotidiano, a carta, o bilhete etc. Já os gêneros secundários (complexos) são aqueles produzidos em situações de trocas culturais complexas e mais evoluídas, constituídos pelos gêneros principalmente da escrita, desenvolvidos nas áreas artística, científica e sociopolítica.

Bakhtin acrescentou, ainda, que os gêneros primários, quando se tornam componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro desses e adquirem uma característica particular, pois perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. Para exemplificar e melhor esclarecer o que vêm a ser gêneros secundários, o autor cita como exemplo a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, inseridas no romance. O autor mostra como esses gêneros conservam suas formas e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, ou seja, romance concebido como fenômeno da vida literária artística e não da vida cotidiana.

Nesse sentido, a distinção entre gêneros primários e secundários é de grande importância teórica, pois, a partir da análise de ambos, é possível elucidar a natureza complexa do enunciado.

A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Definindo gêneros como tipos relativamente estáveis quanto ao conteúdo, à construção composicional e ao estilo, Bakhtin postula que o conceito de estilo está ligado ao de gênero do discurso, isto é, o estilo é um dos elementos constitutivos do gênero, o que o leva a afirmar:

Quando há estilo há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero (BAKHTIN, 1997, p. 286)

O vínculo entre estilo e gênero é indissolúvel e isso pode ser percebido quando se analisa a questão sob a ótica da funcionalidade do gênero, pois cada esfera da atividade e da comunicação humana tem seu estilo peculiar:

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (...) e dadas condições específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (BAKHTIN, 1997, p. 284)

Para melhor entendermos o conceito de estilo e a relação gênero-estilo, é necessário entender a concepção bakhtiniana de enunciado. Bakhtin (1997) estabelece uma relação entre frase, oração e enunciado. A oração, assim como a palavra, é a unidade da língua e como unidade de língua, é um recurso virtual e não se refere a nenhuma realidade determinada. Conforme Brandão (2005), “por ser virtual, não tem autor, não é de ninguém e, conseqüentemente, é um elemento neutro, não comportando aspectos expressivos ou emotivo-valorativos”. Em contraposição, o enunciado é a unidade real de comunicação que remete a uma situação concreta; é uma expressão individualizada da instância locutora, lugar em que o locutor manifesta sua subjetividade, sua atitude emotivo-valorativa em relação ao objeto de seu discurso e ao seu interlocutor.

Segundo Bakhtin (1997), o enunciado apresenta características próprias que nos permitem diferenciá-lo da frase ou da oração. Entre essas características destacam-se as seguintes:

- a) Há alternância dos sujeitos falantes que compõe o contexto do enunciado;
- b) O enunciado apresenta um acabamento específico por meio do qual se percebe que o locutor disse ou escreveu tudo o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. E é também pelo acabamento que, ao ouvir ou ao ler um enunciado, sentimos claramente que ele se apresenta como finalizado, concluído. O mais importante dos critérios

de acabamento do enunciado é a possibilidade de o interlocutor adotar uma atitude responsiva para com esse enunciado. Tal atitude vai desde uma resposta a uma pergunta banal, até uma posição frente a uma posição científica e/ou um romance.

c) Um dos fatores que determina o acabamento do enunciado e proporciona uma atitude responsiva é o querer dizer do locutor;

d) Para concretizar esse querer dizer, o locutor escolhe uma forma de comunicação adequada à esfera de atividade em que se encontra, isto é, um gênero do discurso.

e) Outra particularidade constitutiva do enunciado é a relação do enunciado com o próprio locutor e com outros parceiros da comunicação verbal.

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e representa a instância ativa do locutor numa ou noutra esfera do objeto do sentido. Por isso o enunciado caracteriza-se, acima de tudo, pelo conteúdo preciso do objeto do sentido” (BAKHTIN, 1997, p. 308).

f) Numa primeira fase, a execução desse objeto do sentido vai determinar que o locutor faça a escolha do gênero do discurso apropriado à esfera de atividade em questão, e na segunda fase, a escolha da composição e do estilo, correspondente à necessidade de expressividade do locutor ante o objeto de enunciado. A importância e a intensidade dessa fase expressiva variam de acordo com as esferas da comunicação verbal, mas existe em todo tipo de manifestação discursiva: “um enunciado absolutamente neutro é impossível” (BAKHTIN, p. 308).

Em relação à expressividade e, conseqüentemente, à noção de estilo, Bakhtin fez as seguintes observações:

- O princípio expressivo do discurso não é um fenômeno da língua como sistema, pois somente o enunciado concreto comporta a expressividade, o que não ocorre com a frase e a oração.

- A expressividade se marca pela relação emotivo-valorativa do locutor com o objeto do discurso e a entonação expressiva é um dos recursos para expressar a relação do locutor com o objeto do seu discurso.

- A escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado é feita a partir das intenções que presidem ao todo do enunciado. É esse todo que determina a expressividade de cada uma das escolhas que fica afetada pela expressividade do todo, isto é, pelas especificidades do gênero.

- A expressividade não se limita à expressão emotivo-valorativa do locutor com seu objeto do sentido, porque o enunciado, sendo um elo na cadeia da comunicação verbal, mantém uma relação dialógica com outros enunciados; a expressividade de um enunciado se marca, portanto, por essa relação com outros enunciados.

- A noção de estilo não engloba apenas a noção de expressividade como manifestação da valoração do locutor frente ao seu objeto de discurso. O estilo compreende também a relação dialógica do locutor com seu interlocutor, levando em conta sua possibilidade de percepção/recepção, fato que determinará a escolha do gênero.

- O estilo é individual e coletivo ao mesmo tempo. É coletivo, porque sempre falamos dentro de um gênero e o gênero se caracteriza pela sua tipicidade, por determinados elementos de base que se caracterizam pela permanência. Mas, ao mesmo tempo, os gêneros se concretizam em enunciados que, como unidades reais de comunicação, são assumidos por falantes, por indivíduos marcados por sua singularidade.

Verificamos que, em Bakhtin (2007), o aspecto constitutivo do gênero que recebe maior ênfase do autor é o estilo. Entretanto, reconhecemos que o conteúdo temático, a organização composicional e o estilo, embora apresentem aspectos peculiares, não são estanques, portanto, não devem ser considerados separados, pois inúmeros são os trabalhos sobre gêneros que chamam a atenção para a imbricação dos três aspectos constitutivos do gênero e o que cada aspecto engloba em particular.

A fim de melhor elucidarmos os aspectos a respeito do conteúdo temático e da organização composicional, investigamos outros trabalhos sobre esse assunto, os quais tratamos no próximo tópico.

1.2.1 Conteúdo temático, estilo e organização composicional

Bakhtin (1997), em seu ensaio sobre os gêneros, postula que os eles são compostos por três elementos básicos constitutivos (estilo, conteúdo temático e organização composicional). Conforme já mencionamos, o autor dá maior ênfase às reflexões sobre o estilo e não fornece definições detalhadas sobre o conteúdo temático nem sobre a organização composicional. Isso obriga os pesquisadores do gênero a realizarem um trabalho de interpretação, reunindo as informações nas suas diversas obras, como afirmam Catunda e Soares (2007):

O aspecto temático, a representação que o enunciador faz da situação e de seu interlocutor e o aspecto expressivo determinam o estilo e a composição dos enunciados. Observa-se, porém, que o autor [Bakhtin] não fornece definições precisas sobre esses elementos, o que nos obriga a um certo trabalho interpretativo, nem sempre abordado explicitamente pelos textos, mas tendo os indícios deixados pelo autor, em diferentes passagens de sua obra, como suporte para análise dos três elementos. Percebe-se, também, que esses elementos não recebem igual peso em termos de destaque pelo autor. Dos três elementos, Bakhtin se ocupa prioritariamente do estilo, medianamente do conteúdo temático e dirige muito pouca atenção às formas composicionais. (CATUNDA; SOARES, 2007, p. 116).

Em relação a esses três elementos constitutivos do gênero, gostaríamos de destacar que não consideramos que esses elementos possam ser facilmente separados, já que a linguagem é um processo de interação. A separação e a diferenciação demandariam outro trabalho de pesquisa.

Lembramos que a análise desses elementos que estão imbricados na constituição do gênero possibilitará reconhecermos as possíveis diferenças na constituição dos gêneros que compõem o *corpus* dessa pesquisa. Assim, julgamos importante destacar quais aspectos consideramos durante a análise dos elementos constitutivos dos editoriais de jornal e de revista dos quais nos servimos nesse estudo. Para isso, buscamos seguir as sugestões de pesquisadores envolvidos no trabalho com gêneros e que direcionam esses trabalhos rumo à melhoria das atividades docentes.

Dentre esses trabalhos, destacamos o de Machado e Cristóvão (2006), em seus estudos sobre a construção de modelos didáticos de gêneros. Essas pesquisadoras inspiram-se nos trabalhos de um grupo de estudiosos da Universidade de Genebra, que desenvolvem pesquisas sobre os gêneros como objetos de ensino. Sobre os trabalhos dos pesquisadores genebrinos, Cristóvão e Machado (2006) fazem a seguinte observação:

De acordo com os pesquisadores do Grupo de Genebra²⁵, para que os objetivos de ensino-aprendizagem de gêneros possam ser atingidos, as práticas escolares de produção textual devem ser norteadas pelo que chamam de *modelo didático do gênero*²⁶ a ser ensinado, isto é, por um objeto descritivo e operacional, construído para apreender o fenômeno complexo da aprendizagem de um gênero. A construção desse modelo de gênero permitiria a visualização das dimensões constitutivas do gênero e seleção das que podem ser ensinadas e das que são necessárias para um determinado nível de (MACHADO; CRISTÓVÃO, 2006, p.556-557).

²⁵ Dolz, Schneuwly, Bronckart e outros.

²⁶ Grifo das autoras.

As autoras, alicerçadas em Bronkard (2003), destacam que, para a elaboração de modelos eficientes para o trabalho com gêneros em sala de aula, é necessário haver a investigação dos seguintes elementos²⁷ no nível textual:

- a) as características da situação de produção (quem é o emissor, em que papel social se encontra, a quem se dirige, em que papel se encontra o receptor, em que local é produzido, em qual instituição social se produz e circula, em que momento, em qual suporte, com qual objetivo, em que tipo de linguagem, qual é a atividade não verbal a que se relaciona, qual o valor social que lhe é atribuído etc.);
- b) os conteúdos típicos do gênero;
- c) as diferentes formas de mobilizar esses conteúdos;
- d) a construção composicional característica do gênero, ou seja, o plano global mais comum que organiza seus conteúdos;
- e) o seu estilo particular, ou, em outras palavras:
 - as configurações específicas de unidades de linguagem que se constituem como traços da posição enunciativa do enunciador: (presença/ausência de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, dêiticos, tempos verbais, modalizadores, inserção de vozes);
 - as sequências textuais e os tipos de discurso predominantes e subordinados que caracterizam o gênero;
 - as características dos mecanismos de coesão nominal e verbal;
 - as características dos mecanismos de conexão;
 - as características dos períodos;
 - as características lexicais. (MACHADO; CRISTÓVÃO, 2006, p. 557-558)

Ao comentar sobre a análise desses elementos, as autoras afirmam que, ao pesquisarem os gêneros, não se podem limitar a uma análise estrutural, mas devem considerar que :

Todos os níveis textuais que elencamos devem ser vistos em seu valor dialógico, como traços não só do agir do produtor, mas das restrições genéricas relacionadas às atividades e às interações no quadro das quais esse agir se realiza. (...) queremos deixar claro que nossa enumeração dos elementos a serem analisados não pretende ser exaustiva nem rígida. Admitimos que, no próprio decorrer da análise, ao encontrarmos outros elementos que sejam fundamentais para a caracterização de um determinado gênero, eles têm de ser necessariamente considerados (MACHADO; CRISTÓVÃO, 2006, p. 558).

Nesse sentido, além dos aspectos constitutivos dos gêneros propostos por Bakhtin, investigamos também o propósito comunicativo, a multimodalidade e as possíveis influências do suporte sobre o gênero analisado.

²⁷ Buscamos abordar a maioria desses aspectos durante nossa análise.

Para finalizar, é importante ressaltar que as reflexões sobre a natureza dos gêneros do discurso não se esgotam em Bakhtin, embora esse autor seja de importância fundamental para os teóricos que o sucederam. Entre esses teóricos, destacamos os estudos desenvolvidos por John Swales, do qual nos ocupamos a seguir.

1.3. Swales: conceito de gênero e comunidade discursiva

John Swales, renomado estudioso sobre os gêneros, possui trabalhos de pesquisa que “tratam dos conceitos-chave na análise de gêneros textuais, delineiam a própria área de pesquisa e utilizam a análise de gênero textual para analisar o gênero e as práticas sociais que subjazem o gênero” (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 108).

Várias pesquisas em torno dos gêneros textuais geralmente se pautavam pela definição baseada em tipologias que eram universalizadas conforme os traços essenciais de cada categoria de texto. Swales (1990) enfatizou o caráter empírico da linguagem, pensada como decorrente da interação em ambientes sociais específicos.

Dessa forma, os textos, tanto orais quanto escritos, podem ser concebidos ou designados como eventos comunicativos e dotados de propósitos comunicativos específicos (SWALES, 1990, p.58). Assim como os eventos, os gêneros se apresentam em situações concretas da vida diária e assumem padrões característicos em sua composição, estilo e propósitos. Isso faz com que os gêneros adquiram um valor sociocultural e significativo, indispensável em várias situações sociais, tanto nas relações pessoais, profissionais, institucionais, como também, nos eventos sociais, de um modo geral.

Swales (1990) faz uma caracterização dos gêneros e divide seus comentários em tópicos, que a seguir apresentamos.

- Um gênero é uma classe de eventos comunicativos.
- O principal critério que transforma um grupo de eventos comunicativos em um gênero particular é a existência de propósitos comunicativos em comum.
- Os exemplares de gêneros variam em sua prototipicidade²⁸.
- A lógica subjacente a um gênero estabelece restrições a possíveis contribuições em termos de conteúdo, de posicionamento e de forma.

²⁸“Na perspectiva da semelhança familiar, os exemplares que mais plenamente se integram ao gênero são aqueles que parecem os mais típicos entre todos os exemplares de um grupo. Os mais típicos da categoria são os protótipos.” (HERMAIS e BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 113)

- A nomenclatura usada para os gêneros por uma comunidade discursiva é importante fonte de *insight*.

Após fazer essa categorização, Swales propôs uma definição de gênero que ele mesmo diz talvez não ser totalmente adequada, mas que, para propô-la, beneficiou-se de discussões anteriores a respeito do termo e de outras áreas afins. O autor afirma que essa definição apresenta um avanço nas próprias formulações anteriores que havia feito:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original constituem a razão. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha enfocado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm nomes herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, porém normalmente precisam de validação adicional (SWALES 1990, p.58 *apud* HERMAIS e BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 114).

Para melhor entendermos esse conceito de gênero proposto por esse autor, é necessário que compreendamos também o que ele define por comunidade discursiva.

Comunidade discursiva consiste em um grupo de pessoas que se unem com objetivos que estão acima dos objetivos de socialização e solidariedade, mesmo que estes também ocorram. Numa ‘comunidade discursiva’ as necessidades de comunicação, seus objetivos tendem a predominar no desenvolvimento e manutenção de suas características discursivas²⁹ (SWALES 1990, p. 24).

Como é possível verificar, os estudos de Swales (1990) podem até não ser aplicáveis a todos os gêneros, mas, de qualquer forma, colaboram para o entendimento do funcionamento da língua escrita em vários gêneros, principalmente da atividade acadêmica, que é a área de

²⁹ Tradução feita por Viviane Raposo Pimenta, para o seguinte trecho: “*a discourse community consists of a group of people who link up in order to pursue objectives that are prior to those of socialization and solidarity, even if these latter should consequently occur. In a discourse community, the communicative needs of the goals tend to predominate in the development and maintenance of its discursal characteristics.*” Artigo disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/139.pdf>, acessado em 20/03/2008.

maior interesse do autor. Acreditamos, também, que esses estudos contribuirão para a investigação do gênero que compõe o *corpus* deste trabalho.

1.3.1 Propósito comunicativo

A definição de propósito comunicativo, postulada por John Swales (1990), passou por algumas alterações desde suas primeiras observações até os dias de hoje.

Primeiramente, de acordo com Swales (1990), o propósito comunicativo era tido como o critério privilegiado na definição de gênero. Nessa perspectiva, era o propósito comunicativo que embasava o gênero e determinava, além de sua estrutura esquemática, as escolhas em torno do conteúdo e do estilo. Além disso, o propósito comunicativo é que direcionava o gênero a determinadas ações retórica.

Em um artigo publicado posteriormente a essa primeira definição, o autor discute as limitações e as dificuldades na identificação do propósito nos gêneros. Em parceria com Inger Askehave, Swales reavalia essa questão e reconhece que, talvez, o propósito comunicativo não seja o critério fundamental e imediato na classificação dos gêneros.

Hermais e Biasi-Rodrigues (2005), em seu artigo sobre a proposta sociorretórica de Swales para a análise de gêneros textuais, apresentam uma discussão sobre essa mudança de postura de Swales em relação à análise do propósito comunicativo e fazem a seguinte observação:

Askehave e Swales propõem abandonar a noção de propósito comunicativo como meio imediato para a classificação dos gêneros. No entanto, o analista deve manter em mente que o propósito está em função do resultado da análise, ou seja, descobre-se o propósito pela análise do gênero. E, no final os autores concluem que o propósito comunicativo seja mantido, não como predominante ou evidente, mas como um critério privilegiado, em função do resultado da investigação sobre o gênero. (HERMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 118-119).

As autoras destacam também que Askehave e Swales (2001) sugerem dois procedimentos para a identificação de gênero: um procedimento textual/linguístico e um procedimento contextual. Em relação ao processo textual, a análise do propósito comunicativo deverá ocorrer em duas etapas: primeiramente, junto com a estrutura, o estilo e o conteúdo do gênero. Em seguida, a análise do propósito deverá ser um fator na revisão ou na redefinição do gênero.

No segundo procedimento, contextual, a análise do propósito comunicativo deve manter sua relevância na revisão do gênero. Nas demais etapas, deve-se “identificar a comunidade na qual o gênero circula, seus valores, suas expectativas, seu repertório de gêneros, além dos traços dos gêneros que fazem parte do repertório da comunidade”. (HERMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 119)

Nesse sentido, adotaremos o conceito de propósito comunicativo reformulado por Askehave e Swales (2001) e realizamos a análise do gênero que compõe nosso *corpus* de pesquisa, seguindo os procedimentos sugeridos por esses autores.

No próximo item, apresentamos outro aspecto que julgamos importante para a caracterização e identificação do *corpus* de nossa pesquisa. Trata-se dos aspectos de multimodalidade que permeiam todos os gêneros, mas que se manifestam de maneira diferenciada, podendo, assim, também ser considerados como aspectos relevantes na constituição e caracterização dos gêneros.

1.4 A multimodalidade do gênero

No decorrer do desenvolvimento da Linguística Textual, surgiram inúmeras concepções de texto a partir de critérios específicos que garantem a textualidade. Por essa razão, consideramos, além da definição de texto já apresentada anteriormente, outro conceito que ultrapassa as marcas linguísticas e considera a interação entre imagem e palavra: texto “designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizada através de um sistema de signos” (FÁVERO; KOCH, 2002, p. 25).

Toldo, (2006) em seu artigo intitulado “O texto publicitário sob o olhar da argumentação” trata da influência exercida pela associação entre imagens e palavras sobre textos publicitários, destacando que essa associação é um recurso argumentativo e não deve ser desconsiderada em uma análise de gênero textual.

A relação concebida como um diálogo imbricado no interior do texto publicitário, entre a imagem e a palavra, é fundamental. Não acreditamos ser possível analisar um texto que se manifesta por diferentes linguagens, observando, estudando e analisando apenas uma delas. Se o texto é um todo organizado de sentido e se esse todo é composto por manifestações sígnicas, sua análise deve, obrigatoriamente, contemplar todos os seus planos de expressão, todas as suas manifestações, todos os elementos de sua superestrutura (TOLDO, 2006, p. 115).

Concordamos com as afirmações de Toldo, pois acreditamos que a análise de um texto deve englobar todos os aspectos que contribuem para a construção do sentido.

Em relação à consideração desses aspectos na apresentação dos gêneros, o conceito de multimodalidade nos gêneros discursivos, Segundo Gaydeczka (2007), surgiu recentemente, há menos de vinte anos. Em seu artigo sobre a multimodalidade na reportagem impressa, essa autora traz a seguinte definição de Mayer (1999): “Multimodal é o gênero que apresenta a materialização em mais de uma forma: uma apresentação textual que envolva palavras e figuras.”

Ao observarmos os textos de revistas que compõem nosso *corpus*, é possível verificar que seus produtores exploram a apresentação visual, com o uso de imagens e outros recursos gráficos, como a interação entre imagem e palavras, a fim de torná-los mais atrativos para os leitores. Esse recurso não se verifica nos editoriais de jornal, conforme apresentamos no capítulo destinado às análises.

Entre os estudos acerca da multimodalidade nos gêneros, adotamos o trabalho de Dionísio (2006), que considera que a língua está situada no emaranhado das relações sociais. Além disso, Dionísio afirma que a forma pela qual os textos se configuram demonstra, por parte de quem os produz, uma tentativa de representação do contexto social. Conforme as palavras dessa autora:

Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento das novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos *layouts*, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual (DIONÍSIO, 2006, p. 131).

A investigação sobre a interação entre imagem e palavras nos textos que compõem nosso *corpus* de pesquisa nos possibilitará evidenciar que possivelmente esses textos pertencem a um “grupo” diferente do editorial padrão, que além da não utilizar esse recurso, apresenta ainda outras características que nos permitem distingui-los. Sobre esse assunto, foi feito um aprofundamento no capítulo destinado à apresentação da análise do *corpus*.

Após apresentarmos os conceitos de texto, gênero e multimodalidade, que são fundamentais para nosso estudo, passamos à teoria tipológica na qual também nos apoiamos para classificarmos os textos dos jornais e das revistas, componentes de nosso *corpus*. Essa teoria nos permitirá verificar algumas características do gênero em estudo.

1.5 Novos conceitos na classificação textual

Devido à complexidade de elementos envolvidos na elaboração do gênero que nos propomos a pesquisar, sentimos a necessidade de buscar uma teoria sobre classificação textual que contemplasse todos os aspectos por nós observados.

Entre os pesquisadores que se ocupam da classificação textual, adotamos os trabalhos de Travaglia (2007), pois esse autor postula a existência de três classes distintas de texto, enfatizando a importância de se considerar essa distinção na análise de categorias de texto, assim definidas:

[...] *categoria de texto*³⁰ é um conjunto de textos com características comuns, ou seja, uma classe de textos que têm uma dada caracterização, constituída por um conjunto de características comuns em termos de conteúdo, estrutura composicional, objetivos e funções sociocomunicativas, características da superfície lingüística, condições de produção, etc., mas distintas das características de outras categorias de texto, o que permite diferenciá-las (TRAVAGLIA, 2007, p. 40).

Faremos, a seguir, uma breve apresentação das três categorias (tipo, gênero e espécie), propostas por Travaglia (2007).

1.5.1 Tipo

O tipo pode ser identificado e caracterizado a partir do modo de interação e interlocução que se instaura numa situação comunicativa, conforme perspectivas variáveis que constituem os critérios de determinação de tipologias diferentes.

Entre as seis tipologias postuladas por Travaglia (2007), apresentaremos aquelas que julgamos pertinentes ao nosso propósito investigativo:

- a) – Descrição, dissertação, narração e injunção: nesse tipo de texto observa-se a perspectiva em que o locutor se coloca em relação ao objeto do dizer, conforme o Quadro 2.

³⁰ Grifo do autor

Quadro 2 Relação entre perspectivas do produtor e os tipos: narrativo, descritivo, dissertativo e injuntivo³¹

	Descrição	Dissertação	Injunção	Narração
Perspectiva do enunciador do texto	Enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer	Enunciador na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço.	Enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação.	Enunciador na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo.
Objetivo do enunciador	O que se quer é caracterizar, dizer como é	Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações.	Diz-se a ação requerida, desejada, diz-se o que e/ou como fazer, incita-se à realização de uma situação ³² .	O que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos estes como os episódios, a ação em sua ocorrência.
Forma como se instaura o interlocutor	Como o <i>voyeur</i> do espetáculo.	Como ser pensante, que raciocina.	Como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça.	Como assistente, o espectador não participante, que apenas toma conhecimento, se inteira do(s) episódio(s) ocorrido(s).
Tempo referencial (o tempo da ocorrência do mundo real em sua sucessão cronológica)	Simultaneidade das situações	Simultaneidade das situações	Indiferença à simultaneidade ou não das situações.	Não simultaneidade das situações, portanto sucessão.
Tempo da enunciação (o momento da produção/recepção do texto que pode ou não coincidir com o referencial)	Pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior. ³³	Pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior.	O tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação.	Pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior.

Fonte: Travaglia, 2007, p. 6.

- b) – Texto argumentativo “*stricto sensu*” e argumentativo não-*stricto sensu*: “*Stricto sensu*” é quando a perspectiva do produtor do texto em relação ao recebedor é de alguém que não concorda com ele. Nesse caso, há, então, o discurso da transformação;

³¹ O quadro de Travaglia não tinha título. Este foi atribuído por nós.

³² “Por situação entendemos todos os tipos de processos indicados pelo verbo ou não: ações, fatos, fenômenos, estados, eventos, etc.” (TRAVAGLIA, 2006, p. 5)

³³ “Embora se possa ter descrições, dissertações e narrações passadas, presentes e futuras o que se observa é que mais comumente em nossa cultura temos: a) mais frequentemente descrições passadas e presentes e raramente descrições futuras; b) frequentemente dissertações presentes, raramente passadas e nunca encontramos dissertação futura; c) mais frequentemente narrações passadas, menos frequentemente narrações presentes e raramente narrações futuras.” (TRAVAGLIA, 2006, p. 5).

“*não stricto-sensu*” é quando o receptor concorda com o produtor. Nesse caso ocorre o discurso da concordância.

- c) – Texto preditivo e não preditivo: nesse caso, a perspectiva adotada pelo produtor é a de alguém que faz ou não uma antecipação no dizer, estabelecendo-se, respectivamente, texto preditivo ou não preditivo.
- d) – Texto do mundo comentado e do mundo narrado: perspectiva dada pela atitude comunicativa de comprometimento ou não do produtor do texto, o que resulta nos **textos do mundo comentado** (comprometimento) **ou do mundo narrado**³⁴ (não comprometimento) (WEIRINCH, 1968 *apud* TRAVAGLIA, 2007, p. 7).

As quatro características acima apresentadas evidenciam a possibilidade de existência de textos compostos por diferentes tipologias ao mesmo tempo. Travaglia (2007) postula que os tipos podem se combinar por meio de três processos: cruzamento de tipos, conjugação de tipos e intercâmbio de tipos.

A composição de cruzamento de tipos é assim apresentada por Silva (2007):

[...] cruzamento de tipos (um texto pode realizar simultaneamente tipos de tipologias estabelecidas por perspectivas – critérios – diversos [...], não considerando esse cruzamento como um novo tipo e evitando incoerências taxonômicas; pois, por um princípio taxonômico, um texto só pode ser classificado de uma categoria ou de outra, dentro de uma mesma tipologia (SILVA, 2007, p. 20).

A partir da análise do *corpus*, pretendemos identificar qual o cruzamento de tipos presentes no gênero investigado³⁵, a fim de compreender melhor sua constituição.

A conjugação de tipos ocorre quando, em um texto, um dos tipos é dominante ou não. A dominância destaca-se em termos de intenção comunicativa e não de espaço na superfície textual.

O terceiro processo de combinação de tipos é denominado de intercâmbio de tipos ou de categorias. O intercâmbio acontece “quando uma categoria de texto é usada por outra que seria esperada, tendo em vista a situação e o modo de interação. Com isto, obtêm-se efeitos de sentido novos, inesperados, inusitados.” (SILVA, 2007, p. 20).

³⁴ Grifos do autor.

³⁵ Acreditamos que haja cruzamentos que aparecem nos editoriais de revistas que não aparecem nos editoriais de jornais.

1.5.2 Gênero

Travaglia (2007) postula que o gênero de texto se caracteriza por exercer uma função comunicativa social específica que, em certos casos, pode parecer bastante complexa³⁶. No Quadro 3, Travaglia (2007) exemplifica as funções básicas de alguns gêneros definidos por atos de fala.

Quadro 3 Relação de alguns gêneros definidos por atos de fala

	Grupo de gêneros	Função básica comum
01	Aviso, comunicado, edital, informação, informe, participação, citação	Dar conhecimento de algo a alguém.
02	Acórdão, acordo, convênio, contrato, convenção.	Estabelecer concordância
03	Petição, memorial, requerimento, abaixo assinado, requisição, solicitação	Pedir, solicitar
04	Alvará, autorização, liberação	Permitir
05	Atestado, certidão, certificado, declaração	Dar fê da verdade de algo
06	Ordem de serviço, decisão, resolução	Decidir, resolver
07	Convite, convocação, notificação, intimação	Solicitar presença
08	Nota promissória, termo de compromisso, voto	Prometer
09	Decreto, decreto-lei, lei, resolução	Decretar ou estabelecer normas
10	Mandado, interpelação	Determinar a realização de algo
11	Averbação, apostila	Acrescentar elementos a um documento, declarando, corrigindo, ratificando

Fonte: Travaglia (2007, p. 8)

1.5.3 Espécie

A definição de espécie realiza-se por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície linguística e/ou por aspectos de conteúdo³⁷. Apresentamos, a seguir, outro aspecto que nos auxiliaram na verificação de nossa hipótese de pesquisa. Trata-se do suporte no qual nosso *corpus* é veiculado.

1.6 A importância do suporte na caracterização do gênero

³⁶ Travaglia (2003) admite que essas funções sociais dos gêneros não são de fácil explicitação.

³⁷ Reconhecemos a necessidade de aprofundarmos nossos estudos sobre esse item.

Tendo em vista nosso objetivo de caracterizar as duas modalidades de textos que compõem nosso *corpus* de pesquisa como gêneros distintos entre si, julgamos importante tratar de sua localização nos suportes nos quais são veiculados, bem como as influências que esses textos eventualmente recebem dependendo de seu lugar de ocorrência.

Marcuschi (2005, p. 12) propõe um estudo sobre o suporte textual e chama a atenção para a importância de se considerar o suporte como interventor na compreensão e no estabelecimento de sentido do gênero. O autor, define suporte como “uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (MARCHUSCHI, 2005, p. 13). Sabemos que a revista e o jornal, nos quais os textos que compõem nosso *corpus* são veiculados, são suportes textuais distintos e, assim, não podemos deixar de considerar as influências exercidas por esse suporte nos gêneros que comportam.

A partir das características que evidenciam as diferenças entre esses dois suportes (revista e jornal), buscamos distinguir também os textos das revistas e os dos jornais como gêneros distintos, apesar de ambos serem objetos do mundo empírico, portanto, palpáveis e físicos, criados para portar textos, cuja função básica é tornar os textos que comportam, acessíveis aos objetivos comunicacionais.

Ao discutir a natureza dos suportes, Marcuschi (2005) apresenta uma distinção entre suportes convencionais e suportes incidentais, assim definidos:

Há suportes que foram elaborados tendo em vista a sua função de portarem ou fixarem textos. São os que passo a chamar de suportes convencionais. E outros que operam como suportes ocasionais ou eventuais, que poderiam ser chamados de incidentais, com uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos (MARCUSCHI, 2005, p. 12).

De acordo com a definição de Marcuschi, jornal e revista são suportes convencionais e distintos, despertando-nos interesse nesse aspecto, principalmente, porque a definição de suporte deixa bem claro que não há neutralidade nele e que esse interfere diretamente no gênero.

Sabemos que determinados suportes convencionais, como os livros didáticos³⁸, publicados após 1998³⁹, apropriam-se de gêneros que circulam nos mais diferentes suportes, mas neste estudo, entendemos que os livros didáticos, ao se apropriarem desses gêneros, fazem-no para fins específicos de estudo, pois levam esses textos até o universo do aluno. Já entre os suportes Jornais e Revistas, existem vários aspectos que os determinam e

³⁸ Há trabalhos que questionam a classificação dos livros didáticos em suporte ou gênero.

³⁹ Ano em que foram publicados os atuais PCN.

diferenciam, aspectos esses que podem influenciar na classificação do gênero. O Quadro 4 apresenta uma súmula das principais diferenças entre os suportes jornal e revista.

Quadro 4 Diferenças entre os suportes Jornal e Revistas

SUPORTE		
Características	Revistas	Jornais
Formato	As revistas, geralmente, têm um formato menor, são fáceis de carregar, de guardar numa estante, de colecionar, cabe numa mochila e disfarça dentro de um caderno. Para revistas, o padrão mais comum é 26,5 por 20 centímetros.	Para jornais, há três tamanhos fundamentais de páginas: <i>Standard</i> - página inteira, com mancha variando em torno de 120 por 70 paicas ⁴⁰ (ou aprox. 50 cm por 30 cm) e bordas de dois a três centímetros. A mancha gráfica de <i>O Globo</i> , por exemplo, é de 125 por 70 paicas. <i>Tablóide</i> - metade do tamanho do <i>standard</i> ; costumam ser jornais populares que utilizam profusão de recursos gráficos, pouco texto e muitas fotos. <i>Microjornal</i> - metade do tamanho do tablóide.
Qualidade do papel	A qualidade do papel e da impressão garantem melhor qualidade de leitura do texto e das imagens.	A baixa qualidade do papel interfere na qualidade das fotos e causa o amarelamento do jornal em pouco espaço de tempo.
Durabilidade	Devido à qualidade do papel e do conteúdo das revistas elas têm uma durabilidade maior que o jornal.	As informações são renovadas a cada dia, por isso os jornais têm pouca durabilidade. Por ser publicado diariamente, usa-se um papel mais barato que o das revistas
Periodicidade	Mensal ou semanal	Diários
Fotografias	Fotos produzidas ⁴¹	Fotos não produzidas ⁴²
Imagens	As imagens servem para reforçar e ilustrar os assuntos tratados, ou para seduzir o leitor.	Imagens ilustrativas dos temas tratados, às vezes servindo como reportagem visual (a imagem fala por si, causando forte impacto no leitor).
Capa	Poucas ou apenas uma imagem de destaque (geralmente produzida); manchetes do assuntos principais.	Várias fotos (não produzidas) como destaque das notícias e/ou reportagens. Várias manchetes.
Design	É o universo de valores e de interesses dos leitores que vai definir a tipologia, o corpo do texto, a entrelinha, a largura das colunas, as cores, o tipo de imagem e a forma como tudo isso será disposto na página. (SCALZO, 2006, p. 67).	Textos geralmente distribuídos em colunas verticais; Utilização de olhos (frases colocadas no meio da massa de texto, entre colunas, para ressaltar trechos e substituir quebras); Uso de subtítulo - (em algumas redações no Brasil, chamados de <i>sutiã</i> , <i>linha-fina</i> ou <i>linha de apoio</i>) colocado abaixo do título principal, complementa a informação do título e instigam à leitura do texto ⁴³ .
Relacionamento com o leitor	Trata o leitor de uma forma mais direta, demonstrando proximidade e intimidade. Usa pronomes de tratamento e, às vezes até simula um diálogo com o leitor.	Trata o leitor de forma mais distanciada, não se dirige ao leitor, tampouco utiliza pronomes de tratamento.

Fonte: SCALZO, 2006.

⁴⁰ Paica - 1.Tip. Unidade tipométrica do sistema anglo-norte-americano (q. v.), equivalente a 12 pontos (4,218mm) e correspondente a 11,22 pontos do sistema Didot (Dicionário Aurélio, 2001, versão eletrônica)

⁴¹ Por fotos produzidas entendemos como aquelas tiradas em estúdios ou as que são pré-definidas, recebendo toda uma preparação anterior.

⁴² Por fotos não produzidas entendemos como aquelas tiradas no instante do acontecimento dos fatos a serem divulgados. Não recebem uma preparação anterior, mas sim, são selecionadas para definição daquela que causará maior impacto ou apresentará melhor o assunto que está sendo tratado.

⁴³ Informações disponíveis em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Diagrama%C3%A7%C3%A3o>.

1.7 O Gênero jornalístico

Nesta seção, fazemos uma breve reflexão acerca de alguns estudos relacionados com o gênero jornalístico. Entendemos que essa reflexão se faz necessária, porque nos propomos a definir e a caracterizar os textos das revistas que compõem nosso *corpus* como um gênero independente do editorial padrão, veiculado no jornal. Atendendo aos requisitos propostos por Swales (1990), reconhecemos que se trata de gêneros próprios da comunidade discursiva jornalística. Desse modo, constituem-se em gênero jornalístico, porém podem possuir um propósito comunicativo diferente, dependendo do suporte.

Entre os estudos sobre gêneros jornalísticos, destacamos Melo (1985). Esse pesquisador analisou gêneros jornalísticos de outros países, a fim de propor uma classificação nacional. Seus estudos resultaram na publicação de um livro intitulado “A opinião no jornalismo brasileiro”. Boa parte dele é dedicada à discussão sobre os gêneros jornalísticos, englobando também um tópico específico sobre o Editorial. O autor esclarece que sua classificação dos gêneros jornalísticos obedece aos seguintes critérios:

[...] o primeiro, agrupando os gêneros em categorias que correspondem à intencionalidade determinante dos relatos através de que se configuram [...] O segundo critério busca identificar os gêneros a partir da natureza estrutural dos relatos observáveis nos processos jornalísticos. Não se referindo apenas à estrutura do texto ou das imagens e sons que representam e reproduzem a realidade, e sim, a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura) (MELO, 1985, p.47-48).

Melo (1985) segue esses critérios e propõe a seguinte classificação: os gêneros informativos (nota, notícia, reportagem e entrevista) e os gêneros opinativos (editorial, comentário, artigo, resenha/crítica, crônica, coluna, caricatura e carta). Nessa classificação, os textos que compõem nosso *corpus* de pesquisa classificam-se na categoria de jornalismo opinativo.

Rocha e Pereira (2006) afirmam que os gêneros opinativos fornecem dados, oferecem a opinião do jornalista e a sua posição em relação aos fatos, tratando de convencer o leitor de que a posição apresentada por seu produtor é a mais adequada ou correta.

Silva (2007) também desenvolve um trabalho com os gêneros jornalísticos e classifica os gêneros textuais encontrados em jornais e revistas, de acordo com a perspectiva do produtor do texto, como: gêneros jornalísticos, gêneros não jornalísticos e aqueles que são de

difícil definição. Para estabelecer essa distinção, a autora baseia-se no conceito de comunidades discursivas postulado por Swales (1990).

Assim, segundo Silva (2007), a notícia, a frase, o editorial, entre outros, por serem redigidos por profissionais da comunidade discursiva jornalística, são gêneros jornalísticos; já as receitas e o horóscopo são considerados por essa autora como gêneros não jornalísticos.

Apesar de ter realizado um trabalho exaustivo de busca, análise e identificação dos gêneros jornalísticos em jornais e revistas, Silva (2007) não trata de maneira específica dos textos de revistas, dos quais nos servimos como *corpus*. Essa pesquisadora enquadra-os como gênero editorial. Ao apresentar as características dos gêneros encontradas nas revistas e nos jornais, Silva (2007) afirma que são poucas as diferenças entre editoriais de revistas e editoriais de jornal. Lembramos que essa pesquisadora analisou textos das revistas *Veja* e *Época* e, por essa razão, talvez não tenha obtido dados suficientes para distingui-los. Supomos que o público-alvo dessas revistas seja o mesmo dos jornais, daí uma possível semelhança entre certos aspectos de construção desses gêneros.

Silva (2007) apresenta um quadro no qual elencou as categorias de texto encontradas nos jornais e nas revistas em que realizou sua pesquisa, reproduzido aqui no Quadro 5. Nesse quadro, a autora divide os textos que são publicados em jornais e os que são publicados em revistas. Por esse quadro será possível verificar a diferença de quantidade dos textos nos jornais e nas revistas pesquisados pela autora:

Quadro 5 Categorias de texto encontradas nos jornais e revista⁴⁴

JORNAL	REVISTA
Artigos ou ensaios	Artigos ou ensaios
Balancetes de empresas	Carta ao leitor
Boletim meteorológico	Carta do leitor
Carta ao leitor	Chamada
Chamada	Charge
Charge	Crônica
Classificados	“Dicas” de livros e filmes
Crônica	Entrevista
“Dicas” de livros. Filmes, moda, etc.	Indicadores econômicos
Editais	Índice
Editorial	Propaganda
Entrevista	Resenha/crítica (literária, de cinema)
Errata	Resumo de livro
Horóscopo	Sinopse de filme
Indicadores econômicos	Testes
Índice	Texto-legenda
Nota de falecimento/obituário	Textos informativos/úteis
Notícia ou reportagem	
<i>Ombudsman</i>	
Palavras cruzadas	
Perfil	
Roteiro/Programação televisiva	
Propaganda	
Receita culinária	
Resenha/crítica (literária, de cinema, esportiva, culinária etc.).	
Resumo de livro	
Sinopse de filme	
Teste	
Texto-legenda	
Textos informativos/úteis	
Tira/história em quadrinhos	

Fonte: Silva (2007, p. 62 e 63) (adaptado)

Até o momento, além dos trabalhos de Souza (2006) e Silva (2007), encontramos somente uma referência em relação ao título “carta ao leitor”⁴⁵, sobre a qual trataremos a seguir.

Essas questões apresentadas por Souza (2006) aumentam nossa inquietação em relação à classificação dos textos, objeto de nossa investigação e serão aprofundados no capítulo destinado às análises.

Voltemos, então, ao trabalho de Melo (1985), que dedica um tópico específico em sua obra para tratar do gênero editorial. No próximo item, faremos uma reflexão sobre as

⁴⁴ O *corpus* utilizado por Silva (2007) compôs-se de textos publicados em três jornais e duas revistas, respectivamente, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Estado de Minas, Veja e Época.

⁴⁵ Souza (2006) classifica a carta ao leitor como editorial assim como textos de outras revistas que fazem a apresentação do conteúdo das revistas e buscam uma proximidade com o leitor.

definições apresentadas por Melo sobre o editorial, bem como as de outros que julgamos pertinentes para nosso estudo.

1.7.1 O editorial

O editorial é um gênero textual muito investigado por diversos pesquisadores tanto da área de Linguística quanto do Jornalismo. Entretanto, sempre que se discute sobre o editorial, essa discussão limita-se ao editorial de jornal e pouco se fala sobre os editoriais de revista.

Conforme já mencionamos, Melo (1985), dedica um tópico específico em sua obra para tratar do gênero editorial. O autor inicia apresentando a seguinte definição:

Editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. Todavia, a sua natureza de porta voz da instituição jornalística precisa ser melhor compreendida e delimitada. (MELO, 1985 p. 79).

Na discussão de sua própria definição, o autor faz algumas reflexões sobre o que influencia a elaboração do editorial e destaca que ele se configura como uma teia de articulações políticas, pois a empresa busca sempre manter um equilíbrio semântico para apreender e conciliar os diferentes interesses que perpassam sua operação cotidiana. Nesse sentido, o autor discute que determinar para quem o editorial se dirige em sua argumentação torna-se uma tarefa complexa. Ao final, conclui que o editorial é direcionado à coletividade, já que os membros das instituições financeiras que colaboram com o jornal e os representantes do Estado são todos pertencentes à sociedade.

Dentre as discussões de Melo (1985) interessam-nos, principalmente, os quatro atributos específicos do editorial citados por esse autor; serão apresentados, para melhor visualização, no quadro 6⁴⁶ elaborado por nós, a partir de Melo (1985, p. 82) e que nos serviram de parâmetro no momento da análise.

⁴⁶ Julgamos pertinente elaborarmos esse quadro para apresentação dos atributos, pois ele nos servirá como parâmetro durante a análise do *corpus*.

Quadro 6 Atributos específicos de um editorial

Impessoalidade	Não se trata de matéria assinada, utilizando, portanto, a primeira pessoa do singular ou a primeira do plural
Topicalidade	Trata de um tema bem delimitado, mesmo que ainda não tenha adquirido configuração pública
Condensabilidade	Poucas ideias, dando maior ênfase às afirmações que as demonstrações
Plasticidade	Flexibilidade, maleabilidade, não dogmatismo.

Além desses atributos, o autor afirma que a orientação de publicar pontos de vista sobre as principais questões do momento faz surgir diferentes espécies de editoriais, de acordo com quatro variáveis, assim classificadas por Beltrão (1980, *apud* MELO 1985, p. 84): morfologia, topicalidade, conteúdo, estilo e natureza. Vejamos o Quadro 7⁴⁷:

Quadro 7 Classificação dos editoriais segundo Beltrão (1980, *apud* MELO 1985)

Aspectos variáveis	Espécies de editoriais:	Características predominantes:
Morfologia	Artigo de fundo	Editorial principal
	Suelto	Pequena análise sobre um fato da atualidade
	Nota	Registro ligeiro de uma ocorrência, antecipando suas consequências ao leitor.
Topicalidade	Preventivo	Focalizando aspectos novos que podem produzir mudanças.
	De ação	Apreendendo o impacto de uma ocorrência
	De consequência	Visualizando repercussões e efeitos
Conteúdo	Informativo	esclarecedor
	Normativo	Exortador
	Ilustrativo	Educador
Estilo	Intelectual	Racionalizante
	Emocional	sensibilizante
Natureza	Promocional	Coerente com a linha da empresa
	Circunstancial	Oportunista e imediatista
	Polêmico	Contestador, provocador

Outro trabalho muito relevante para nossos estudos é o de Souza (2006). A autora também apresenta uma definição e classificação dos diferentes “tipos de editoriais”, conforme a seguir:

O editorial opinativo ou padrão apresenta quatro atributos específicos: impessoalidade, topicalidade, condensabilidade e plasticidade, ou seja, não é matéria assinada; trata de um tema bem delimitado e traz poucas ideias, dando mais ênfase às afirmações do que às demonstrações⁴⁸. O editorial padrão é gênero exclusivo dos jornais, e com o perfil que apresenta, tal gênero talvez seja mesmo exclusivo desse veículo. (...) Sousa (2004) chama

⁴⁷ Quadro elaborado por nós a partir de Beltrão (1980 *apud* MELO 1985, p. 84).

⁴⁸ Definição baseada em Melo (2003).

a atenção para outros dois tipos. Os editoriais *mistos*, isto é, aqueles que podem incorporar várias características como ser preventivo, informativo e intelectual, por exemplo. **Os editoriais de apresentação, que são aqueles que apresentam um determinado número de um jornal ou de uma revista, justificando a abordagem de determinados assuntos, ou quando apresentam um novo órgão de comunicação que surge no mercado.** (SOUZA, 2006, p. 62) [grifo nosso].

Souza (2006) analisa editoriais de jornais e de revistas a partir do conceito de gênero proposto por Bakhtin (1997) e também a partir do conceito de editorial proposto por Melo (1985). Entretanto a autora não discute de maneira satisfatória os elementos que diferenciam essas duas modalidades de editorial e é isso que pretendemos neste trabalho, no capítulo destinado à análise do *corpus*.

Passaremos, a seguir, a algumas reflexões acerca da elaboração de “carta ao leitor”, que é o título recebido por um dos editoriais de revistas que pesquisamos. Acreditamos que essa seja a definição que melhor abarca as características dos textos das revistas que compõem nosso *corpus* de pesquisa e, além disso, essa definição evidencia algumas diferenças entre os editoriais de jornal e de revista.

1.7.2 A carta ao leitor

Na Revista Sétima Arte, a “carta ao leitor” é assim definida:

Carta ao leitor é uma carta aberta, ou seja, é uma carta publicada em um meio de comunicação com a intenção de que outras pessoas tomem conhecimento do conteúdo da revista. A carta ao leitor tem a função de esclarecer sobre os temas que serão desenvolvidos no interior da revista. Deixa clara a posição que a revista adota diante do tema que foi apresentado na capa.

Além dessa definição, encontramos também as seguintes orientações para a elaboração de uma “carta ao leitor”:

Defina os parágrafos, o que você escreverá em cada um deles. No 1º parágrafo você deve introduzir o leitor à revista; no 2º apresente a primeira matéria; no 3º apresente a segunda matéria; no 4º parágrafo finalize as apresentações e convide o leitor a ler diretamente a revista. Antes de fazer os parágrafos, você deve saber claramente o público-alvo da revista, para usar a forma exata de tratamento.

A definição e as orientações para a produção do gênero carta ao leitor apresentadas acima não são suficientes para satisfazer nossas inquietações acerca das características desse gênero e da possibilidade de sua distinção do gênero editorial de jornal. Todavia, julgamos pertinente citá-las, por serem as únicas referências encontradas que não associam carta ao leitor de revista aos editoriais de jornal.

Além disso, a definição de carta ao leitor bem como as orientações para sua elaboração coincidem com as características preliminarmente encontradas em todos os textos retirados das revistas, que compõem uma das modalidades dos textos que investigamos.

Delineado esse embasamento teórico, no próximo capítulo, a seguir descrevemos a metodologia utilizada para a realização da pesquisa.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos utilizados para a realização deste estudo. Primeiramente, descrevemos a natureza da pesquisa e, em seguida, fazemos a descrição do *corpus* de estudo, assim como todo o processo de organização do *corpus* e da coleta dos dados. Por fim, descrevemos os procedimentos utilizados para a análise dos dados obtidos.

2.1 Natureza da pesquisa

Este estudo é de cunho analítico e descritivo, sendo também interpretativista, à medida que coloca o foco nas nossas interpretações dos aspectos observados e assume o caráter subjetivo dessas interpretações. Propomo-nos a uma análise de um *corpus* que se constitui de dezesseis textos assim divididos: dez textos publicados em revistas de circulação nacional e seis textos publicados em jornais de renome nacional. Sobre a natureza do *corpus*, trataremos mais adiante, ainda neste capítulo. Como existe maior uniformidade nos textos de jornal e maior diversidade nos de revistas, analisamos mais textos deste último, para melhor evidenciar as diferenças entre eles.

2.2 – A escolha do *corpus*

O que nos motivou a escolher o editorial como objeto de estudo foi a nossa experiência em aulas de Português, no Ensino Médio, especificamente, em aulas de produção de textos. Conforme já mencionamos, no material didático com o qual trabalhávamos era, assim como ainda o é, constante a presença do editorial de jornal como um modelo a ser seguido pelos alunos para a elaboração de um texto dissertativo e/ou argumentativo. Assim, decidimos investigar esse gênero, a fim contribuir para a melhoria da prática pedagógica no trabalho com gêneros em sala de aula.

2.3 Montagem e organização do *corpus*

Para a montagem e organização dos textos que compõem o *corpus*, procedemos da seguinte maneira: selecionamos cinco revistas direcionadas a públicos-alvo distintos, quais sejam, revista *Veja*, direcionada a um público variado, por exemplo, jovens estudantes (universitários ou não), professores, empresários, políticos; revista *Casa Cláudia*, direcionada àqueles que se interessam por assuntos de decoração (marceneiros, arquitetos); revista *Nova*⁴⁹, direcionada a mulheres entre 18 e 49 anos; revista *Todateen*, direcionada aos adolescentes; revista *Super Interessante*, direcionada aos jovens, leigos, que apesar de se interessarem por ciência, estão fora da comunidade científica⁵⁰. Foram retirados dois textos de cada uma das revistas mencionadas acima.

A fim de confrontarmos e compararmos os editoriais de revistas com os editoriais de jornais, selecionamos três jornais impressos de maior circulação em termos de tiragem e abrangência⁵¹ e, desses jornais, retiramos dois editoriais de cada um. O Quadro 8 apresenta a distribuição dos textos escolhidos.

Quadro 8 Distribuição dos textos de jornais escolhidos para o *corpus*

Jornais	Título da seção	Outro título	Título dos Textos escolhidos	Temática abordada	Público-alvo
O Estado de Minas	Opinião	Editorial	Sucesso com embriões	Política e ciência	Empresários, economistas, liberais, públicos, estudantes
			Consumidor prejudicado	Economia	
Folha de São Paulo	Opinião	Editorial	Pelo método confuso	Política e economia	Empresários, economistas, liberais, públicos, estudantes
			Excessos policiais	Violência na sociedade	
O Globo	Opinião	Opinião	Atenção redobrada	Crise econômica	Empresários, economistas, liberais, públicos, estudantes
			Clareira aberta	Conflitos internacionais	

⁴⁹ O perfil da leitora de *NOVA* é o de uma mulher jovem, que trabalha fora e tem entre 18 e 49 anos, das classes ABC. Mulher de atitude, cheia de energia, ousada, independente, à frente do seu tempo, positiva, busca equilíbrio emocional e procura sempre superar os seus próprios limites como mulher e profissional; Informação disponível em: http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd4/impressa/cb_lsg.doc

⁵⁰ No caso da *Super Interessante*, o público-alvo é o jovem que se encontra totalmente fora da comunidade científica – assim como a própria revista – caso em que os textos de divulgação, pelo menos em princípio, têm como função básica disseminar entre leigos certos conhecimentos produzidos pela comunidade científica. Disponível em http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50/08_FOSSEY.pdf

⁵¹ Lembramos que tanto as revistas selecionadas quanto os jornais são de circulação nacional.

Quadro 9 Distribuição dos textos de revistas escolhidos para o *corpus*

Revistas	Título da seção	Título dos textos escolhidos	Temática abordada	Público-alvo
Casa Cláudia	Casa Cláudia e você	Não há título	Importância do planejamento de decoração	Decoradores e pessoas interessadas em construção e reforma
		Não há título	Mudanças do jeito de morar, conforme a evolução dos tempos	
Nova	Notícias da redação	O poder da escolha	Aproveitamento do tempo; relacionamento amoroso e conquista.	Mulheres
		A comunidade global de Nova	Abrangência da revista	
Super Interessante	Agora escuta	Notícias boas, nem tão boas e melhores ainda	História do Brasil e premiações recebidas pela revista	Estudantes
		Tropa de elite	Elaboração da matéria da capa	
Todateen	Redação e você	Coisa dos astros	Relacionamento entre adolescentes e pais; Ídolos de novela; Influência dos astros.	Adolescentes
		A música da sua vida	Música preferida; Fotos de ídolos da música	
Veja	Carta ao leitor	Modernizar, simplificar, agilizar	Política e legislação	Variado
		Lição de liberdade	Política e liberdade de imprensa.	

No texto da Revista Casa Cláudia, não há um título específico, mas, sim, a variação da fonte das palavras que compõem a frase inicial. Supomos que tal variação seja para dar destaque ao assunto que será tratado, substituindo assim o título, conforme podemos constatar nos recortes das Figuras 1 e 2:



Figura 1 Recorte da Revista CasaCláudia (1)



Figura 2 Recorte da Revista Casa Cláudia (2)

Os textos selecionados nas revistas vêm nas páginas iniciais das edições, são publicados ao lado dos quadros com informações sobre a equipe editorial de cada revista, sinalizam a busca de um diálogo com o público-alvo e são assinados pelo diretor da redação. Os seis textos de jornais que completam o *corpus* são publicados na sessão de opinião de cada periódico.

Foram escolhidas revistas dirigidas a públicos diferentes: adultos, executivos, mulheres, estudantes e adolescentes. A variedade do público-alvo⁵² deve-se ao fato de buscarmos comprovar que as características relacionadas aos aspectos constitutivos do gênero, observadas nos editoriais de revistas, são recorrentes na maioria delas, independentemente do público a que se destinam, mas são diferentes dos aspectos do gênero editorial de jornal. Uma vez que os produtores de revistas e jornais já possuem um público-

⁵²Por público-alvo entendemos como a fatia de mercado visada pelos produtores de cada revista e de cada jornal, ou seja, aquelas pessoas para quem as revista e/ou os jornais são supostamente mais indicados.

alvo supostamente definido, os gêneros produzidos para esse público devem considerar a atitude responsiva dos interlocutores, pois como afirma Bakhtin (1997):

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente uma atitude *responsiva ativa*⁵³; ele concorda ou discorda (total ou parcialmente, completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. (BAKHTIN, 1997, p. 90).

Apesar de, nesta citação, Bakhtin referir-se a textos orais, consideramos que, nos textos escritos, seus produtores também esperam de seus supostos interlocutores uma atitude responsiva, de concordância com o assunto que está sendo tratado e, também, com a apresentação visual do gênero⁵⁴. Assim, podemos considerar que o uso de recursos que visem, antecipadamente, a uma atitude responsiva positiva por parte do interlocutor, que deve ser considerada e, poderá, inclusive, auxiliar-nos na análise das duas modalidades de textos que compõem o *corpus* de nossa pesquisa. Tratamos desse assunto de maneira mais aprofundada no capítulo destinado às análises. Prosseguimos com a apresentação dos procedimentos de montagem e organização dos textos de jornais que compõem o *corpus*.

Os editoriais foram retirados dos três seguintes jornais: Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de Minas. Esses três informativos circulam em âmbito nacional, são bem conceituados pelos leitores brasileiros e publicam informações diversificadas que atendem aos interesses daqueles que buscam estar a par dos acontecimentos da atualidade.

Acreditamos que dois exemplares de cada um dos textos investigados sejam suficientes para atender à nossa investigação, pois nossa análise é feita na perspectiva interpretativista e está concentrada nos traços comuns, ou recorrentes, observados e não em uma descrição estatística.

2.4 Descrição do *corpus* e procedimentos para escolha

Como foram escolhidos três jornais de maior circulação no País e cinco revistas e como de cada um deles foram escolhidos dois textos, o *corpus* compõe-se de dezesseis textos,

⁵³ Grifos do autor.

⁵⁴ Apenas a título de comentário, lembramos que nas revistas *Todateen* é constante o uso de figuras diversas e quadros de cores variadas, uso excessivo de diminutivos, entre outros, visando agradar ao público adolescente.

sendo dez publicados em revistas e seis publicados em jornais. Nas revistas, os textos aparecem ao lado dos quadros com informações sobre a equipe editorial de cada revista, sinalizam a busca de um diálogo com o público-alvo e são assinados pelo diretor da redação. Os títulos dos textos selecionados⁵⁵ e as revistas nas quais são veiculados são, respectivamente: “Carta ao leitor” (Veja), “Casa Cláudia e você” (Casa Cláudia), “Notícias da Redação” (Nova), “Redação e você” (*Todateen*), e “Agoraescuta” (Super Interessante).

Reconhecemos que há diversos outros públicos aos quais outras edições de revista se destinam, no entanto acreditamos que uma quantidade maior, tanto de público quanto de número de textos analisados, tornar-se-ia exaustiva, já que não utilizaremos de outros métodos de análise, senão um levantamento de todas as características investigadas.

Os textos dos jornais localizam-se no primeiro caderno, no verso da primeira página, na seção de opinião. Os títulos dos jornais dos quais retiramos os textos são: Folha de S. Paulo, O Estado de Minas e O Globo.

A seleção dos textos foi feita de maneira praticamente aleatória, pois buscamos os editoriais nas revistas e jornais que estavam ao nosso alcance na biblioteca da escola, em casa e nas bancas de revistas naquele momento em que surgiram os primeiros questionamentos acerca das diferenças entre os editoriais de jornais e os de revistas. Nossa única preocupação preliminar em relação à escolha do *corpus* foi buscar revistas que se direcionassem a públicos-alvos distintos e específicos: adolescentes, que se interessam por assuntos pessoais e curiosidades científicas; profissionais femininas, preocupadas com assuntos de moda e decoração de ambientes e um público que se interessa por assuntos variados. Quanto aos jornais, selecionamos aqueles de maior tiragem e maior circulação.

Para melhor compreensão dos aspectos constitutivos dos textos que compõem o *corpus*, fazemos uma breve apresentação de cada título de revista e de cada jornal nos quais esses textos são veiculados.

2.4.1 Revista Veja⁵⁶

Veja é uma revista semanal brasileira publicada pela Editora Abril. Sua primeira edição foi publicada em 1968 e foi criada pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta. Tem

⁵⁵ A escolha dos textos foi feita de acordo com público-alvo de cada revista, no entanto não houve preocupação com as datas das edições, tampouco com o assunto tratado em cada texto, antes da análise do conteúdo temático e do propósito comunicativo.

⁵⁶ Dados disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_VEJA, acessado em 26/11/2008.

uma tiragem superior a um milhão de exemplares. É a revista de maior circulação no Brasil e declara-se a quarta maior revista semanal do mundo, superada apenas pelas americanas *Time*, *Newsweek* e *U.S. News & World Report*.

A revista aborda temas a respeito do cotidiano da sociedade brasileira e, por vezes, mundial, como política, economia, cultura, comportamento e guerras, bem como conflitos e negociações diplomáticas. Seus textos são elaborados, em sua maior parte, por jornalistas, todavia nem todas as seções são assinadas. Trata também de temas como tecnologia, ecologia e religião, com certa regularidade. Possui seções fixas sobre cinema, literatura, música e guias práticos sobre assuntos diversos. A revista é entregue aos seus assinantes aos sábados e nas bancas aos domingos, mas traz a data das quartas-feiras. Possui, também, edições regionais, como *Veja São Paulo* ou *Veja Rio*, que seguem anexas à edição principal.

2.4.2 Revista Casa Cláudia⁵⁷

Casa Claudia é uma revista de decoração. Foi lançada no Brasil há 30 anos, em 1977, pela Editora Abril. Hoje, é uma das principais revistas de decoração do País. A revista lança regularmente inúmeras edições especiais e álbuns temáticos, como *Casa Claudia Luxo* e *Casa Claudia Bebê*. Ela também criou o Prêmio Planeta Casa, que incentiva e enaltece ações de decoração, arquitetura e design sustentáveis.

Em março de 2007, a revista Casa Claudia e a revista Arquitetura & Construção, ambas da editora Abril, especializadas no segmento “casa”, lançaram um *megasite* e, com ele, abriram um novo canal de comunicação com os leitores. Hoje, os leitores podem, por exemplo, postar fotos de suas casas ou comentar as fotos das residências de outros leitores, na seção *Mostre sua Casa*. Essa interatividade proporciona maior proximidade entre a revista Casa Claudia e seu público leitor.

2.4.3 Revista Nova⁵⁸

Nova é uma revista feminina mensal da Editora Abril e integrante da rede internacional *Cosmopolitan*. Foi lançada no Brasil em setembro de 1973. De acordo com a

⁵⁷ Dados disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_Casa_Cl%C3%A1udia, acessado em 26/11/2008.

⁵⁸ Dados disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_Nova, acessado em 26/11/2008

Editora Abril, a revista tem uma tiragem mensal de, aproximadamente, 400.000 exemplares. O conteúdo editorial de todas as edições é composto dos seguintes temas: Amor / Sexo, Vida / Trabalho, Gente Famosa, Beleza / Saúde e Moda / Estilo.

O perfil da leitora de Nova é o de uma mulher jovem, que trabalha fora e tem entre dezoito e 49 anos, das classes A, B e C.

2.4.4 Revista *Todateen*⁵⁹

Todateen é uma revista de publicação e circulação mensal da Alto Astral Editora. Focaliza temas do interesse do público jovem e adolescente tais como música, moda, beleza, “paquera”, comportamento, sexualidade, “famosos” e novidades para o público adolescente. A média de vendagem é 90.000 exemplares por edição. *Todateen* está entre as principais revistas do segmento jovem e com linguagem delicada e feminina, a revista vive as transformações de seu público-leitor, formado por adolescentes (garotas das classes A e B, com idade entre doze e dezoito anos). A revista é, também, o carro-chefe da venda de publicidade da Editora Alto Astral.

2.4.5 Revista Super Interessante⁶⁰

A revista Super Interessante, também chamada popularmente de "Super", ou Super Interessante, no Brasil, é uma revista de curiosidades culturais e científicas, publicada mensalmente pela Editora Abril desde setembro de 1987. Sua grande concorrente é a revista Galileu, antigamente conhecida como Globo Ciência.

A Super ampliou sua tiragem que, hoje, ultrapassa 400.000 exemplares mensais. Essa preocupação com leitores apreciadores da divulgação científica tem-se expandido para a concorrente da Super, a revista Galileu. Consequentemente, só resta a técnica e aprofundada *Scientific American* Brasil, algo que não é mais a preocupação de Super, que busca informar o público leigo.

⁵⁹ Dados disponíveis em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Todateen>, acessado em 26/11/2008.

⁶⁰ Dados disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_Super_Interessante, acessado em 26/11/2008

2.4.6 Jornal Folha de S. Paulo⁶¹

A Folha de S.Paulo, ou simplesmente Folha, é um jornal brasileiro editado na cidade de São Paulo. É o jornal de maior circulação do Brasil, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC). Ao lado de O Estado de S. Paulo, O Globo e Jornal do Brasil, a Folha é um dos jornais mais influentes do País.

2.4.7 Jornal O Estado de Minas⁶²

O Estado de Minas, fundado em 7 de março de 1928, comemorou 80 anos de atividade continuada e é o mais importante jornal do estado de Minas Gerais, intitulando-se "o grande jornal dos mineiros". Pertence ao " Grupo Diários Associados". O jornal circula diariamente com seus cadernos fixos: Política, Opinião, Nacional, Internacional, Economia, Gerais, EM Cultura e Economia. Os seus suplementos são: Agronegócio, Bem viver, Ciência, D+, Direito & Justiça, Emprego, Especial, Feminino & Masculino, Guia de gastronomia, Guia de negócios, Gurilândia, Hora Livre, Imóveis, Informática, Pensar, Prazer EM ajudar, Turismo, TV e Veículos.

2.4.8 Jornal O Globo⁶³

O Globo é um jornal diário de notícias, fundado em 29 de julho de 1925 e sediado no Rio de Janeiro. Fundado pelo jornalista Irineu Marinho, está orientado para o público da grande área metropolitana. Inicialmente, tinha a intenção original de ser um diário matutino para expandir o público leitor da empresa. Tornou-se o carro-chefe do grupo. Semanas após a fundação do jornal, Irineu Marinho faleceu e O Globo foi herdado por seu filho Roberto Marinho, que, por meio do jornal, conseguiu ascensão econômica e política e criou um conglomerado de empresas de mídia que formou, junto com sua TV Globo, Rádio Globo, Editora Globo e demais veículos as chamadas Organizações Globo.

⁶¹ Dados disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Folha_de_S._Paulo, acessado em 26/11/2008

⁶² Dados disponíveis em http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Estado_de_Minas, acessado em 26/11/2008

⁶³ Dados disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_O_Globo.

2.5 Descrição dos procedimentos de análise

Para analisarmos e discutirmos os dados, primeiramente, selecionamos dezesseis textos, sendo dez de cinco títulos diferentes de revistas e seis de três jornais também diferentes, a fim de fazermos um levantamento das regularidades e diferenças entre cada um, no que se refere aos aspectos constitutivos do gênero (conteúdo temático, estilo e organização composicional). Em seguida, verificamos os aspectos de multimodalidade em cada texto e, ao final, buscamos identificar o propósito comunicativo em cada um, assim como as possíveis influências que o suporte pode exercer sobre o gênero.

Após fazermos esse levantamento, realizamos a análise comparativa, por meio da associação dos elementos similares e da separação dos elementos divergentes, buscando responder a nossas perguntas de pesquisa.

Para a melhor compreensão, apresentamos os dados em quadros elaborados por nós e, em seguida, discutimos os dados representados nos respectivos quadros.

Apresentamos, também, nos anexos, os *layouts* das páginas das revistas e dos jornais em que se encontram os textos que compõem nosso *corpus* de pesquisa, já que nos interessa a compreensão da apresentação visual desses textos e sua relação com o suporte textual, nos quais são veiculados. Será possível verificar, nos *layout* apresentados, que os editoriais de revista são mais ricos em elementos gráficos que os de jornal, pois utilizam cores, diagramação, imagens, entre outros, na apresentação e composição desse gênero. Em contrapartida, o editorial de jornal conta apenas com palavras, variando a fonte, no caso de certas frases ou títulos que se queira destacar. Mesmo não sendo este o foco principal de nossa análise, não podemos deixar de considerar essas diferenças, que podem contribuir para a possível diferenciação entre os gêneros editorial de jornal e editorial de revista.

CAPÍTULO 3

ANÁLISES

Apresentaremos, nesta seção, a análise e discussão dos dados encontrados nos editoriais de revistas e nos editoriais de jornais. Faremos a referência aos textos da seguinte maneira:

- ES 1 Editorial 1 da Super Interessante
- ES 2 Editorial 2 da Super Interessante
- EV 1 Editorial da Veja 1
- EV 2 Editorial da Veja 2
- EN 1 Editorial de Nova 1
- EN 2 Editorial de Nova 2
- EC 1 Editorial de Casa Cláudia 1
- EC 2 Editorial de Casa Cláudia 2
- ET 1 Editorial de *Todateen* 1
- ET 2 Editorial de *Todateen* 2
- EG 1 Editorial do Jornal O Globo 1
- EG 2 Editorial do Jornal O Globo 2
- EF 1 Editorial da Folha de São Paulo 1
- EF 2 Editorial da Folha de São Paulo 2
- EM 1 Editorial do jornal O Estado de Minas 1
- EM 2 Editorial do Jornal O Estado de Minas 2

Conforme já explicitamos, constam, nos anexos, os *layouts* das páginas das revistas em que se localizam os textos analisados. Nesses textos, analisamos os aspectos constitutivos do gênero, quais sejam o conteúdo temático, o estilo e a organização composicional. Além disso, consideramos os aspectos multimodais desse gênero, seu propósito comunicativo e as possíveis influências do suporte na sua elaboração.

Devido à complexidade de classificação dos textos que compõem o *corpus* e para dispersarmos dúvidas quanto aos aspectos observados, apresentamos também uma classificação a partir das categorias de texto propostas por Travaglia (2003).

3.1 Aspectos constitutivos dos gêneros

Partimos da definição proposta por Bakhtin (1997, p. 279), segundo a qual gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” e consideramos que “os três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo

do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Barros e Nascimento (2007) discutem e ampliam essas noções afirmando que:

O conteúdo temático pode ser compreendido como o assunto/objeto de que o enunciado vai tratar; conteúdo ideologicamente afetado que se torna dizível por meio dos gêneros. Já a construção composicional se refere aos elementos das estruturas textuais/discursivas/semióticas que compõem um texto pertencente a um gênero. Por fim, o estilo remete a questões individuais e genéricas de seleção: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais, etc. Embora se perceba individualmente esses elementos, eles não funcionam de forma autônoma, um está intrinsecamente ligado ao outro, dependente do outro, num processo dialógico-discursivo (BARROS; NASCIMENTO, 2007, p. 246-247).

Assim, analisamos cada um desses elementos, a fim de testar a hipótese que norteia esta pesquisa.

3.1.1 Conteúdo temático

Para a análise do conteúdo temático de cada texto, elaboramos o Quadro 10 e partimos da observação de determinadas semelhanças entre os editoriais de revistas. Entretanto percebemos que as mesmas características encontradas nas revistas parecem ser diferentes das encontradas nos jornais, que mantêm certas semelhanças entre um jornal e outro.

Do ponto de vista do conteúdo temático, a partir da análise dos dados do Quadro 10, podemos perceber que, nas revistas, predominam assuntos de interesse diretamente relacionado ao público-alvo para o qual a publicação se destina. Percebemos, também, que os temas tratados nos editoriais de revistas analisados são de interesse, de certa forma, mais duradouros e referem-se a vivências pessoais comuns a pessoas que se enquadrem no perfil específico do público-alvo pretendido pela revista.

Já os temas tratados nos editoriais de jornais são transitórios e pontuais e referem-se a fatos de ordem política e social, de maneira geral, para atender a um público mais amplo, coletivo. Essa diferença pode estar associada ao suporte no qual esses gêneros são veiculados. Sobre essa questão, nos aprofundaremos no tópico que trata da influência do suporte na elaboração dos gêneros analisados nessa pesquisa.

Quadro 10 Conteúdo temático dos textos analisados

Conteúdo temático de cada editorial			Possíveis semelhanças e diferenças entre o de conteúdo temático de todos os textos analisados nessa pesquisa	
			Assuntos de interesse associado ao universo específico do público para o qual se dirige (independente do período de ocorrência dos fatos ou da publicação)	Questões econômicas, políticas e sociais, de interesse coletivo (ligadas a fatos ocorridos próximos à data de publicação)
Revista Veja	EV 1	Problemas políticos na Venezuela causados pela postura do atual presidente.	X	X
	EV 2	Medidas jurídicas tomadas a partir do assassinato da menor Isabella Nardoni.	X	X
Revista Super Interessante	ES 1	Mudanças nas seções da revista e divulgação de lançamento de livros.	X	0
	ES 2	Alteração no quadro de funcionários da revista.	X	0
Revista Todateen	ET 1	Reportagens sobre fotos de ídolos e sugestões de músicas.	X	0
	ET 2	Ídolos de novela; relacionamento entre adolescentes e pais; músicas; fotos.	X	0
Revista Casa Cláudia	EC 1	Preocupação com gastos na hora de reformar ou construir; a importância de saber a medida exata dos móveis na hora de definir os espaços na casa.	X	0
	EC 2	Mudanças no jeito de morar influenciadas pela evolução dos tempos.	X	0
Revista Nova	EN 1	Como aproveitar melhor o tempo no dia-a-dia	X	0
	EM 2	Conglomerado de revistas do qual Nova pertence.	X	0
Jornal Folha de S. Paulo	EF 1	Crítica ao posicionamento do presidente Lula sobre a atual crise econômica.	0	X
	EF 2	Atos violentos praticados por policiais nas últimas semanas, que causaram comoção nacional.	0	X
Jornal O Estado de Minas	EM 1	Aprovação do STF das pesquisas com células tronco.	0	X
	EM 2	Crítica ao projeto de lei que permite ao comércio cobrar preços diferenciados nas vendas de mercadoria à vista ou com cartão de crédito.	0	X
Jornal O Globo	EG 1	Dimensões da atual crise econômica e seus reflexos no Brasil	0	X
	EG 2	Vantagens que o dia da posse do presidente norte americano, Barack Obama, trouxeram para suspender, temporariamente, os conflitos na Faixa de Gaza.	0	X

Obs.: X representa a presença da característica no texto e 0, a sua ausência

Tomemos como exemplo alguns trechos retirados das revistas *Todateen*, *Nova* e *Casa Cláudia*, nos quais podemos perceber que o conteúdo temático está explicitamente direcionado ao público alvo pretendido pelas respectivas revistas:

ET 1:

“Tem quem não acredite que os astros podem se unir lá no céu, para mandar vibrações e ajudar a todos na Terra. Bem, aqui na redação a gente acredita, sim, (...)”
“As fotos” - do ator Gustavo Leão- “ficaram lindas”
“Mas, ainda que a história do Matheus seja triste, vale copiar um pedacinho dela e buscar a amizade do seu pai.”
“(…) passe o dia com seu paizão e diga a ele o quanto é importante em sua vida.”

ET 2:

“A música da sua vida”

“Nesta edição (...) você vai encontrar algumas razões e muita emoção pra fazer uma primeira leitura ao som de NX Zero.”
“Quer surpreender a galera e mandar um recadinho diferente?”

EC 1:

“Nosso jeito de morar está em constante transformação.”
“Nos últimos 30 anos, Casa Cláudia registrou a evolução da casa brasileira, e rever as imagens das últimas décadas é uma maneira divertida de apreciar a revolução dos ambientes (...)”
“Fique de olho também em duas reportagens desta edição que enfocam grandes desafios na hora de planejar um ambiente.”

EN 1:

“Tempo é dinheiro, tempo é objeto de desejo (...) Um dos bens mais preciosos do século 21. (...) aposto que você, mulher inteligente que é, vive fazendo de tudo para que ele estique (...)”

EN 2:

“Sabia que neste exato instante em que abre a sua NOVA, passa automaticamente a fazer parte de um grupo vip de 70 milhões de mulheres de todo o planeta, com os mesmos interesse, desafios e dilemas que você?”

Nos editoriais da revista *Todateen* (ET 1 e ET 2), são tratados vários assuntos, divididos em blocos. Os blocos de assuntos tratados são de interesse dos adolescentes de qualquer época, como, por exemplo, crença nos astros, informações sobre fotos de um ídolo, o conflito entre adolescentes e pais e o tipo de música preferida para ouvir lendo a revista⁶⁴. Nos editoriais da revista *Nova* (EN 1 e EN 2), direcionados ao público feminino adulto, o conteúdo é relacionado ao universo feminino, por exemplo, sucesso profissional, sexo, conquista amorosa, “dicas” de maquiagem. Nos editoriais da revista *Casa Cláudia* (EC 1 e EC 2), direcionada a decoradores e pessoas interessadas em reforma e decoração, o conteúdo diz respeito a gastos com reforma e novas tendências em decoração de residências.

⁶⁴ Ler ouvindo música parece ser uma característica típica dos adolescentes, de um modo geral.

Nos editoriais de jornais, verificamos que os assuntos estão vinculados aos acontecimentos de ordem política, econômica e/ou social, ocorridos na ocasião de sua publicação, apresentando um ponto de vista sobre esse fato, criticando-o. Vejamos os exemplos:

EM 1:

“Pesquisadores do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP) anunciaram ter obtido, pela primeira vez no país, uma linhagem própria de células-tronco embrionárias humanas.”

EF 1:

“Casos como a tragédia que culminou no brutal assassinato do menino João Roberto Amorim Soares, no Rio, e a morte de dois suspeitos já rendidos, em São Paulo, mostram que o discernimento no emprego da força policial no Brasil ainda está muito longe do adequado.”

EG 1:

“Domingo foi o primeiro dia sem bombardeios e foguetes na Faixa de Gaza desde 27 de dezembro(...) A chave para a decisão está na posse hoje do novo presidente americano, Barack Obama.”

Conforme podemos verificar nos exemplos retirados dos textos de jornais, os editoriais foram escritos próximo à data de ocorrência dos fatos; estão, portanto, circunscritos a um momento específico. O EF 1 comenta sobre falhas nas ações policiais: o assassinato de uma criança no Rio de Janeiro, por erro dos policiais militares, que confundiram o carro da mãe da criança com o de marginais que perseguiam e a execução; em São Paulo, de dois jovens que já se haviam rendido aos policiais.

Diferentemente dos assuntos tratados nos editoriais de jornais, os assuntos dos editoriais de revistas funcionam como uma orientação ao leitor, pois apresentam as seções e reportagens que merecem destaque naquela edição, conforme podemos verificar nos exemplos abaixo:

ES1: “A reportagem que está na capa vai responder uma dúvida que tínhamos.”

ES2 “ Confesso que quando o mês começou tínhamos outra reportagem a caminho da capa. (...) Estava na cara, a capa tinha de mudar.”

EC 1: “Casa Cláudia endossa essa opinião e a reportagem da pág. 146 apresenta...”

“Repere nos modelos pesquisados pela repórter visual Mayra Navarro (...) (pág. 74).”

EC 2: “O empenho da repórter gerou a matéria *Diversão Garantida* (pág. 78)”

“Refresque a memória acompanhando as imagens da Retrospectiva Casa Cláudia 30 anos (pág. 50).”

EN 1: “Este ano, sua NOVA foi incrementada com novas seções(...) Uma delas é a antenadíssima *Test-Drive*, (...)”

“Este mês testamos a magia para amarração do amor. Será que funciona? Só lendo.”

“Já nosso novo *reality* show, *Confissões de um Conquistador*, mostra a vida do piloto e modelo Luis Careira, de 27 anos.”

ET 1: “(...) dá uma conferida nas fotos dos bastidores no nosso site!

ET 2: “Nesta edição (...), você vai encontrar algumas razões e muita emoção pra fazer uma primeira leitura ao som de NX Zero.”

“As fotos, como você pode conferir na capa e na matéria, ficaram tuuudo!”

Apenas na revista *Veja* verificamos que o editorial, além de apresentar assuntos de interesse coletivo, relacionados a fatos ocorridos na ocasião de sua publicação, também trata de um tema que se refere a uma reportagem daquela revista, apesar de não haver qualquer marca explícita de apresentação dessa reportagem no corpo do texto. Entretanto, ao consultarmos o índice, na página do lado em que foi publicado o editorial, podemos verificar que, no interior da revista, há uma reportagem sobre o assunto nele apresentado, conforme demonstram as Figuras 1 e 2. Esse aspecto, portanto, confere aos editoriais da revista *Veja* o mesmo propósito das demais revistas analisadas, que é o de chamar a atenção do leitor para matérias no interior da revista. Vejamos os exemplos abaixo, nas Figuras 3 e 4:



Figura 3 Recorte da Revista Veja (1)



Figura 4 Recorte da Revista Veja (2)

Outra observação que merece destaque é que, nos editoriais da revista Veja, assim como nos editoriais de jornais, há referência à ocasião em que os fatos neles tratados ocorreram. Vejamos os exemplos retirados de EV 1 e EV 2:

EV 1:

“O Brasil é possivelmente um caso único, em todo o mundo, onde se recomendam, diante do aumento da criminalidade, a redução das penas e o aumento dos benefícios para os criminosos. (...) No Brasil, ser autor de um primeiro assassinato, ou seja, ser réu primário, é uma atenuante da pena. Isso é uma aberração. (...) “Foi justamente com esse descalabro que a Câmara dos Deputados acabou **na semana passada.**”

EV 2:

“**Na semana passada**, ele [presidente venezuelano, Hugo Chaves] desferiu mais um golpe contra a democracia, ao cumprir sua ameaça de fechar a emissora RCTV,(...)”

Todos os aspectos apresentados no Quadro 10 parecem indicar que existem diferenças entre o conteúdo temático dos editoriais de revistas e os editoriais de jornais, pois, conforme pudemos verificar, nos editoriais de revistas, o conteúdo temático está relacionado a assuntos de interesse específico para o qual a revista se destina. Por outro lado, nos editoriais de jornal, são tratados assuntos de interesse geral, ligados à repercussão de acontecimentos novos na área econômica, política e/ou social.

Ousamos inferir que essa diferença entre o conteúdo temático dos editoriais de jornais e revistas sinalize que se pode tratar de dois gêneros distintos, entretanto, a análise dos outros aspectos (estilo, organização composicional, propósito comunicativo, elementos multimodais e influência do suporte) é que poderá confirmar nossa hipótese de pesquisa. Passemos, então, à análise do estilo, outro aspecto fundamental para a constituição e a identificação do gênero.

3.1.2 Estilo

O estilo remete a questões individuais e genéricas de seleção: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais, etc. No Quadro 11, elencamos as características relacionadas ao estilo em cada um dos textos analisados.

Quadro 11 O estilo nos textos analisados

Estilo						
Revistas	Grau de formalidade	Predominância dos tempos Verbais utilizados	Adjetivações (expressões de valoração do assunto tratado que denotam o ponto de vista do produtor do texto)	Uso de pronomes de tratamento (dirigindo-se ao leitor)	Expressões de afetividade dirigidas ao leitor	Outras variações de estilo
Revista Veja	+ formal	Presente do indicativo	X	0	0	0 Gírias
Revista Super Interessante	- formal + coloquial	Presente do indicativo Imperativo	X	Você	X	
Revista Todateen	- formal + coloquial	Presente imperativo	X	Você	X	gírias
Revista Casa Cláudia	Vocabulário formal, porém demonstrando proximidade com o leitor.	Presente do indicativo Imperativo	X	Você	X	Uso de palavras pertencentes ao campo semântico específico.
Revista Nova	Vocabulário padrão, formal, demonstrando intimidade com o leitor.	Presente imperativo	X	Você	X	
Jornal Folha de S. Paulo	+ formal	Presente do indicativo	X	0	0	0
Jornal O Estado de Minas	+ formal	Presente do indicativo	X	0	0	0
Jornal O Globo	+ formal	Presente do indicativo	X	0	0	0

Em relação ao estilo, percebemos que há uma diferença entre os editoriais das revistas e os do jornal. Enquanto no jornal o vocabulário é mais elaborado e o estilo mais formal e distanciado, buscando uma suposta neutralidade do produtor, nos textos das revistas, o vocabulário é mais coloquial, pois há uma tentativa explícita de aproximação com o público leitor. Essa tentativa de aproximação pode ser percebida nos editoriais de revistas pelo uso do pronome de tratamento “você”, além de uma linguagem bastante descontraída com o uso de gírias, tais como “seu velho”, “jornalistas antenados”, verificados em ES 1 e ES 2, o que pode

sugerir uma tentativa de interação direta com os interlocutores e o estabelecimento de uma suposta intimidade. Exemplo:

ET 1 :

“Espero que **você** não tenha que ter saído em busca do seu pai (...)

“Se além de pai **você** conviver com **seu velho** como amigo(...)”

“Fazer a Super, **você** deve imaginar, exige uma equipe de **jornalistas antenados(...)**”

“Eu não vou enganar **você: os caras são fera (...)**”

Essa simulação de proximidade e intimidade com o leitor também é percebida nos editoriais das revistas Nova, Casa Cláudia e *Todateen*. Nesses editoriais, percebemos que a seleção do vocabulário está em consonância com o público para o qual o gênero se dirige. Quanto a esse aspecto, a revista Veja é a que mais se aproxima dos jornais. Seu estilo é formal, não há a presença de gírias, tampouco expressões que demonstrem intimidade e proximidade entre o produtor do texto e o leitor. Possivelmente, essa característica esteja associada ao fato de que nem os editoriais de Veja, nem os de Jornais são assinados, representando o ponto de vista de um grupo e dirigindo-se a um público cujo “rosto” o redator responsável não conhece, ou seja, não pode defini-lo especificamente, como é o caso das outras revistas que têm a definição de seu público. Cabe aqui lembrar as palavras de Scalzo (2006):

Enquanto o jornal ocupa o espaço público, do cidadão, e o jornalista que escreve em jornal fala sempre com uma platéia heterogênea, muitas vezes sem rosto, a revista entra no espaço privado, na intimidade, na casa dos leitores. Há revistas de sala, de cozinha, de quarto, de banheiro...(...) É isto: revista tem foco no leitor – conhece seu rosto, fala com ele diretamente. Trata-o por “você”. (SCALZO 2006, p. 14-15).

Nos editoriais de jornais, não encontramos nenhum indício de tentativa de proximidade entre o produtor do texto e seus possíveis leitores, como ocorre nos textos das revistas. O que podemos verificar nos editoriais de jornal é um tratamento formal e distanciado, no qual o produtor do texto apresenta um ponto de vista que ele supõe ser compartilhado pelo leitor, conforme podemos perceber no trecho que se segue:

EF 2:

“Casos como a tragédia que culminou no assassinato do menino João Roberto (...), **mostram** que o discernimento no emprego da força policial no Brasil **ainda está longe do adequado.**”

“O abuso do poder de fogo policial **põe em risco** desnecessário as vidas de milhares de brasileiros.”

“A sociedade brasileira **tem o direito** de ser protegida por uma polícia eficiente e dura(...).”

“A sociedade brasileira tem o direito de ser protegida.”

Nos exemplos retirados do EF 2, podemos perceber que o editorialista não se dirige ao interlocutor, na tentativa de induzi-lo a realizar determinadas ações, como acontece nos exemplos dos textos de revista.

Nos editoriais de jornal, observamos que a maioria dos verbos são usados no presente do indicativo, o modo do relato, o que pode sugerir um caráter de verdade e de irrefutabilidade às afirmações feitas, uma vez que a conotação básica do modo indicativo é a de certeza em relação aos fatos relatados. Além disso, representam o pensamento tanto do editorialista quanto de seus leitores.

EF 1: “Ao salpicar concessões sem nexos, estilo de fazer política de Lula torna a economia vulnerável em tempos de incerteza.”

EG 1: Ao contrário do que algumas autoridades intoxicadas de conspirativite interpretam em Brasília, não há, na publicação destes e outros dados, qualquer torcida contra o governo. Apenas a preocupação em informar sobre o tamanho de uma crise que todos desejam ser a menos grave possível para o Brasil, país, de fato, potencialmente em condições de escapar de danos graves – a depender das políticas oficiais.”

EM 2: “A cobrança diferenciada que o projeto pretende autorizar, mediante aceno de descontos duvidosos, nada mais é do que a empurração explícita para o consumidor do custo que o comerciante vinha pagando para eliminar o risco de inadimplência, inerente a seu negócio. Essa transferência de risco é injusta, imoral e, por isso mesmo, totalmente inaceitável.”

Outra característica verificada é que, nos editoriais de revista analisados, com exceção da revista *Veja*, há o uso dos verbos no modo imperativo, sugerindo e incitando os leitores a realizarem determinadas ações. Nesse aspecto, verificamos que, conforme o conteúdo temático que está vinculado à intenção do redator de convencer o leitor a ler as demais matérias da revista, o uso do verbo no imperativo está em conformidade com essa intenção. O uso dos verbos no modo imperativo pode ser verificado nos exemplos:

EC 1: “**Faça** bom uso! Fique de olho também em duas reportagens (...) Repare nos modelos pesquisados (...) inspire-se na seleção de ambientes(...)”

EC 2: “**Refresque** a memória (...) Veja os modelos das cortinas (...)”

EN 1: “**Veja** como conseguir o *look* (...) Vem com a gente (...)”

ES 1: “**Pegue** a Super de outubro do ano passado e vá para a página 99. não tem a revista à mão? (...)É para comprar, ler e guardar.”

ET 2: “**Faça** o seguinte (...)”

Feitas essas observações em relação ao conteúdo temático, passaremos, então para as discussões sobre a organização composicional dos editoriais de revistas e editoriais de jornais.

3.1.3 Organização composicional

Rojo (2005, p.196) destaca que os elementos da estrutura comunicativa e semiótica, compartilhados pelos textos, fazem parte da organização composicional dos gêneros. Nesse sentido, podemos evidenciar as diferenças entre a estrutura composicional dos textos das revistas daquelas relativas ao texto de jornal, primeiramente, pela apresentação visual de um e de outro. No Quadro 12, apresentamos as características referentes à organização composicional de cada um dos textos por nós analisados:

Quadro 12 A organização composicional

Organização composicional								
	Predomina ncia de cores variadas	Elementos extra- linguísticos	Sequências tipológicas predominant e	Linearid ade do tema abordad o	Diagram ação	Assinatu ra	Saudação ou despedida	Outros element os
Revis ta Veja	X	Fotos ilustrativas	argumentativo	X	01 coluna	0	0	Frase resumo no canto direito, abaixo da foto.
Revis ta Supe r Inter essan te	X	Fotos ilustrativas do assunto e do redator	Argumentativ o + injuntivo	0	Texto escrito em colunas.	X	X	Balões com lembrete para consulta ao <i>site</i> da revista
Revis ta Toda teen	X	Fotos e desenhos	Argumentativ o + injuntivo	0	Letras em várias fontes; blocos de assuntos distribuí dos em enquadre s de formas variadas	X	0	Quadro de legenda sobre os desenhos que aparece m nas páginas das revista.
Revis ta Casa Cláu dia	X	Fotos e variações no tamanho das fontes	Argumentativ o + injuntivo	0	01 coluna	X	X	X
Revis ta Nova	X	X	Argumentativ o + injuntivo	0	01 coluna	X	X	X
Jorn al Folh a de S. Paul o	0	0	Argumentativ o	X	02coluna s	0	0	0
Jorn al O Esta do de Mina s	0	0	Argumentativ o	X	01 coluna	0	0	0
Jorn al O Glob o	0	0	Argumentativ o	X	02 colunas	0	0	0

Em relação aos aspectos semióticos, nos editoriais de jornal, verificamos que ocorrem variações apenas na escrita, com ligeiros destaques no tamanho da fonte e na tonalidade dos

títulos. Além disso, não há outros elementos não verbais envolvidos na apresentação visual desses textos.

Em EF 1 e EF 2, a primeira palavra do texto é grafada em caixa alta, o título está em negrito e em fonte maior que o texto, que está dividido em duas colunas. Percebemos, assim, que são usados poucos recursos visuais na apresentação desses editoriais.

Excessos policiais

EXCESSOS como a tragédia que culminou no brutal assassinato do menino João Roberto Amorim Soares, no Rio, e a morte de dois suspeitos já rendi-
ça com um outro, tripulado por assaltantes, que passara pelo mesmo local momentos antes.
O abuso do poder de fogo policial não em risco desnecessário

Figura 5 Recorte EF 1 Jornal Folha de São Paulo (1)

Em EM 1 e EM 2 (Figuras 6 e 7), a fonte usada no título é diferente na forma e no tamanho em relação ao texto, que vem em uma só coluna. A fonte do texto é ligeiramente inclinada e a fonte do título está alinhada na vertical e não há outro aspecto em relação à escrita, nesse editorial, que contribua para sua apresentação.

EM 1

Sucesso com os embriões

O Brasil já começou a colher resultados promissores por ter, há apenas quatro meses, decidido, por meio do Supremo Tribunal Federal (STF), abrir as portas da ciência para o desenvolvimento das pesquisas com células-tronco embrionárias. Pesquisadores do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP)

Figura 6 Recorte de Editorial do Jornal Estado de Minas (1)

Nos EG 1 e EG 2, além da variação da forma e do tamanho da fonte nos títulos e no texto, a primeira letra da primeira palavra é grafada numa fonte maior que o restante das palavras. Todas essas variações servem para destacar os títulos e adiantar o assunto que será discutido, buscando, assim, atrair o leitor.

EG 1



Figura 7 Recorte do editorial de O Globo (1)

Verificamos que, nos editoriais de jornal, houve variação apenas da escrita, sem qualquer outro aspecto extralingüístico que interferisse ou colaborasse para caracterização deste gênero.

Contrariamente aos editoriais de jornais, nos editoriais das revistas, além de variação na escrita, há também a associação das palavras com elementos não verbais, como, por exemplo, cores variadas, ilustrações, diagramação e enquadramento diferenciado de alguns trechos destacados na página em que se apresenta o gênero.

Quanto à linearidade do tema tratado, verificamos que, nos editoriais de revista, com exceção da *Veja*, existe uma quebra, ou ruptura, no desenvolvimento do texto, pois são tratados vários assuntos diferentes dentro do mesmo texto. Essa característica parece estar associada ao propósito comunicativo⁶⁵ dos editoriais de revistas, que é o de fazer a apresentação das várias matérias daquelas edições. Em algumas revistas, como a *Nova*, a *Super Interessante* e a *Todateen*, os assuntos são divididos em blocos.

Na revista *Todateen*, além da quebra na linearidade, cada assunto abordado é distribuído em blocos com enquadres variados tanto no formato, quanto nas cores. Esses recursos gráficos ajudam a enriquecer a mensagem, como se pode perceber nas Figuras 8, 9 e 10:

⁶⁵ Sobre o propósito comunicativo trataremos no item 3.2.



Figura 8 Recorte do editorial de Todateen (1)

Na Figura 8, verificamos a predominância das cores rosa e lilás, em contraste com o amarelo, sugerindo suavidade e feminilidade. Vemos também a imagem de uma garota sorrindo, ao lado dos números de telefone de contato com a edição da revista, sugerindo que esse contato poderá ser agradável, pois o leitor será atendido gentilmente, conforme podemos perceber na expressão sorridente da figura da garota que representa o possível atendente da ligação. Abaixo do quadro com os endereços para contato, há uma “legendinha” com orientações sobre as indicações nas páginas da revista. O uso dos diminutivos “legendinha” e “balãozinho” parece denotar afetividade da revista para com as leitoras.

Outras expressões de afetividade também foram encontradas ao final dos EN 1 e 2, EC 1 e 2 e ES 1 e 2, conforme podemos verificar nos exemplos abaixo:



Figura 9 Recorte do editorial da Revista Super Interessante (2)

Com exceção dos editoriais da revista *Veja*, os editoriais das revistas *Casa Cláudia*, *Nova*, *Super Interessante* e *Todateen*, são todos assinados. Além da assinatura, há as expressões de despedida, conforme mencionamos anteriormente. Essa é mais uma das características que evidenciam a diferença entre os editoriais de revistas e os editoriais de jornais que têm como característica principal a ausência de assinatura de quem o escreveu.

Nesse aspecto, o editorial da revista *Veja* assemelha-se ao editorial dos jornais, pois também não recebe assinatura. A ausência de assinatura nos editoriais da revista *Veja* e dos editoriais dos jornais corresponde às definições de editorial como um gênero que se destina à emissão de opinião da instituição que representa e não é assinado.

Conforme mencionamos anteriormente, quanto à linearidade, os editoriais da revista *Veja* assemelham-se aos editoriais de jornais: o texto desenvolve-se em torno de um assunto principal sobre o qual o editorialista constrói sua argumentação, ou seja, há a apresentação de um tema num determinado contexto, seguido de sustentações, ou justificativas, e de conclusão, ou fecho.

Os editoriais das demais revistas apresentam uma estrutura diferente dos editoriais de jornal. Nos editoriais das revistas *Casa Claudia*, *Nova*, *Todateen* e *Super Interessante*, há a apresentação e a descrição das matérias, e percebemos, também, a predominância da injunção, e da argumentação, pois, além de apresentar as matérias e defender um ponto de vista sobre elas, o texto incita o leitor à realização de determinadas ações, como, por exemplo, consultar o *site* da revista, entre outras incitações. No ET 2, há inclusive uma orientação passo a passo para o leitor agir e surpreender “a galera”, conforme podemos verificar na Figura 10:



Figura 10 Recorte da revista *Todateen* (2)

Quanto aos aspectos visuais, a revista *Todateen* é a que mais utiliza esses recursos na composição de seus editoriais, conforme podemos verificar nos exemplo a seguir: na Figura 11, verificamos que o círculo vermelho delimita espacialmente a mensagem, chamando a

atenção para a assinatura do responsável pela coluna, em outra cor de fundo e em caracteres maiores. As borboletas em torno do texto sugerem um ambiente de descontração primaveril.



Figura 11 Recorte do editorial da Revista Todateen (3)

Na Figura 12, verificamos as imagens de estrelas, combinando tons de rosa e amarelo (dourado), que lembram o brilho dos sol e/ou das estrelas (astros). O texto é apresentado com um tom de fundo também amarelado, combinando com a cor da estrela. Verificamos, assim, uma preocupação do produtor do editorial em associar elementos não verbais para enriquecer seu texto e atrair a atenção dos possíveis leitores.



Figura 12 Recorte do editorial da Revista Todateen (4)

A Figura 13 mostra, além da variação nas cores, a disposição dos blocos de textos em enquadres diferentes, assinatura e identificação de todos os membros da redação.



Figura 13 Recorte do Editorial da revista Todateen (5)

Nos ES 1 e ES 2, são tratados diversos assuntos, sendo esses delimitados por barras que os separam e evidenciam a ruptura da linearidade. Essas barras parece terem como função sinalizar para o leitor a mudança de assunto, colaborando, assim, para o sentido do texto. Outro elemento também verificado é a presença do balão de fala, que incita o leitor a realizar uma busca *on-line* de informações complementares para os assuntos tratados nesse editorial. Vejamos os exemplos nas Figuras 14 e 15:

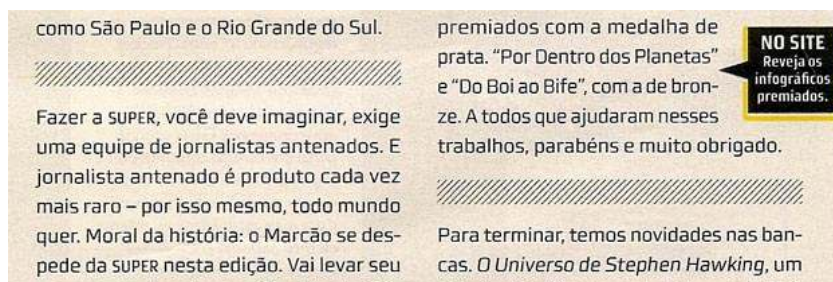


Figura 14 Recorte do editorial da Super Interessante (3)

Em EN 1 e EN 2, verificamos que o texto principal também não segue uma linearidade, pois há a apresentação de vários assuntos no mesmo texto. Além disso, ao lado do texto principal, há uma coluna com outra sequência: “dicas” sobre a maquiagem e o penteado da personagem da capa daquela edição.



Figura 15 Recorte de editorial da Revista Nova (1)



Figura 16 Recorte de editorial da Revista Nova (2)

Quanto à diagramação, os textos das revistas Super Interessante e Nova obedecem ao mesmo padrão dos jornais Folha de São Paulo e O Globo: são distribuídos em colunas de largura semelhante. A diagramação dos textos das revistas Veja e Casa Cláudia assemelha-se aos textos do jornal O Estado de Minas: são escritos em apenas uma coluna.

A organização composicional dos editoriais de revistas e a de jornais apresentam determinadas diferenças que podem evidenciar que se trata de gêneros distintos, pois, nas revistas, podemos verificar uma constante associação entre imagem, escrita e outras variações na apresentação visual que não ocorrem nos editoriais de jornal. Esses aspectos serão retomados de maneira mais aprofundada no tópico sobre a multimodalidade.

3.2 Propósito comunicativo

Askehave e Swales (2001) propõem que o propósito comunicativo não deve ser tomado como o critério privilegiado na caracterização do gênero, mas quando associado a

outros elementos, pode colaborar para sua elucidação. Nesse sentido, a partir da análise dos aspectos constitutivos do gênero, podemos identificar algumas semelhanças e diferenças entre o propósito comunicativo dos editoriais de jornais e de revistas. Acreditamos que, apesar de os editoriais de revistas e os editoriais de jornais terem como propósito argumentar em favor de pontos de vista, as diferenças elencadas a partir da análise dos três aspectos constitutivos do gênero, poderão evidenciar que os editoriais de revistas e os editoriais de jornal analisados têm propósitos comunicativos distintos.

Para melhor evidenciarmos nossas observações, elaboramos o Quadro 13, no qual expomos os aspectos verificados.

Primeiramente, identificamos um propósito comunicativo que consideramos ser comum às duas modalidades de editorial: ambos têm uma base argumentativa e buscam conquistar e convencer o leitor, tornando-o um aliado. Tanto os editoriais de jornais quanto os de revistas defendem idéias. Nos editoriais de jornais, verificamos o posicionamento ideológico em relação a acontecimentos que tiveram repercussão na sociedade na ocasião de sua publicação. Nos editoriais de revistas, podemos verificar o posicionamento do editorialista em relação à relevância dos assuntos tratados no interior de cada edição.

Quadro 12 O propósito comunicativo

Propósito comunicativo comum
Tanto os editoriais de jornal quanto os de revista têm uma base argumentativa e buscam conquistar e convencer o leitor, tornando-o um aliado.
Propósito comunicativo nos editoriais de revistas
Apresentar o conteúdo da revista e persuadir o leitor a lê-la.
Propósito comunicativo nos editoriais de jornais
Comentar e criticar questões econômicas, políticas e/ou sociais e conseguir a adesão do leitor para as ideias expostas.

Entretanto, seguindo as orientações de Askehave e Swales (2001), ao observarmos as características referentes ao conteúdo temático, ao estilo e a organização

composicional nos editoriais de revistas e de jornais, percebemos determinadas diferenças entre o propósito comunicativo de um e de outro.

Os editoriais das revistas buscam apresentar ao leitor as matérias naquela publicação. Tentam convencê-lo a prosseguir na leitura e até mesmo incitam-no à realização de determinadas ações, como, por exemplo, ler as matérias publicadas naquela edição ou realizar uma busca *on-line* de outras matérias veiculadas em edições anteriores.

ET 1:

“(...) passe o dia com seu paizão e diga o quanto ele é importante em sua vida.”

“(...) dá uma conferida nas fotos dos bastidores de nosso site!

“(...) vou me permitir pedir para você que nos escreva contando qual é a sua música e a de *Todateen*.”

ES 2:

“Pegue a Super de outubro do ano passado e vá para a página 99.”

“A reportagem que está na capa vai responder um monte de perguntas que tínhamos (...) Mas que raios era esse país? Como era o Brasil antes de D. João colocar ao pés aqui?”

EN 1

“Veja como conseguir o *look* antenado de Fernada Vasconcelos.”

EC 1

“(...) a reportagem da pág. 146 apresenta o roteiro essencial (...). Faça bom uso! Fique de olho também em duas reportagens desta edição que enfocam(...)”

Diferentemente dos editoriais de revistas, nos editoriais de jornais, não há indícios explícitos de que o produtor do texto almeje a realização de ações a partir da leitura desse gênero. Percebemos, nesse gênero, que o editorialista, além de convencer o leitor e persuadi-lo a aderir às teses apresentadas, apresenta também uma tomada de posição ideológica em relação ao assunto que está sendo tratado, conforme podemos verificar nas expressões destacadas nos exemplos:

EF 2:

“(...) mostram que o discernimento no emprego da força policial no Brasil **está muito longe do adequado.**”

“No domingo, desta vez no Rio de Janeiro, a vítima de uma **ação tresloucada da polícia** foi um garoto de 3 anos.

EG 1

“Ao contrário do que algumas **autoridades intoxicadas de conspirativite** interpretam em Brasília, não há, na publicação destes e outros dados, qualquer torcida contra o governo.”

EM

“**É polêmico, para dizer o mínimo,** o projeto de lei que vai permitir ao comércio cobrar do consumidor preços diferentes para o mesmo produto e serviço.”

Em relação ao estilo, a linguagem utilizada nos editoriais de revistas e de jornais parecem evidenciar que as escolhas linguísticas e a diferença no grau de formalidade entre os

editorias de jornais e os de revistas direcionam-se no sentido de atingir o objetivo pretendido que é conquistar e convencer o leitor.

Outra diferença que também colabora para a diferenciação entre o propósito comunicativo dos editoriais de revistas e os editoriais de jornais pode ser verificada no conteúdo temático. Nas revistas, o conteúdo temático dos editoriais divulgam as matérias do interior de cada edição, ao passo que o conteúdo temático dos editoriais de jornais refere-se a acontecimentos que provocam repercussão na sociedade, por serem fatos novos que alteram aspectos econômicos, sociais e/ou políticos.

Destarte, a partir das diferenças verificadas na organização composicional, no estilo e no conteúdo temático dos editoriais de revistas e de jornais, inferimos que, em relação ao propósito comunicativo, editoriais de revistas e jornais poderiam ser classificados como gêneros distintos.

3.3 Multimodalidade⁶⁶

3.3.1 Multimodalidade nos editoriais de revistas

A multimodalidade é um traço constitutivo de todos os gêneros textuais escritos e orais, conforme Dionísio (2005). Entretanto, verificamos que há uma diferença na utilização desses recursos na constituição dos editoriais de jornais e dos de revistas. As revistas utilizam uma quantidade maior de recursos multimodais em relação aos jornais, conforme podemos verificar no Quadro 14, cujos aspectos descritos discutimos em seguida.

Verificamos, nas revistas, a utilização de imagens associadas à escrita. Além das imagens (fotos e desenhos), verificamos também a predominância de cores variadas e chamativas (especialmente nos editoriais de *Todateen*, possivelmente na tentativa de agradar ao público jovem para quem a revista se destina).

Os aspectos verificados na revista *Todateen* sugerem uma forma de interagir com o público leitor: cores diferentes das letras dos “blocos” de textos, desenhos em torno dos textos e a variação do enquadre (um texto está inclinado para um lado, o outro inclinado para outro), formatos de delineação variados (um texto está distribuído em uma coluna vertical, outro na horizontal, outro dentro de um círculo).

⁶⁶ Conferir *layout* das páginas das revistas nos anexos.

Quadro 13 Aspectos de multimodalidade verificados nos textos

Multimodalidade							
Revistas	Frequência de ocorrência dos elementos multimodais						
	Cores variadas	Fotos ilustrativas	Desenhos	Fotos dos redatores	Variação na fonte	Diagrama ção (aspectos diferentes do padrão)	Outros elementos
Revista Veja	X	X	0	0	X	0	0
Revista Super Interessante	X	X	X	X	X	X	X
Revista Todateen	X	X	X	0	X	X	X
Revista Casa Cláudia	X	X	0	X	X	X	X
Revista Nova	X	X	0	X	X	X	X
Jornal Folha de S. Paulo	0	0	0	0	X	0	0
Jornal O Estado de Minas	0	0	0	0	X	0	0
Jornal O Globo	0	0	0	0	X	0	0

Nos dois editoriais de *Todateen*, além das cores alegres e variadas, os desenhos estão relacionados aos títulos: o primeiro, “Coisa dos astros”, acompanhado do desenho de uma estrela maior, com vários tons de amarelo e estrelas pequenas, sugerindo o brilho das estrelas e do sol; o segundo, “A música da sua vida”, acompanhado do desenho de um aparelho de som portátil, do qual saem alguma cifras musicais, sugerindo o som da “música da sua vida”.

Dionísio (2005, p. 131) afirma que “imagem e palavra mantém uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada”. Destarte, verificamos que a combinação entre imagem e palavras confere à revista *Todateen* um caráter de descontração e jovialidade em consonância com o público feminino adolescente para o qual se direciona. O *layout* das páginas dos ET 1 e 2 confirmam nossa afirmação e mostra-nos o impacto visual provocado pela combinação dos diversos recursos multimodais que compõem esse gênero nessa revista.



Figura 17 *Layout do editorial da Revista Todateen (1)*



Figura 18 *Layout do editorial da Revista Todateen (2)*

Na composição gráfica da revista Super Interessante, há também a associação de imagens e escrita. Além da foto do redator-chefe, responsável pela produção do texto; o título da seção vem em maiúsculas, em duas cores (preto e vermelho) e entre colchetes, para chamar a atenção do leitor. O título do texto aparece em fonte maior que o texto, que vem abaixo e está em negrito. O texto é disposto em colunas e, a cada assunto diferente, há uma divisão (pequenos traços transversais formando uma barra).

No ES 1, verificamos várias imagens relacionadas aos assuntos tratados no texto: a foto do autor da reportagem da capa e as imagens do “*infos premiados*”, citados no texto. Além disso, há também um balãozinho de fala chamando a atenção do leitor para acionar o *site* da revista. Todos esses aspectos colaboram para a constituição desse gênero nessa edição.



Figura 19 *Layout do editorial da Revista Super Interessante (1)*



Figura 20 *Layout do editorial da Revista Super Interessante (2)*

No ES 2, verificamos, além dos aspectos visuais, o recurso da intertextualidade: o título do texto é idêntico ao título de um filme que fazia sucesso na ocasião da publicação dessa edição. A legenda da foto confirma essa referência ao filme *Tropa de Elite*, no qual os policiais do BOPE (Batalhão de Operações Especiais), vestidos de uniforme preto, usavam sacos plásticos para torturar as pessoas das quais queriam obter informações. Esse recurso demonstra que o produtor do texto considera que seus leitores possuam o conhecimento

necessário para perceber a relação que é feita entre o filme e o trabalho da equipe da revista, apresentada na legenda da foto.



Figura 21 Recorte do *layout* do editorial 2 da Revista Todateen (5)

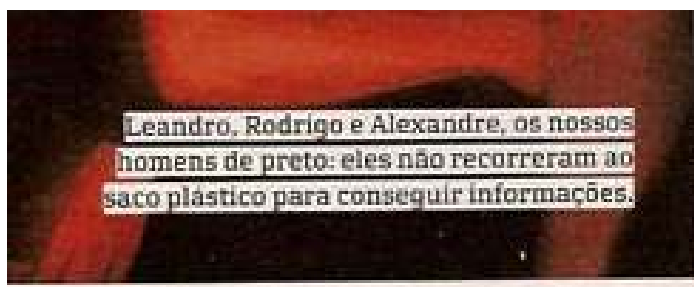


Figura 22 Ampliação da legenda do recorte do *layout* 2 da revista Super Interessante

É importante salientarmos que os editoriais de jornais também podem utilizar a intertextualidade ao determinar os títulos de seus editoriais, entretanto, destacamos que, nos editoriais de revistas, além dos títulos, são usadas imagens, fotos e desenhos que também colaboram e reforçam esse aspecto, como podemos verificar na Figura 20, na qual todos os jornalistas estão vestidos de roupa preta, da mesma forma que os policiais do filme mencionado.

Nos editoriais da revista Nova, o título da seção aparece disposto no sentido vertical, em letras coloridas (tons *degradê*). Há fotos de produtos de maquiagem, secador de cabelo, escovas, fotos da redatora, da editora de fotografia (segurando um cãozinho junto ao rosto; foto da personagem da capa junto com o cabeleireiro e o maquiador, nos dois editoriais analisados) e reprodução das fotos da capa da revista junto com “dicas” de penteado e maquiagem usados pelas personagens das fotos. Os textos são assinados após uma expressão de despedida. A reprodução da assinatura (em letra cursiva) é seguida do nome da diretora da redação e de seu endereço eletrônico, para um possível contato. Todos esses aspectos formam o todo que constitui e apresenta o gênero nessa revista e está direcionado ao público feminino.



Figura 23 Recorte do *layout* do editorial da Revista Nova (2)



Figura 24 Recorte do *layout* do editorial da Revista Nova (3)

Outra característica observada nos editoriais da revista Nova é a coluna ao lado do texto, em que são apresentadas “dicas” sobre a maquiagem e o penteado da personagem da capa da revista e têm o objetivo de orientar as leitoras no sentido de obter um *look* parecido.



Figura 25 Layout da página completa do editorial da Revista Nova (1)



Figura 26 Layout da página completa do editorial da Revista Nova (2)

Nas revistas Casa Cláudia, há também a associação de imagens com o texto: além da foto da diretora da redação, há também fotos dos responsáveis pelas matérias e os textos são assinados. Há apenas o título da seção, grafado em duas cores diferentes. Os tons das cores são suaves, sugerindo um ambiente claro e confortável.



Figura 27 Layout da página completa do editorial da Revista Casa Cláudia (1)



Figura 28 Layout da página completa do editorial da Revista Casa Cláudia (2)

Verificamos, também, que os dois editoriais são assinados e, além da foto de quem escreveu, contêm a assinatura e a identificação profissional de quem os assinou. Essa característica de reforço na identificação do autor do texto analisado repete-se nas revistas Super Interessante e Nova. Quanto à localização das fotos, nas revistas Casa Cláudia e Nova,

as fotos vêm na parte superior da página e, na revista Super Interessante, elas vêm ao lado do nome do redator e do seu endereço eletrônico.

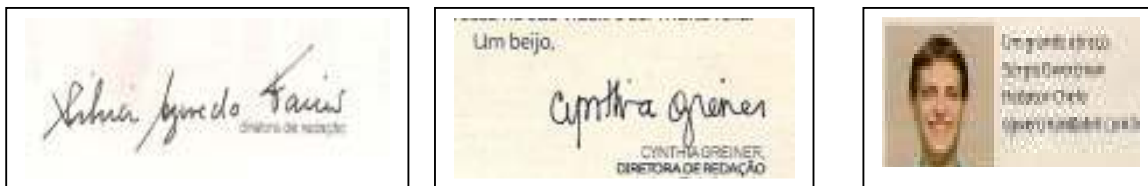


Figura 29 Recortes com as assinaturas dos editoriais das revistas Casa Cláudia, Nova e Super Interessante

3.3.2 Multimodalidade nos editoriais de jornal

Quanto à utilização de recursos multimodais na elaboração do gênero editorial de jornal, verificamos que há uma diferença em termos de riqueza de recursos. Enquanto os editoriais de revistas “abusam” das cores, fotos e imagens, os editoriais de jornais atêm-se à variação unicamente da escrita. No editorial do jornal Folha de S. Paulo, verificamos o nome do jornal grafado em letras maiúsculas, em tamanho grande e em negrito, abaixo do nome da seção “opinião”. O título da seção “Opinião” é grafado em tamanho menor que o nome do jornal, ao lado das informações sobre o local, dia da semana e data da publicação, que são grafadas em letras menores. O título do editorial é escrito com letras maiores e em negrito e a primeira palavra aparece grafada toda em maiúsculas. Não há divisões no assunto do texto, que aparece de forma linear, não dividido em blocos como nas revistas. A diagramação é feita em colunas e, nos dois editoriais do jornal Estado de Minas, percebemos a utilização de um aspecto multimodal que não ocorre nos demais. Esse recurso chama-se “olho”, ou seja, uma frase em destaque, no meio do texto, que resume o conteúdo abordado, seja por meio de um fragmento recortado do texto, seja por meio de um fragmento que sintetiza o conteúdo debatido no editorial⁶⁷. No caso dos EM 1 e 2, o “olho” é uma frase-resumo do conteúdo abordado.

⁶⁷ Informação retirada do Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fofha/circulo/manual_redacao.htm>. acessado em 21 de março de 2009.

3.3.2.1 Jornal Folha de São Paulo

Conforme podemos verificar nas figuras 30 e 31, na página de jornal Folha de S. Paulo, em que o gênero editorial é veiculado, há a publicação de dois editoriais, ambos sem assinatura. Há também uma charge colorida; quatro artigos de opinião assinados e uma coluna denominada Frases, na qual são publicadas frases de impacto que mereçam ser levadas ao público.

Ao observarmos o editorial em cada *layout* das páginas de jornal analisadas, observamos que são utilizados poucos recursos multimodais em sua apresentação. Essa escassez de recursos multimodais pode evidenciar outra significativa diferença entre os editoriais de revistas e os editoriais de jornais que compõem o *corpus* dessa pesquisa.



Figura 30 Layout do editorial da Folha de São Paulo (1)



Figura 31 Layout do editorial da Folha de São Paulo (1)

Como se pode perceber, há semelhanças entre os dois layouts, no que diz respeito aos recursos de multimodalidade.

3.2.2.2 Jornal Estado de Minas

No jornal Estado de Minas, o editorial geralmente vem publicado na página 6. O nome do jornal vem no topo da página, em letras pequenas, ao lado da indicação da data, dia da semana e mês. O nome da seção “Opinião” vem grafado em letras grandes, caixa alta, em duas cores: preto e branco, dentro de uma faixa .Além do título da seção, acima do título do texto vem o nome do gênero: editorial, grafado em letras médias, em caixa alta, abaixo das informações sobre a equipe do jornal. Ao lado do editorial vem a seção “frases” e ao lado, uma charge, em preto e branco, acima da seção “cartas à redação”. Abaixo dessa última seção

mencionada vemos um gráfico e fotos abaixo do título “painel do leitor”. Todos esses aspectos descritos compõem a página na qual o editorial é veiculado. Como podemos perceber, os aspectos elencados acima não influenciam na compreensão de sentido do editorial de jornal. O que podemos verificar é que na composição dos editoriais de jornal há pouca utilização de recursos multimodais em comparação com os editoriais de revistas.

6

ESTADO DE MINAS

OPINIÃO

ESTADO DE MINAS

FUNDADOR DOS ASSOCIADOS: ASSIS CHATEAUBRIAND

EDITORIAL

Sucesso com os embriões

FRASES DO DIA

39

“VOCÊ SABE EM QUEM VOTOU NA ÚLTIMA ELEIÇÃO?”

“E EM QUEM VAI VOTAR AGORA?”

“NÃO.”

“DEPOIS DA ELEIÇÃO, TE DIGO.”

CARTAS À REDAÇÃO

JOVENS

Políticos devem dar mais espaço a eles

Plano de Carreira

Reajuste de 5% ainda provoca contestação

ARBITRARIIDADE

Prefeito corta sinal de TV e recolhe EM

FRASES DO DIA

39

Quem Escreve

EDITOR: PAULO LOPES

ASSISTENTE: BRUNO LOPES

REDAÇÃO: AV. BRASIL, 1.111 - JARDIM SÃO CARLOS - 30.130-000 - Belo Horizonte

TELEFONE: (31) 3266-1070

Figura 32 Layout da página de editorial do Jornal Estado de Minas (1)

109

3.2.2.3 Jornal O Globo

O editorial do jornal O Globo é publicado geralmente na página 6, na seção "Opinião", abaixo do nome do jornal que vem escrito em letras grandes, caixa alta e em negrito. Junto com o nome, vem também a especificação da equipe do jornal. Nessa página, é publicado apenas um editorial sem assinatura, cujo título vem abaixo do nome da seção. Utilizam-se somente as cores preto e branco.



Figura 34 Layout da página de editorial do Jornal O Globo (1)



Figura 35 Layout da página de editorial do Jornal Estado de Minas (2)

Para finalizar a discussão sobre a multimodalidade, cabe lembrar as palavras de Marcuschi (2004, p. 3), quando afirma que “entre os produtos históricos construídos pelos humanos coletivamente estão os gêneros textuais organizados, situados e destinados a produzir um efeito de coerência em seus receptores...”. Nesse sentido, compreendemos que todos os aspectos multimodais utilizados na composição e na apresentação do gênero dos editoriais de revistas e de jornais estão, indubitavelmente, organizados a fim de cumprir com

um objetivo pré-determinado de produzir sentido em seus interlocutores. Entretanto, como o propósito parece não ser o mesmo entre os editoriais de revistas e os de jornais, há também a diferenciação na seleção dos recursos que servirão para conquistar o leitor.

3.4 O suporte

Marcuschi (2003 p. 12) destaca que “o suporte é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e **deve ter algumas influências na natureza do gênero suportado**”⁶⁸. Nessa citação, podemos perceber que o autor não faz uma afirmação categórica sobre as influências que o suporte exerce sobre os gêneros, mas nos deixa um espaço para investigarmos até que ponto isso pode ocorrer, sem que haja transmutação do gênero, ou seja, se que haja a transformação do gênero em outro.

Em consonância com a definição de suporte, proposta por Marcuschi (2003), temos o conceito de “*mídium*” proposto por Dominique Maingueneau (2001, p. 71) que afirma que “é necessário reservar um lugar importante para o modo de *manifestação material* dos discursos, ao *suporte*, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador, etc.”⁶⁹. Maingueneau amplia sua definição afirmando que “o *mídium* não é um simples meio, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante no *mídium* modifica o *conjunto de um gênero de discurso*”⁷⁰ (MAINGUENEAU, 2001, p. 71-72).

Destarte, apresentaremos no Quadro 15 as diferenças acerca dos suportes Revista e Jornal, que julgamos contribuir para a confirmação de nossa hipótese de que os textos denominados editoriais de revistas apresentados no início de cada edição, apresentam regularidades textuais e discursivas diferentes daquelas encontradas nos textos de jornais, também denominados editoriais.

⁶⁸ Grifo nosso.

⁶⁹ Grifos do autor.

⁷⁰ Grifos do autor.

Quadro 14 Características dos suportes Revistas e Jornais

SUPORTE		
Características	Revistas	Jornais
Formato	As revistas, geralmente, têm um formato menor, são fáceis de serem carregadas e guardadas e podem ser colecionadas, cabem numa mochila e disfarçam dentro de um caderno. Para revistas, o padrão mais comum é 26,5 por 20 centímetros.	Para jornais, há três tamanhos fundamentais de páginas: <i>Standard</i> - página inteira, com mancha gráfica variando em torno de 120 por 70 paicas ⁷¹ (ou aprox. 50 cm por 30 cm) e bordas de dois a três centímetros. A mancha gráfica de <i>O Globo</i> , por exemplo, é de 125 por 70 paicas. Tablóide - metade do tamanho do <i>standard</i> ; costumam ser jornais populares que utilizam profusão de recursos gráficos, pouco texto e muitas fotos. Microjornal - metade do tamanho do tablóide.
Qualidade do papel	A qualidade do papel e da impressão da revista garantem melhor qualidade de leitura do texto e das imagens.	A baixa qualidade do papel interfere na qualidade das fotos e causa o amarelamento do jornal em curto espaço de tempo.
Durabilidade	Devido à qualidade do papel e do conteúdo das revistas elas têm uma durabilidade maior que o jornal.	As informações são renovadas a cada dia, por isso os jornais têm pouca durabilidade. Por ser publicado diariamente, usa-se um papel mais barato do que o das revistas e, consequentemente, menos resistente
Periodicidade	Mensal ou semanal	diários
Fotografias	Fotos produzidas ⁷²	Fotos não produzidas ⁷³
Imagens	As imagens servem para reforçar e ilustrar os assuntos tratados, ou para seduzir o leitor.	Imagens ilustrativas dos temas tratados, às vezes servindo como reportagem visual (a imagem fala por si, causando forte impacto no leitor).
Capa	Poucas ou apenas uma imagem de destaque (geralmente produzida); manchetes do assunto principais.	Várias fotos (não produzidas) como destaque das notícias e/ou reportagens. Várias manchetes.
Design	É o universo de valores e de interesses dos leitores que vai definir a tipologia, o corpo do texto, a entrelinha, a largura das colunas, as cores, o tipo de imagem e a forma como tudo isso será disposto na página. (SCALZO, 2006, p. 67).	Em relação ao <i>design</i> , os editoriais de jornais geralmente são distribuídos em colunas verticais. Há a utilização de recurso chamado de olho (frases colocadas no meio da massa de texto, entre colunas, para ressaltar trechos e substituir quebras); Há também o uso de subtítulo - (em algumas redações no Brasil, chamados de <i>sutiã</i> , <i>linha-fina</i> ou <i>linha de apoio</i>) colocado abaixo do título principal, complementando a informação do título e instigando à leitura do texto ⁷⁴ .
Relacionamento com o leitor	Trata o leitor de uma forma mais direta, demonstrando proximidade e intimidade. Usa pronomes de tratamento e, às vezes até simula um diálogo com o leitor.	Trata o leitor de forma mais distanciada, não se dirige ao leitor, tampouco utiliza pronomes de tratamento.

⁷¹ Paica: unidade de medida tipográfica que corresponde à largura fixa das colunas dos texto de jornais e revistas. (BARBOSA e RABAÇA- Dicionário de Comunicação).

⁷² Por fotos produzidas entendemos como aquelas tiradas em estúdios ou as que são pré-definidas, recebendo toda uma preparação anterior (maquiagem das pessoas fotografadas, escolha e preparação do cenário

⁷³ Por fotos não produzidas entendemos aquelas tiradas no instante do acontecimento dos fatos a serem divulgados. Não recebem uma preparação anterior, são selecionadas para definição daquela que causará maior impacto ou apresentará melhor o assunto que está sendo tratado.

⁷⁴ Informações disponíveis em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Diagrama%C3%A7%C3%A3o>.

3.4.1 Influência do suporte no gênero investigado

Quadro 15 Influência do suporte nos gêneros investigados

Influência do suporte no gênero investigado		
Características	Revistas	Jornais
Conteúdo	Assuntos informativos. Seu conteúdo pode abranger fatos recentes ou não, acompanhados por críticas ou comentários das situações objetivadas.	Divulgação de assuntos de interesse geral e imediato, pois tem uma vida efêmera e logo é posto de lado para leitura das edições seguintes.
Organização composicional	Utilização de material de ilustração, prendendo o leitor também pelos aspectos visuais.	Ausência de ilustração. Prende o leitor pelo ponto de vista defendido.
Estilo	Tem o foco no leitor e. O redator escreve para um público segmentado, privado. Sendo assim, o redator conhece o perfil do leitor e dirige-se a ele com maior intimidade.	Tem o foco na notícia. O redator escreve direcionado a um espaço público, heterogêneo, ou seja, o redator escreve para uma plateia geral, daí o estilo mais distanciado.

Existem determinadas características nos editoriais de jornal e nos editoriais de revistas que podem receber influência do suporte no qual são veiculados. Tais características podem ser verificadas no conteúdo temático, no estilo e na organização composicional desses gêneros.

Quanto ao conteúdo temático, nos jornais, pelo fato de circularem diariamente, os assuntos neles tratados, na maioria das vezes, são pontuais, pois se referem a acontecimentos ocorridos na ocasião de sua publicação. Como a cada dia as notícias se renovam, na edição seguinte, mesmo que seja tratado um assunto discutido na edição anterior, há sempre algo novo a ser acrescentado, o que torna o jornal um suporte, na maioria das vezes, descartável. Por essa razão, o papel com o qual é confeccionado é de qualidade inferior ao usado nas revistas.

Além disso, os jornais acompanham os fatos diariamente e “em cima” dos acontecimentos, pois, no dia seguinte a determinados fatos, os jornais os noticiam de forma a acompanhar a evolução e o desenrolar dos mesmos. Assim, os jornalistas devem estar atentos e devem também buscar o maior número possível de informações para, no dia seguinte, tratar do mesmo assunto, mas abordando alguma novidade.

As revistas também publicam reportagens importantes sobre fatos relevantes ocorridos no intervalo de sua circulação, seja semanal ou mensal. Entretanto, como possivelmente os jornais já noticiaram dia a dia sobre esse acontecimento, o jornalista da revista deve ter o cuidado de buscar algo novo, ler tudo que já foi publicado sobre o assunto para oferecer ao

leitor informações que acrescentem novidades àquilo que ele já sabe. Sobre essa questão, Sscalzo, (2006) faz a seguinte observação:

Além de se distanciar ainda mais do tempo real da notícia, a publicação de periodicidade mais larga obriga-se a não perecer tão rapidamente, a durar mais nas mãos do leitor. É por isso que a notícia “nua e crua” nunca teve lugar de destaque em revistas (a não ser em lugares e períodos em que elas eram o único meio de comunicação de que se dispunha). (SCALZO 2006, p. 42)

Outro aspecto é que, por ser descartável, dificilmente o mesmo jornal poderá ser revisitado e lido várias vezes por diferentes pessoas por um espaço de tempo maior, como acontece com as revistas, pois os leitores já sabem que, a cada dia, as notícias nele publicadas são renovadas. Logicamente, exemplares são arquivados em bibliotecas e arquivos públicos, com objetivos de registro histórico, mas, no que diz respeito ao grande público, ele é rapidamente esquecido. O jornal de ontem ou da semana passada, provavelmente não desperta o mesmo interesse que um jornal do dia. O mesmo não acontece com as revistas, que, mesmo sendo de semanas ou meses anteriores, sempre despertam o interesse, nem que seja para ser folheadas, para mera observação das figuras. Assim, por permanecerem ao alcance do leitor por um espaço de tempo maior, certamente terão que comportar textos com assuntos que sejam atraentes para serem lidos em qualquer época e em qualquer lugar. Não há dúvida de que, com o tempo, os assuntos tratados se desatualizam, mas, além de isso acontecer em um espaço de tempo mais prolongado, o interesse pelas figuras permanece.

Em relação à estrutura composicional, no editorial de jornal não há elementos extratextuais, como a utilização de fotos, figuras ou recursos gráficos na composição desse gênero. Nos editoriais de revista, esses elementos são constantes. Talvez essa característica se deva ao fato de o editorial de jornal ter um propósito mais informativo⁷⁵ e ser produzido para ser lido num tempo mais ágil, com mais ênfase nas idéias expostas, dispensando, assim, o uso de figuras. Já as revistas, como têm um propósito maior de entretenimento, quanto mais usarem cores e figuras, mais atraentes serão.

Em termos de quantidade, as revistas contêm um número menor de gêneros do que o jornal. Enquanto o jornal possui vários cadernos para tratar, cada um, de um assunto específico, comportando vários gêneros, as revistas dispõem de menos espaço. Por essa razão, talvez, as revistas apresentem menor quantidade e menor variedade de gênero.

⁷⁵ Reconhecemos que as revistas também são informativas, mas o foco maior parece ser o entretenimento e o aconselhamento.

No item 1.7, neste trabalho, apresentamos um quadro elaborado por Silva (2007) no qual a autora elencou as categorias de texto encontradas nos jornais e nas revistas que analisou em sua pesquisa. Nesse quadro, a autora divide os textos que são publicados em jornais e os que são publicados em revistas, o que possibilita mostrar a diferença de quantidade dos textos em um e em outro suporte.

Em relação ao estilo, a linguagem das revistas é muito diferente da linguagem utilizada nos jornais. O jornal utiliza uma linguagem formal, na modalidade padrão da língua, o que produz um efeito de sentido de uma pretensa imparcialidade e de certa seriedade na abordagem do tema. Em seu trabalho sobre a autoria institucional nos editoriais de jornal, Alves Filho (2006, p. 86), comenta que, nos editoriais de jornal, “faz-se o uso do prestígio da variedade culta da língua, de modo que esse prestígio ‘contamine’ os textos e contribua para dar a entender um *tom de verdade*”. Essa característica é semelhante nos editoriais dos três títulos de jornais pesquisados, conforme podemos verificar nos exemplos:

EF 1: “Os desafios postos pela conjuntura econômica à política pública são hoje de natureza distinta, e mais benigna que os do passado. O repique da inflação e a reviravolta nas contas externas são contrapartidas de um período de expansão forte e duradoura da atividade no mundo todo.”

EG 1: “As dimensões da crise mundial e dos reflexos no Brasil aos poucos vão sendo conhecidas como um cenário é descortinado no teatro.”

EM 1: “O Brasil já começou a colher resultados animadores por ter, há apenas quatro meses, decidido, por meio do Supremo Tribunal Federal (STF), abrir os caminhos da ciência para o desenvolvimento das pesquisas com células-tronco embrionárias.”

Nesse aspecto, os editoriais da revista *Veja* aproximam-se mais do estilo dos jornais do que das demais revistas. Seu estilo é formal e não há indícios de aproximação com o leitor:

EV 2: “A escalada totalitária na Venezuela não é motivo de preocupação apenas para os venezuelanos. É também fonte de inquietação para todos aqueles que, na América Latina, defendem a democracia e seus pilares: a liberdade de opinião, de expressão e de associação e a livre iniciativa.”

Nos editoriais das demais revistas analisadas, percebemos que o estilo é mais descontraído, mais íntimo, variando, inclusive, entre uma publicação e outra. Como cada revista conhece o público para o qual está direcionada, usará uma linguagem de acordo com esse público, pois conhecendo o perfil de seu leitor, saberá exatamente como melhor deverá se dirigir a ele.

EC 1: “Antes de renovar o visual da sala inspire-se na seleção de ambientes e no leque de opções idealizado pela editora visual Zizi Cardeari. As idéias oferecem um estilo fresco e inédito, desvendado em detalhes para você captar o segredo da composição.”

EM 1: “Tempo é dinheiro (...)Um dos bens mais preciosos do século 21, não tem cor, cheiro, forma e – oh, céus! – passa por nós voando. Aliás, aposto que você, mulher inteligente que é, vive fazendo de tudo para que ele estique. Para namorar mais, viajar para a praia, cuidar do corpo, viver a vida.”

ES 1: “Fazer a SUPER, você deve imaginar, exige uma equipe de jornalistas antenados. E jornalista antenado é produto cada vez mais raro- por isso mesmo, todo mundo quer.”

ET 2: “Quer surpreender a galera e mandar um recadinho diferente? Pois faça o seguinte (...) Pode testar: é bem legal fazer!”

Além disso, a leitura de revista deve ser mais prazerosa, pois o leitor sabe que não precisará pressa para lê-la. Entre uma publicação e outra terá um espaço de tempo maior, portanto terá tempo de saborear as informações com mais tranquilidade. Ao contrário, quem lê um jornal, geralmente, busca fazê-lo o mais rápido possível, para melhor se inteirar dos acontecimentos. Dificilmente alguém lê o jornal do dia anterior tendo outro em mãos, pois sabe que as notícias de hoje estão renovadas, a não ser que queira inteirar-se sobre a evolução dos fatos ocorridos na semana. Quanto às revistas, o leitor sabe que a cada edição as reportagens são diferentes e nela constará mais reportagens que notícias.

Reconhecemos que seria necessária uma análise mais detalhada, para verificar quais são as diferenças específicas entre os diversos gêneros veiculados nas revistas e aqueles veiculados no jornal. Contudo, essa é uma questão da qual não nos ocuparemos, pois não é esse o foco de nossa pesquisa: interessa-nos apenas um gênero veiculado em cada um dos suportes dos quais nos servimos para coleta do *corpus*.

Conforme mencionamos anteriormente, devido à complexidade de caracterização e classificação do gênero editorial, buscamos outra teoria que colaborasse com nossas investigações. Esse é o assunto a ser discutido no próximo tópico.

3.5 Classificação quanto à categoria de texto

Quadro 16 Classificação quanto à categoria de texto

Classificação quanto à categoria de texto			
Categorias	Tipo	Gênero	Espécie
Revistas	Argumentativo <i>stricto sensu</i> .	Exerce a função sociocomunicativa de convencer e persuadir o leitor. Além disso, incita o leitor a realizar determinadas ações.	Quanto aos aspectos formais de estrutura consideramos os editoriais das revistas como cartas. Quanto ao conteúdo, que está explicitamente dirigido ao destinatário-alvo, acreditamos aproximar-se da carta pessoal.
	Injuntivo		
Jornais	Argumentativo <i>stricto sensu</i>	Exerce a função sociocomunicativa de convencer e persuadir o leitor sobre o, ponto de vista apresentado.	Quanto aos aspectos formais e de conteúdo, classificamos como editorial padrão.

3.5.1 Tipo

Na classificação de tipo, tanto o editorial de revista quanto o editorial de jornal constituem um gênero argumentativo *stricto sensu* (discurso da transformação), pois encontramos argumentos em defesa de um determinado ponto de vista. Verificam-se, nas revistas, comentários sobre a relevância dos assuntos tratados naquela edição. Nos editoriais de jornais, verifica-se o posicionamento sobre determinada questão político-social ou econômica em destaque no momento, e espera-se conseguir a adesão do leitor ao ponto de vista da instituição.

Em relação à perspectiva do enunciador, percebemos, nos textos das revistas, que, além de o enunciador posicionar-se na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço, ele também se posiciona na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação (TRAVAGLIA, 2007), pois incita o leitor a ler as matérias publicadas no interior da revista. Para atingir esse objetivo, o enunciador faz uma apresentação dos assuntos e tece ligeiros comentários, na tentativa de provocar uma reação no leitor.

Nos textos de jornal, apesar de o editorial objetivar conseguir a adesão do leitor ao ponto de vista do autor do editorial sobre o assunto que está sendo tratado, a incitação a ações, como na revista, não se manifesta de maneira tão evidente. Espera-se que o leitor, após a leitura do editorial, concorde com o exposto, mas não há indícios de que o editorialista sugira ao leitor a realização de ações. No caso específico do texto 3, o editorial conclama a sociedade, em geral, e a polícia, em particular, a uma ação mais responsável e cidadã, diante dos abusos de que se tem notícia, sobretudo em sua conclusão:

EF 2: “A sociedade brasileira **tem o direito de ser protegida** por uma polícia eficiente e dura, mas condicionada exaustivamente para evitar que a sua ação produza vítimas inocentes ou indefesas. A **punição exemplar** dos responsáveis pelas três mortes é **apenas o primeiro passo** para evitar que **episódios lamentáveis** como esses venham a se repetir.

A escolha lexical vocabular⁷⁶ confirma a ideia: de que o editorial de jornal é um texto subjetivo, pois veicula a opinião do jornal a respeito dos assuntos tratados. Assim, são usadas no EF 2 palavras como “brutal assassinato”, “o discernimento no emprego da força policial no Brasil está muito longe do adequado”; “foram baleados”; “ação tresloucada da polícia”; “abuso de poder”; “risco desnecessário”; “bárbaro assassinato”; “força letal”; “episódios lamentáveis”.

Outro aspecto que evidencia o posicionamento do editorialista em relação ao que está sendo discutido é o uso dos verbos no tempo presente do indicativo e na terceira pessoas do singular. Sobre esse aspecto, Alves Filho (2006, p. 85) afirma que “a ausência a qualquer referência à primeira pessoas dão a entender que a posição axiológica em jogo não decorre de um *acho que* ou *penso que*, mas é uma consequência direta dos próprios fatos”⁷⁷. Vejamos os exemplos:

EF 1

“**Os desafios** postos pela conjuntura econômica à política pública **são** hoje de natureza distinta, e mais benigna que os do passado. **O repique da inflação e a reviravolta nas contas externas são** contrapartida de um período de expansão forte e duradoura da atividade no mundo todo. **O desemprego no Brasil**, para tomar a variável mais sensível, **atingiu** o menor nível da década e **continua** em ritmo de queda.”

EG 1

“**No Brasil**, o tranco provocado pela escassez de crédito em escala planetária, deflagrada pela queda do Lehman Brothers e virtual falência de outras instituições financeira **pode ser** mensurado pelo que aconteceu com a indústria nacional em novembro: uma retração de 5,2% em relação a outubro.”

EM 1

“**É polêmico**, para dizer o mínimo, o projeto de lei que vai permitir ao comércio cobrar do consumidor preços diferentes para o mesmo produto ou serviço.”

Por outro lado, na revista, o produtor do editorial incita à realização de atitudes do leitor, pois espera-se que o leitor busque as reportagens indicadas e leia-as. Assim, arriscamos a afirmar que, quanto ao tipo, pode haver nas revistas uma evidência maior da ocorrência

⁷⁶ Conferir Texto 3, nos anexos.

⁷⁷ Grifos do autor.

do tipo argumentativo e injuntivo ao mesmo tempo, todavia, nos jornais, isso parece ocorrer em menor escala.

3.5.2 Gênero

Na perspectiva de gênero defendida por Travaglia (2007), podemos classificar os textos que compõem o *corpus* como gêneros, pois esse autor considera que, para ser classificado como gênero, um texto precisa exercer uma função sociocomunicativa específica.

Analisando esse aspecto nos textos que compõem nosso *corpus* de pesquisa, verificamos que, na modalidade encontrada nas revistas, a função sociocomunicativa parece ser a de convencer e persuadir o leitor a realizar determinadas ações, como ler as matérias da revista ou, até mesmo, fazer uma consulta *on-line* de assuntos veiculados em edições anteriores. Alguns exemplos são apresentados a seguir.

ET 1



Figura 36 Recorte do editorial da Revista *Todateen* (7)

ES1 2

“No *site* reveja os infográficos premiados.”
“É pra comprar, ler e guardar.”



Figura 37 Recorte do editorial da Revista Super Interessante (2)

Já na modalidade de textos retirados de jornais, a função sociocomunicativa parece ser a de expor, refletir, buscar explicar e/ou avaliar determinadas ideias relacionadas a assuntos pontuais, ou seja, sobre fatos marcantes que, de certa forma despertam o interesse da sociedade. No exemplo abaixo, retirado do EF 2, verificamos que o uso das palavras em destaque evidenciam o ponto de vista do editorialista em relação ao assunto que está sendo discutido.

EF 02:

“Casos como a tragédia que culminou no assassinato do menino João Roberto Amorim Soares, no Rio, e a morte de dois suspeitos já rendidos, em São Paulo, **mostram que o discernimento no emprego da força policial no Brasil está muito longe do adequado.**”

“No domingo, desta vez no Rio de Janeiro, a vítima de uma **ação tresloucada da polícia** foi um garoto de 3 anos.

3.5.3 Espécie

Quanto à espécie, classificamos os editoriais das revistas como cartas, pois o conteúdo está explicitamente dirigido ao destinatário-alvo que não está presente. Tanto nos editoriais de revistas quanto nos de jornal, o emissor sempre se dirige ao interlocutor como se o contato fosse realizado no momento em que o texto está sendo produzido. Na revista Super Interessante, observamos que há, inclusive, a despedida: “Um grande abraço” (texto 2).

3.6 Relações possíveis na composição do gênero

A partir da proposta de Travaglia (2007b), de que os gêneros se compõem de tipos e de espécies, após analisar os textos que compõem nosso *corpus* de pesquisa, verificamos a ocorrência da seguinte composição:

3.6.1 Conjugação de tipos

Essa característica é bastante evidente nas revistas e parece não ocorrer nos editoriais de jornal. Para melhor compreensão, o Quadro 16 apresenta uma classificação dos dados, com base na proposta de Travaglia (2003).

Quadro 17 Perspectivas do produtor/enunciador do texto em relação ao interlocutor

01 - Perspectiva do produtor do texto			
Dissertação: Enunciador na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço.		Injunção: Enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação.	
Textos de revistas	Textos de jornais	Textos de revistas	Textos de jornais
Verificamos que o enunciador se apresenta na perspectiva do conhecer.	O enunciador apresenta-se apenas na perspectiva do conhecer, abstraído do tempo e do espaço.	Verificamos que o enunciador também se apresenta na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação.	Não encontramos características de injunção nos textos de jornal.
02 - Objetivo do enunciador			
Dissertação: Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações.		Injunção Diz-se a ação requerida, desejada, diz-se o que e/ou como fazer, incita-se à realização de uma situação.	
Textos de revistas	Textos de jornais	Textos de revistas	Textos de jornais
Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações.	Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações.	Nas revistas o enunciador apresenta claramente quais ações ele requer, instruindo o leitor sobre como realizá-las.	Nos jornais não há nenhuma evidência quanto à solicitação de realização de ação pelo enunciador.

03 - Forma como se instaura o interlocutor			
Dissertação		Injunção:	
O interlocutor instaura-se como ser pensante, que raciocina.		O interlocutor instaura-se como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça.	
Textos de revistas	Textos de jornais	Textos de revistas	Textos de jornais
O interlocutor instaura-se como ser pensante, que raciocina.	O interlocutor instaura-se como ser pensante, que raciocina.	O interlocutor instaura-se também como aquele que realiza aquilo que se requer.	O interlocutor não é solicitado a realizar qualquer ação.

Nos textos das revistas, verificamos a conjugação do tipo argumentativo com o injuntivo, pois podemos verificar o uso frequente de verbos no imperativo, incitando uma ação do leitor. Nesses textos, fica evidente a oposição do enunciador em relação ao objeto do dizer: “diz-se a ação requerida, desejada, diz-se o que e/ou como fazer, incita-se à realização de uma situação” (TRAVAGLIA, 2003, p. 6). Exemplo:

Revista Todateen:

“ (...) **dá** uma conferida nas fotos dos bastidores de nosso site!”

“**Copie** a novela (...) **Tente!** E, ainda, se estiver sem grana para comprar um presente para ele, **pegue** um filme (...), **convide-o** para um cinema (...) **passe** o dia com seu paizão e **diga** a ele o quanto é importante em sua vida.”

“Você já clicou lá no nosso site? – pergunta retórica, incitando uma ação

(...) Ou se quiser, **escreva** usando o cupom da página 72 (...)

Revista Super Interessante

“**Pegue** a super de outubro e **vá** para a página 69. (...) Agora **pegue** qualquer edição recente e **procure** a lista de livros mais vendidos (...) **é para comprar, ler e guardar.**

Nos editoriais de jornais não observamos a ocorrência de nenhum dos fatores apresentados acima, apesar de todos os textos serem argumentativos *stricto sensu* e buscarem a adesão do leitor ao assunto e ao ponto de vista tratado.

Assim, a análise dos dados permitiu confirmar a hipótese de que, realmente, há diferenças significativas entre os gêneros editorial de revista e editorial de jornal. Passemos, agora, às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar editoriais de jornais e revistas, a fim de verificar, por meio dos aspectos constitutivos dos gêneros, conforme proposto por Bakhtin (1997), pelos estudos de Swales (2004), Dionísio e Sousa (2006) e Marcuschi (2003), até que ponto as regularidades encontradas nos textos das revistas e nos textos de jornais são suficientes para que eles sejam classificados como sendo o mesmo gênero. Nossa hipótese é que os editoriais das revistas apresentam regularidades textuais e discursivas que nos conduzem a inferir que se trata de um gênero que poderia ser classificado como diferente e independente do gênero editorial de jornal. Para isso, buscamos identificar os três aspectos constitutivos do gênero, quais sejam, o conteúdo temático, o estilo e a organização composicional, verificando as regularidades e diferenças entre esses aspectos em cada um dos textos.

Investigamos também quais as possíveis interferências que o suporte pode exercer em cada uma das modalidades de gêneros analisadas; qual o propósito comunicativo das duas modalidades de gênero e, por fim, descrevemos, analisamos e comparamos os aspectos de multimodalidade presentes nas duas modalidades de gênero.

As bases teóricas que ampararam este trabalho foram: a definição de gênero, proposta por Bakhtin (1997); o propósito comunicativo, postulado por ASKEHAVE e SWALES (2001); a noção de multimodalidade, apontada por Dionísio (1986); as noções sobre a influência do suporte sobre o gênero, apresentadas por Marcuschi (2003).

Nesta seção, retomaremos e responderemos as perguntas de pesquisa apresentadas na introdução deste trabalho, a saber:

A primeira pergunta procura saber que características os textos que compõem o *corpus* selecionado apresentam, em termos de conteúdo temático, organização composicional, estilo, propósito comunicativo, multimodalidade e influência do suporte onde são veiculados. Para responder a essa questão, consideramos os seguintes aspectos:

Quanto ao **conteúdo temático**, verificamos que, nas revistas, predominam assuntos de interesse diretamente relacionado ao público-alvo para o qual a revista se destina. Além disso, nas revistas, os editoriais parecem funcionar como uma orientação ao leitor, pois apresentam as seções e reportagens, naquela edição.

Diferentemente dos editoriais de revistas, em relação ao conteúdo temático, nos editoriais de jornais, os temas tratados são geralmente transitórios e pontuais e referem-se a fatos de ordem política e social, que de maneira geral, tiveram repercussão significativa no

âmbito social. Além disso, os editoriais de jornais pesquisados apresentaram um direcionamento no sentido de atender a um público mais amplo, coletivo e os conteúdos estão vinculados aos acontecimentos ocorridos na ocasião de sua publicação, portanto, circunscritos a um momento específico. Apenas na revista *Veja* verificamos que, além de apresentar assuntos de interesse coletivo, relacionado a fatos ocorridos próximos à sua publicação, o tema tratado nesses textos também se referia a uma reportagem publicada na revista.

Quanto ao **estilo**, percebemos que há uma considerável diferença entre os editoriais das revistas e os do jornal. Enquanto, no jornal, o vocabulário é mais elaborado e o estilo mais formal e distanciado, buscando uma suposta neutralidade do produtor em relação a um ponto de vista que ele supõe ser compartilhado pelo leitor, nos textos das revistas, o vocabulário é mais coloquial, evidenciando uma tentativa de aproximação com o público leitor. Além disso, verificamos uma linguagem bastante descontraída com o uso de gírias e do pronome de tratamento “você”, que, para nós, assinala como uma tentativa de interação direta com os interlocutores e a busca do estabelecimento de uma suposta intimidade.

Quanto a esse aspecto, a revista *Veja* é a que mais se assemelha aos jornais. Seu estilo é formal, não há a presença de gírias, tampouco expressões que demonstrem intimidade e proximidade entre o produtor do texto e o leitor.

Nos editoriais de jornal, observamos que a maioria dos verbos são usados no presente do indicativo, o modo do relato, o que evidencia um grau mais alto de assertividade e sugere que as afirmações feitas são verdadeiras e irrefutáveis e, além disso, representam o pensamento tanto do editorialista quanto de seus leitores. Nos editoriais de revista, com exceção da revista *Veja*, verificamos o uso dos verbos no modo imperativo, sugerindo e incitando os leitores a realizarem determinadas ações. Nesse aspecto, verificamos que o uso do verbo no imperativo está em conformidade com essa intenção do redator de convencer o leitor a ler as matérias publicadas naquela edição.

Todas essas observações a respeito do estilo na análise do *corpus* levaram-nos às seguintes conclusões: se o estilo é diferente nos dois gêneros, isso pode ser um indício de que se trate de gêneros diferentes e não que um seja subgênero do outro; se o estilo nos textos das revistas possui características similares entre si e se essas características são diferentes do estilo apresentado nos textos dos jornais, poderia haver a possibilidade tratar-se de dois gêneros distintos. Ousamos ainda inferir que, como não se trata da destruição e da renovação do editorial padrão, pois esse continua a ser veiculado, trata-se, talvez, do surgimento de um novo gênero, independente, com características próprias. Conforme as palavras de Bakhtin (1997, p. 286): “Quando há estilo há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para

outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo, (...) destruímos e renovamos o próprio gênero.”

Em relação à **Organização composicional**, observamos certas diferenças na estrutura composicional dos textos das revistas e do texto do jornal, principalmente pela apresentação visual de um e de outro.

Nos editoriais de jornal, verificamos que houve variação apenas da escrita, com ligeiros destaques no tamanho da fonte e na tonalidade dos títulos, sem qualquer outro aspecto extralingüístico que interferisse ou colaborasse para caracterização deste gênero.

Nas revistas, além de variação na escrita, verificamos também a associação das palavras com elementos não verbais, como, por exemplo, cores variadas, ilustrações, diagramação e enquadramento diferenciado de alguns trechos destacados na página em que se apresenta o gênero.

Quanto à linearidade do tema tratado, verificamos que os editoriais de jornal obedecem a uma sequência linear do tema, pois o texto desenvolve-se em torno de um assunto principal sobre o qual o editorialista constrói sua argumentação, ou seja, há a apresentação de um tema num determinado contexto, seguido de sustentações ou justificativas e de conclusão, ou fecho. Nos editoriais de revista, com exceção de Veja, existe uma ruptura, no desenvolvimento do texto, pois são tratados vários assuntos diferentes dentro do mesmo texto.

Outra evidência é que, com exceção dos editoriais da revista Veja, os editoriais das demais são todos assinados e, além da assinatura, há expressões de despedida. Essa é mais uma das características que demonstram algumas das diferenças entre os editoriais de revistas e os editoriais de jornais, que não são assinados.

Quanto ao **propósito comunicativo**, identificamos algumas semelhanças e diferenças entre o propósito comunicativo dos editoriais de jornais e de revistas. Quanto às semelhanças, identificamos um propósito comunicativo comum às duas modalidades de editorial: ambos têm uma base argumentativa e buscam conquistar e convencer o leitor, tornando-o um aliado. Quanto às diferenças, os editoriais das revistas têm um aspecto procedimental. Podemos perceber que o editorialista busca apresentar ao leitor as matérias naquela publicação, tenta convencê-lo a prosseguir na leitura e incita-o à realização de determinadas ações, como por exemplo, ler as matérias publicadas naquela edição ou realizar uma busca *on-line* de outras matérias veiculadas em edições anteriores.

Os editoriais de jornal buscam convencer o leitor e persuadi-lo a aderir às teses apresentadas, mas não apresenta indícios explícitos de que o produtor do texto almeja a realização de ações do interlocutor a partir da leitura desse gênero.

Quanto à **multimodalidade**, verificamos que há uma diferença na utilização desses recursos na constituição dos editoriais de jornais e os de revistas. As revistas utilizam uma quantidade maior de recursos multimodais em relação aos jornais. Verificamos nas revistas a utilização de imagens associadas à escrita. Além das imagens (fotos e desenhos), verificamos também a predominância de cores variadas e chamativas (especialmente nos editoriais de *Todateen*, possivelmente na tentativa de agradar ao público jovem para quem a revista se destina.). Todos esses aspectos formam o todo que constitui e apresenta o gênero nas respectivas revistas e estão direcionados ao público para o qual se dirigem.

Quanto à utilização de recursos multimodais na elaboração do gênero editorial de jornal, verificamos que há uma diferença em termos de riqueza de recurso. Enquanto os editoriais de revistas “abusam” das cores, fotos e imagens, os editoriais de jornais atêm-se à variação unicamente da escrita.

Para finalizar a discussão sobre esse aspecto, cabe lembrar as palavras de Marcuschi (2004, p. 3) quando afirma que “entre os produtos históricos construídos pelos humanos coletivamente estão os gêneros textuais organizados, situados e destinados a produzir um efeito de coerência em seus receptores...”. Nesse sentido, compreendemos que o propósito comunicativo parece não ser o mesmo entre os editoriais de revistas e os de jornais, caracterizados também pela diferenciação na seleção dos recursos que servirão para conquistar o leitor.

Quanto ao **suporte**, percebemos a existência de determinadas características nos editoriais de jornal e nos editoriais de revistas, que podem ocorrer devido às possíveis influências do suporte no qual os gêneros são veiculados. Tais características foram verificadas no conteúdo temático, no estilo e na organização composicional desses gêneros.

Quanto ao conteúdo temático, pelo fato de circularem diariamente, os editoriais de jornais versam sobre fatos recentes, de preferência ocorridos na data imediatamente anterior à da publicação. As revistas publicam reportagens sobre fatos relevantes ocorridos no intervalo de sua circulação que pode ser mensal ou semanal. Entretanto o jornalista deve ter o cuidado de buscar algo novo para oferecer ao leitor que, no intervalo entre uma publicação e outra das revistas, já sabe por outros meios sobre os fatos que ocorrerem neste período. Assim, a revista deve abordar o assunto a partir de algum aspecto que precisará ser novo e, portanto, atraente para o leitor.

Em relação à estrutura composicional, no editorial de jornal não encontramos elementos extratextuais, como a utilização de fotos, figuras ou recursos gráficos na

composição desse gênero como nos editoriais de revista, em que esses elementos são constantes.

Em relação ao estilo, a linguagem do editorial de revistas é muito diferente da linguagem utilizada nos editoriais de jornais. O editorial de jornal utiliza uma linguagem formal, na modalidade padrão da língua. Nos editoriais das revistas, percebemos que o estilo de linguagem é mais descontraído, mais íntimo, de acordo com o público para o qual se destina.

A segunda questão proposta nesta pesquisa interroga de que forma os editoriais das revistas podem ser considerados como um gênero diferente, por isso, independente do editorial de jornal.

Pelas análises de editoriais de revistas, percebemos que esse gênero possui características próprias, em relação a seus aspectos constitutivos, além de diferenças na utilização dos recursos de multimodalidade, propósito comunicativo e pelas influências que cada suporte exerce sobre o gênero. Acreditamos que, devido a essas características e partindo da perspectiva teórica adotada neste trabalho, o gênero editorial de revista possivelmente pode tratar-se de um gênero independente do editorial padrão, publicados nos jornais.

Outro aspecto que nos despertou a atenção foi o fato de percebermos que, dos textos de revistas analisados, o que mais se assemelha ao editorial do jornal é o da revista *Veja*. Isso talvez se deva ao fato de ser a revista *Veja* de circulação semanal, diferentemente das outras revistas pesquisadas que são de circulação mensal e, também pelo fato de “*Veja*” estar mais focada na informação e menos no entretenimento como ocorre com as demais. Para confirmarmos essa hipótese, precisaríamos verificar em editoriais de outras revistas de circulação semanal, como as *Revistas Época* e *Isto É*. Entretanto, isso nos distanciaria de nossos propósitos neste momento.

Acreditamos que os resultados de nosso estudo poderão ser aproveitados em várias áreas como, por exemplo, nas reflexões sobre uma teoria dos gêneros; na compreensão mais aprofundada da revista como um meio de comunicação e como uma instância enunciativa; no entendimento de editoriais de revistas a partir de uma perspectiva linguística e no desenvolvimento de atividades de ensino de produção textual, leitura e análise linguística, nos campos de aprendizagem de língua.

Para encerrarmos nosso trabalho, destacamos as palavras de Lopes-Rossi (2006) sem paginação), nas quais a autora trata da importância do conhecimento dos gêneros por parte do professor para um trabalho eficaz com gêneros textuais:

O trabalho com gêneros discursivos impõe ao professor a necessidade de estudos individuais para ampliação de seu conhecimento a respeito de diferentes gêneros discursivos, de acordo com os projetos pedagógicos para a leitura e produção escrita que pretende realizar com seus alunos. Os gêneros discursivos “ideais” ou “melhores” para a sala de aula não podem ser definidos *a priori*. É preciso levar em conta as características e os interesses dos alunos, as necessidades de cada curso e da profissão para qual os alunos estão sendo preparados (no caso de Cursos Técnicos ou de Ensino Superior), as oportunidades de produção de textos que possam circular por motivo de festas ou atividades da escola, de projetos temáticos mais amplos, de datas comemorativas, entre outros. (...) Nesse contexto, por mais que o professor tenha uma ótima formação e conhecimento de inúmeros gêneros discursivos por causa de suas experiências pessoais e profissionais, sempre haverá a necessidade de que algum gênero seja considerado à luz de alguns critérios mais específicos visando ao trabalho pedagógico (LOPES-ROSSI, 2006, s/nº).

Percebemos, neste trabalho, que as dificuldades de caracterização dos gêneros podem ser advindas de uma possível fragilidade do próprio conceito de gênero. Conforme mencionamos no decorrer da pesquisa, vários são os trabalhos que investigam os gêneros, mas até o momento esses trabalhos estão em fase de desenvolvimento e assim, não pretendemos aqui dar conta de uma caracterização definitiva de editoriais de revistas e editoriais de jornais. Apenas nos limitamos a apontar possíveis traços para sua diferenciação, pois seriam necessárias outras pesquisas que investigassem de maneira mais aprofundada cada um dos aspectos por nós apresentados, a fim de propor, além da diferenciação dessas duas modalidades de editoriais, uma nomeação adequada para um e para outro.

Conforme já mencionamos, os estudos sobre os gêneros e sua colaboração para o ensino de Língua Portuguesa, mais precisamente para a produção de textos, encontram-se em fase de discussão. Esperamos que nossa pesquisa contribua para fomentar mais ainda o debate acerca da definição de Gêneros, que parece demonstrar certa fragilidade, pois até o momento não foi possível definir com exatidão quais são os critérios mais eficazes para determinarmos suas características.

Nosso intuito foi apresentar uma possível proposta de caracterização a partir do referencial teórico no qual nos apoiamos. Reconhecemos que há inúmeros outros trabalhos com gêneros os quais poderão confirmar ou refutar nossa proposta e é justamente nesse aspecto que acreditamos residir o desafio do pesquisador: fazer os recortes possíveis para abordar o seu objeto de estudo e lançar seus resultados para que ele mesmo ou outro pesquisador possa, a partir deles, encontrar novos caminhos de pesquisa.

Quanto às limitações da pesquisa, foram usados poucos textos para análise por não termos utilizado um *software* que pudesse auxiliar na contagem e na tabulação dos resultados. Devido a determinados fatores ocorridos no decorrer da pesquisa, o dados verificados foram selecionados foram apurados e selecionados manualmente. Outro aspecto que também restringiu nossas ações foi o curto espaço de tempo de que dispúnhamos. Assim sendo, pretendemos, em outra oportunidade, dar prosseguimento a análise a fim de buscar outros possíveis elementos que possam ser somados aos resultados já obtidos.

REFERÊNCIAS

- ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Genre Identification and Communicative Purpose: a Problem and a Possible Solution. **Applied Linguistics**, vol. 22, n. 2, p. 195-212, 2001.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997. p. 277-326.
- BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, BETH (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas; SP: Unicamp, 1997, p. 27-35.
- BARROS, E. M. D. de; NASCIMENTO, E. L. Gêneros Textuais e livro didático: da teoria à prática. In: **Linguagem em (Dis)curso**. V. 7, n. 2, p. 241-270, mai./ago. 2007 disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0702/6%20%20art%204.pdf>, consultado em 06 de fevereiro de 2009.
- BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre, Sulina, ARI, 1980.
- BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- BRANDÃO, H. N. Texto, gêneros do discurso e ensino In: _____. (Coord.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2000. v.5. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos).
- BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursoivo**. Tradução de Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003. 353 p.
- CATUNDA, E. L.; SOARES, M. E. Uma análise da organização retórica do acórdão jurídico. In: **Texto e Discurso sob múltiplos olhares**, v. 1: gêneros e seqüências textuais. Org. CAVALCANTE, M. M. [et al.]. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Rojo e Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Lingüística Textual: introdução**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Novo Manual de Redação** (1996). Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_reacao.htm. Acesso em 12 jan. 2008.

GAYDECZKA, B. **A multimodalidade na reportagem impressa**. Estudos Lingüísticos (São Paulo), v. XXXVI, p. 108-115, 2007.

GUIMARÃES, E. **A Articulação do Texto**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

HEMAIS, B; BIASI-RODRIGUES, B. Princípios teórico metodológicos para a análise de gêneros na perspectiva de John M. Swales. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

INNOCÊNCIO, M. T. **Ensino de Língua Portuguesa na EJA: Os gêneros argumentativos**. UFJF - GT: Educação de Pessoas jovens e adultas/ n. 18 (2006). Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT18-2109--Int.pdf>, acessado em 10/12/2008.

KOCH, I. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.

_____. **Introdução à lingüística textual: trajetórias e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Texto e coerência**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 168 p.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, V.41, p.75-89, jul./dez. 2001.

_____. **A coesão textual**. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 84 p.

_____.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva (*Referential Process in Discourse Production*). **DELTA**, São Paulo, v. , p.169-190, 1998, NC Especial.

_____.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Procedimentos para estudo de gêneros discursivos da escrita. **Revista Intercâmbio**, v. XV, São Paulo, LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006. s/nº.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos chaves**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166.

MACHADO, A. R.; CRISTÓVÃO, V. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem em Disc(curso)**, v. 6, n. 3, 2006. Disponível em www.unisul.br/pagina/ensino/pos/linguagem/0603/09.htm>. Acesso em 10 jan 2009

MARCUSCHI, L. A. (1983) **Linguística de Texto: o que é e como se faz**. Recife:UFPE.

_____. **Gêneros Textuais: o que são e como e como se constituem**. Recife: UFPE, 2000. (inédito)

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 133 p. 140

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005. 94 p.

_____. **Gêneros e tipos textuais**. Texto de Marcuschi, preparado pela professora Edna Santos, colocado em partes na plataforma para os estudantes de LETRAS da UnB. (2005). Disponível em <http://aprender.unb.br/login/index.php> UnB - Ambiente de Aprendizagem, acessado em 20/03/2008.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo Opinativo**. 3. ed. Campos do Jordão - SP: Mantiqueira de Ciência e Arte, 2003. v. 1.

MAYER, Richard. **Multimedia learning**. Cambridge: Cambridge University Press, [s.d.].

MEDINA, Jorge L. **Gêneros jornalísticos: uma questão de gênero**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/viiiisippec/gt05/40%20Jorge%20Lellis%20%20trabalho20completo.htm>>. Acesso em 02 fev. 2008.

MELO, M. J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MINAS GERAIS. **Conteúdo Básico Comum – Português**. Educação Básica - Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries), 2005.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3

NOVO AURÉLIO. **Século XXI**. São Paulo: Nova Fronteira. 2002.

PEREIRA, R. M. F.; ROCHA, T. F. **Discurso midiático: análise retóricojornalística do gênero editorial**. Monografia (Bacharel em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas – Maceió: 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-rose-mary-rocha-thais-discurso-midiatico.pdf>. Acessado em 19 de fevereiro de 2008.

PIMENTA, V. R. **Textos forenses: um estudo de seus gêneros textuais e sua relevância para o gênero “sentença”**. 2007. 192, 237 f.. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

REVISTA SÉTIMA ARTE. **O que é a carta ao leitor?** Disponível em: <http://setimarevistar.makeforum.org/viewtopic.php?t=4&view=previous>

ROJO, R. H. R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's**. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado das Letras. 2004. 247p. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

_____. G. S. CORDEIRO. **Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: Modo de pensar, modo de fazer**. In: R. H. R. ROJO e G. S. CORDEIRO (orgs./trads.) *Gêneros Orais e Escritos na Escola. Tradução de trabalhos de Schneuwly & Dolz*, pp. 7-18. Campinas: Mercado de Letras.(2004).

SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 21-39.

SILVA, P. H. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia**. 2007. 225 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SOUZA, M. M. de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Recife, 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco.

SWALES, J. M. **Genre analysis**. English in academic and research settings. New York; Cambridge University Press, 1990.

_____. **Research genres: exploration and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TOLDO, C. S. O texto publicitário sob o olhar da argumentação. **Cadernos de Pesquisas em Linguística** (PUCRS), v. 2, p. 112-124, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 39-79, 2007.

_____. **Categorias de texto como objeto de ensino**. Trabalho apresentado no 21º. Encontro nacional da ANPOLL, São Paulo, 2006.

_____. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. M. O. B.; MARQUESI, S. C. (Org.). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino**. São Paulo: EDUC, 2007a. v. 2, p. 97-117.

_____. **Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros**. Trabalho apresentado no 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET). Florianópolis, 2007b.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO *CORPUS*

A comunidade global de NOVA. **Nova**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 401, Ano 35, n. 2, fevereiro de 2007.

A música da sua vida. **Todateen**, São Paulo: Editora Alto Astral. Ano 12, n 144, novembro de 2007

Atenção redobrada. **O Globo**, São Paulo, terça-feira, 20 de janeiro de 2009.

Casa Cláudia e você. **Casa Cláudia**. Editora Abril, Ed. 238, Ano 31, n. 2, fevereiro de 2007.

Casa Cláudia e você. **Casa Cláudia**. Editora Abril, Ed. 243, Ano 31, n. 7, julho de 2007.

Coisa dos astros. **Todateen**. São Paulo: Editora Alto Astral. Ano 12, n. 141, agosto de 2007.

Consumidor prejudicado. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, sexta-feira, 17 de outubro de 2008.

Excessos policiais. **Folha de São Paulo**. São Paulo, quinta-feira, 10 de julho de 2008.

Lição de liberdade. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed.2011, Ano 40, n. 22, 6 de junho de 2007.

Modernizar, simplificar, agilizar. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 2061, Ano 41, n. 20, 21 de maio de 2008.

Notícias boas, nem tão boas e melhores ainda. **Super Interessante**. São Paulo, Editora Abril. Ed. 251, Ano22, n.4, abril de 2007.

O poder da escolha. **Nova**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 410, Ano 35, n.11, novembro de 2007.

Pelo método confuso. **Folha de São Paulo**. São Paulo, segunda-feira, 2 de junho de 2008.

Sucesso com os embriões. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, quinta-feira, 2 de outubro de 2008.

Tropa de Elite. **Super Interessante**.São Paulo, Editora Abril. Ed. 245, Ano 21, n.11, novembro de 2007.

ANEXOS

Anexo 1 Editorial da Revista Casa Cláudia (1)	143
Anexo 2 Editorial da Revista Casa Cláudia (2)	144
Anexo 3 Editorial da Revista Nova (1)	145
Anexo 4 Editorial da Revista Nova (2)	146
Anexo 5 Editorial da Revista Super Interessante (1)	147
Anexo 6 Editorial da Revista Super Interessante (2)	148
Anexo 7 Editorial da Revista Todateen (1)	149
Anexo 8 Editorial da Revista Todateen(2)	150
Anexo 9 Editorial da Revista Veja (1)	151
Anexo 10 Editorial da Revista Veja (2)	152
Anexo 11 Editorial do Jornal Folha de São Paulo (1).....	153
Anexo 12 Editorial do Jornal Folha de São Paulo (2).....	154
Anexo 13 Editorial do Jornal Estado de Minas (1).....	155
Anexo 14 Editorial do Jornal Estado de Minas (2).....	156
Anexo 15 Editorial do Jornal O Globo (1)	157
Anexo 16 Editorial do Jornal O Globo (2)	158

casaclaudiae **você**



Momento de descontração da equipe antes de clicar a capa desta edição: o fotógrafo Luis Gomes, a editora Zizi Carderari e a diretora de arte Rosana Biral (à direita).

Já nas bancas DVD

Faça um passeio pelos 67 ambientes da Casa Cor São Paulo, cujo tema é Condomínio de Luxo. E mais: veja imagens do antes-e-depois, cenas da festa de abertura e entrevistas com arquitetos e decoradores da mostra.



Se existe um conselho indispensável na hora de decorar a casa, ele pode ser resumido nas primeiras palavras que o designer de interiores Roberto Negrete costuma dizer a novos clientes: “Calma, muita calma”. É assim que Roberto deixa claro que a realização do projeto dos sonhos requer tempo e bom planejamento. CASA CLÁUDIA endossa essa opinião e a reportagem da pág. 146 apresenta o roteiro essencial para minimizar imprevistos que desgastam o bolso e a paciência. Faça bom uso! Fique de olho também em duas reportagens desta edição que enfocam grandes desafios na hora de planejar um ambiente: a escolha dos armários e a arte delicada de combinar padrões de tecidos, papel e tapetes. Repare nos modelos pesquisados pela repórter visual Mayra Navarro e observe as medidas – elas ajudarão você a não errar nas proporções de gavetas, prateleiras e cabideiros quando encomendar seu projeto (pág. 74). E antes de renovar o visual da sala inspire-se na seleção de ambientes e no leque de opções idealizado pela editora visual Zizi Carderari. As idéias oferecem um estilo fresco e inédito, desvendado em detalhes para você captar o segredo da composição.

Ao me lembrar de tudo que a casa representa, é claro para mim que a questão é muito ampla. Nosso refúgio fala de nossos valores e, na opinião de alguns especialistas, sinaliza o potencial para ser feliz do morador. Para investigar este fascinante assunto a editora Sílvia Gomez conversou com Alain de Botton sobre *A Arquitetura da Felicidade*, uma das obras desse jovem filósofo suíço. O papel da beleza em nossa vida e o que está por trás das discussões de um casal na hora de escolher o sofá são alguns dos temas da entrevista. Assunto instigante? Pode acreditar que é mesmo.

Sílvia Gomez
diretora de redação

Anexo 2 Editorial da Revista Casa Cláudia (2)

casaclaudiae**você**



A repórter visual
Mayra Navarro
capricha na produção
de sua primeira
capa, clicada pelo
experiente fotógrafo
Luis Gomes,
nosso querido Lula.

Nosso jeito de morar está em constante transformação. Para manter a sintonia com tantas mudanças, a equipe de CASA CLAUDIA realiza pesquisas, como a que recebeu o nome de Tendências 2015, feita em 2006. Uma síntese dos resultados foi compartilhada com você na reportagem *As Novas Famílias* e a *Casa do Futuro*, publicada na edição de dezembro. Entre as inovações detectadas nos ambientes, surgiu com destaque a necessidade de criar cômodos polivalentes, que se transformam em diferentes momentos do dia e ao longo da vida. Nada mais prático e necessário – pena que às vezes difícil de realizar. Por isso mesmo o assunto virou pauta, a cargo de Araci Queiroz. O empenho da repórter gerou a matéria *Diversão Garantida* (pág. 78), em que você vai conhecer a história de uma decoração multiúso, planejada pela jovem e dinâmica avó que desejava fortalecer os laços de família. Nos últimos 30 anos, CASA CLAUDIA registrou a evolução da casa brasileira, e rever as imagens das últimas décadas é uma maneira divertida de apreciar a revolução dos ambientes e também de descobrir como a chegada de eletrodomésticos, como o forno de microondas e o home theater, impactou a rotina e redesenhou a configuração do espaço doméstico. Você lembra como era sua casa ou a casa de seus pais há mais de 15 ou 20 anos? Pois refresque a memória acompanhando as imagens da Retrospectiva CASA CLAUDIA 30 Anos (pág. 50). Para aprimorar o seu refúgio e deixá-lo afinado com o seu estilo de vida, veja os modelos de cortinas que resolvem problemas de decoração (pág. 56), as novidades e os serviços de 12 show rooms de cozinha (pág. 94), as boas idéias da casa de uma produtora de festas (pág. 66), as soluções de um apartamento urbano e sofisticado (pág. 88). Há muita inspiração para você.

Um grande abraço,

Silvia Inês do Carmo
diretora da redação

notícias da redação

o poder da escolha

Eu, Kaká Moraes no comando dos pincéis; Nanda e a pequena Laura; Nanda e Marco Antônio de Biaggi no maior love!

TEMPO É DINHEIRO, tempo é objeto de desejo, tempo é artigo de luxo. Um dos bens mais preciosos do século 21, não tem cor, cheiro, forma e — oh, céus! — passa por nós voando. Aliás, aposto que você, mulher inteligente que é, vive fazendo de tudo para que ele estique. Para namorar mais, viajar para a praia, cuidar do corpo, viver a vida. E uma das manobras básicas para dar conta de tudo e receber de troco uns minutos à toa é fazer escolhas. Porque infelizmente não dá para ter tudo, nem fazer tudo. Mas dá para optar pelo melhor, pelo que vale mais a pena, pelo que agrega mais valor. Ter esta NOVA nas mãos, por exemplo, e começar a folheá-la é uma escolha. Que bom que você escolheu NOVA! Me enche de orgulho (e de responsabilidades). Por isso, quero fazer com que cada minuto precioso do tempo que lê esta revista seja enriquecedor. Fazer a diferença na sua vida, atender às suas preocupações e necessidades, trazer soluções, ir direto ao ponto. Fazer você rir, refletir, crescer. Ao longo deste ano, sua NOVA foi in-

crementada com novas seções com esse objetivo. Uma delas é a antenadíssima *Test-Drive*, que trará sempre uma experiência instigante vivida por uma de nós. Este mês, testamos a magia para amarração do amor. Será que funciona? Só lendo! Já nosso mais novo reality show, *Confissões de um Conquistador*, mostra a vida do piloto e modelo Luis Carreira, de 27 anos. Esse bonitão, que jura estar à procura de uma namorada, foi selecionado entre vários candidatos. E assumiu o compromisso de revelar o que acontece, de verdade, na cabeça de um solteiro à solta. Quem sabe a partir de agora você não vai conseguir enxergar de longe o homem que vale a pena e parar de perder tempo com o errado? Vem com a gente, aproveite que o fim do ano está chegando para ficar com o que realmente interessa na sua vida... e ser muito feliz.

Um beijo,

Cynthia Greiner

CYNTHIA GREINER,
DIRETORA DE REDAÇÃO
cgreiner@abril.com.br

TRUQUES DE BELEZA DA CAPA

Veja como conseguir o look antenado de Fernanda Vasconcellos.

Secador e uma escova levantam a raiz

Babyliiss médio deixando as pontas de fora dá ar moderno

Lábios sedutores com batom cereja-metallizado

Sombra marrom esfumada é ótima para realçar olhos claros

Fernanda Vasconcellos foi fotografada por Nana Moraes. O cabelo é de Marco Antônio de Biaggi e a maquiagem de Kaká Moraes, ambos do M.G. Hair Design. Técnica de cetim de seda pura Faúse Haten. Produção: Fernanda Prats e Leticia Duarte. Realização: Maina Helena Falavigna. Tratamento de imagem: Denis Saritos.

FOTOS DE CAPA PARA BIAZO KATINE BASILIO, LUCIANA FIGUEIREDO (BASTIDORES), XICO BLUNT (STYLING)

novembro

8 www.nova.com.br

Anexo 4 Editorial da Revista Nova (2)

notícias da redação

a comunidade global de NOVA

Eu, a editora de fotografia Maina com o pug Ozzy, nosso mascote na sessão de fotos: Flávia com os feras Kaká e Marco

Sabia que neste exato instante, em que abre a sua NOVA, passa automaticamente a fazer parte de um grupo vip de cerca de 70 milhões de mulheres de todo o planeta, com os mesmos interesses, desafios e dilemas que você? Isso porque a sua revista integra uma rede mundial, a poderosa *Cosmopolitan* (é o maior conglomerado de revistas do mundo), que tem 59 irmãs espalhadas pelos cinco continentes. Boa parte das informações que você lê aqui circula em 36 idiomas, em mais de 100 países, e torna-se o elo de um verdadeiro exército feminino que vive em lugares tão distintos como Estônia, Malásia, Alemanha, Chipre, Noruega... Sim, em todos os cantos do globo há garotas como você sonhando em encontrar um homem especial, correndo atrás do sucesso e enlouquecendo em liquidações. E a rede *Cosmo* tem orgulho de ser porta-voz dessa classe especial de mulheres que, mesmo vivendo em culturas tão diferentes, está

unida também pela ousadia, pela determinação, pela coragem. Sim, fazemos a diferença! A sintonia de NOVA com o fabuloso mundo *Cosmo* é afinada a cada dois anos no Cosmic, o megaencontro das diretoras de redação de todo o mundo. Em novembro do ano passado, o evento aconteceu em Nova York, na nova sede da Hearst, a editora que publica *Cosmopolitan*. Durante três dias, a turma que você vê na foto abaixo debateu, aprendeu, trocou informações sobre como continuar sendo a revista que ajuda você a ser vencedora, feminina e antenada (mas também fofocamos e compramos, que ninguém é de ferro). Para mim, é um prazer, um orgulho, um privilégio poder estar em sintonia com essas guerreiras modernas. E você, não se sente o máximo? Um beijo,

Cynthia Greiner

CYNTHIA GREINER,
DIRETORA DE REDAÇÃO
cgreiner@abril.com.br

TRUQUES DE BELEZA DA CAPA

Veja como conseguir o look glamoroso de Flávia Alessandra.

Escova grande para alisar e levantar a raiz.

Bobes de velcro é imbatível para dar mais volume.

Uma, duas, três camadas de máscara nos cílios.

Gloss com pigmento dourado deixa os lábios sensuais.

Flávia Alessandra foi fotografada por Nani Moraes. O cabelo é de Marco Antônio de Biaggi e a maquiagem de Kaká Moraes, ambos do M.G. Hair Design. Body de laimê Adriana Degreas para Blue Girls, cinto de metal com strass Helena Mottin, brincos de ônix com brilhantes e ouro branco Juliana Scarpa. Produção Fernanda Prats e Leticia Duarte. Realização Maina Helena Falavigna. Design Luciana Gianesi. Tratamento de imagem Denis Santos.

FOTOS DE COSMO PARA BASTÃO MARCELO MORAES E LUCIANA FALAVIGNA. BASTÃO DELE, VESTIDOS MARCAT, MAKEUP TATIANA CARVALHO

Anexo 5 Editorial da Revista Super Interessante (1)

[AGORA ESCUTA] DIRETO DA REDAÇÃO



Laurentino: o autor do sucesso 1808 escreveu nossa reportagem de capa.



Quarteto fantástico: nossos infos premiados no Malofiej.



Na banca tem mais: o especial Mafiosos e o dvd O Universo de Stephen Hawking.

Notícias boas, nem tão boas e melhores ainda

Pegue a SUPER de outubro do ano passado e vá para a página 99. Não tem a revista à mão? Eu conto o que está lá: uma reportagem sobre a fuga da família real adaptada de um livro que estava sendo lançado: 1808, de Laurentino Gomes. Agora pegue qualquer edição recente da Veja e procure a lista de livros mais vendidos. Também posso contar o que está lá: 1808 é o maior sucesso nacional. Lidera a corrida e está há pelo menos 24 semanas entre os campeões de venda.

Dá orgulho constatar que apostamos certo: o livro provou ser um livro. Melhor que isso, só ter o Laurentino novamente na revista. Então nós pedimos. E ele topou. A reportagem que está na capa vai responder uma dúvida que tínhamos. Nos últimos meses ouvimos um monte de gente dizer que "a chegada da família real mudou o Brasil para sempre". Ok. Mas que raios era esse país? Como era o Brasil antes de d. João colocar os pés aqui? Laurentino contou com companhias nobres para fazer a matéria: a historiadora Mary del Priore desvendou o cotidiano da nossa metrópole à época, o Rio de Janeiro. E

o editor Marcos Nogueira, o Marcão, ajudou a descobrir o que acontecia nos rincões daquele Brasil – lugares selvagens como São Paulo e o Rio Grande do Sul.

Fazer a SUPER, você deve imaginar, exige uma equipe de jornalistas antenados. E jornalista antenado é produto cada vez mais raro – por isso mesmo, todo mundo quer. Moral da história: o Marcão se despede da SUPER nesta edição. Vai levar seu texto sensacional para a Vip. Não é o único: o editor Rodrigo Ratier, que chegou outro dia, vai para a Nova Escola realizar seu grande sonho, o de unir jornalismo e educação. Eu não vou enganar você: os caras são feras, vão fazer falta. Mas pode ficar tranquilo: poucas revistas conseguem renovar seus quadros tão bem quanto a SUPER. Mês que vem você conhecerá nossas novas cabeças.

O Prêmio Malofiej é o mais importante da infografia mundial. Nossa história de sucesso lá é extensa, mas desde 2005 está-

vamos meio a seco. Em março, lavamos a égua em grande estilo. Os infográficos "Mundo Árvore" e "Contas Abertas" foram premiados com a medalha de prata. "Por Dentro dos Planetas" e "Do Boi ao Bife", com a de bronze. A todos que ajudaram nesses trabalhos, parabéns e muito obrigado.

Para terminar, temos novidades nas bancas. O Universo de Stephen Hawking, um clássico da ciência produzido pela BBC, é nosso primeiro dvd do ano. Também lançamos Mafiosos, uma edição tão bela quanto definitiva sobre o tema. É para comprar, ler e guardar.



Um grande abraço, Sérgio Gwercman Redator-Chefe sgwercman@abril.com.br

NO SITE
Reveja os
infográficos
premiados.

Anexo 6 Editorial da Revista Super Interessante (2)

[AGORA ESCUTA]
DIRETO DA REDAÇÃO

Leandro, Rodrigo e Alexandre, os nossos homens de preto: eles não recorreram ao saco plástico para conseguir informações.

Fotos: Patrícia Stavits

Tropa de elite

Confesso que quando nosso mês começou tínhamos outra reportagem a caminho da capa. Era coisa boa, você ainda vai ler. Mas o mês foi passando e logo percebemos que havia outro assunto no ar. Começou como um burburinho. Alguém trouxe a notícia de que, na área do, digamos, comércio auto-isento de impostos, um dvd sobre a polícia do Rio estava vendendo mais que cigarro paraguaio. De repente, o filme havia pegado feito fogo no palheiro. Era assunto de todas as rodas de conversa. Estava na cara: a capa tinha de mudar. Queríamos o desafio de, mais uma vez, jogar luz sobre o lado desconhecido de uma questão.

Decisão tomada, fomos para a luta. Afinal, apurar e escrever uma matéria da SUPER é tarefa complicada. É preciso encontrar e entrevistar os melhores especialistas. Ler tudo que já foi publicado. Olhar para a apuração e enxergar o que aquelas informações significam – não basta reproduzir um caminhão de opiniões diferentes sem que elas se conectem.

Foi aí que entrou em cena a nossa tropa de elite. A tarefa coube aos editores Alexandre Versignassi, Leandro Narloch e Ro-

drigo Ratier – este último, ainda nem apresentado a você, havia acabado de assumir uma cadeira na redação. Juntos, eles devoraram uma pilha de livros, levantaram informações e coordenaram um time de repórteres pelo Brasil – gente como a jornalista Fátima Souza, autora das primeiras reportagens sobre o PCC, em 1993. Reunir tanta gente boa deu tão certo quanto imaginávamos. O resultado desse trabalho em equipe é uma reportagem que cumpre com primor a missão desta revista: ajudar você a compreender o mundo em que vive.

A capa aí acima é outra novidade nas bancas em novembro. O especial *Todas as Guerras do Mundo* traz um raio X dos principais conflitos armados do planeta: quais são, onde acontecem e o que está por trás deles. Boa leitura!

Um grande abraço,

Sérgio Gwercman
Redator-Chefe
sgwercman@abril.com.br

20 SUPER NOVEMBRO 2007

Anexo 7 Editorial da Revista Todateen (1)

redação e você

Coisa dos Astros

Tem quem não acredite que os astros podem se unir, lá no céu, para mandar excelentes vibrações e ajudar a todos na Terra. Bem, aqui na redação, a gente acredita, sim, afinal, Gustavo Leão na nossa capa em um mês regido pelo signo de Leão é uma coincidência bem legal, não? E olha que estamos negociando com o Gustavo há tempos, mas a agenda sempre lotada dele atrapalhava. Finalmente, em uma sexta-feira, conseguimos passar um tempo bem legal com o Gu. E as fotos ficaram tão lindas que foi uma tarefa difícil, apesar de bem prazerosa, escolher a que melhor serviria para a capa (aliás, dá uma conferida nas fotos dos bastidores no nosso site!)

Copie a novela!

Em *Paraíso Tropical*, o personagem do Gustavo Leão, *Mateus*, fez de tudo para encontrar o pai. Ai, ele conseguiu criar uma amizade bem legal com o cara. Espero que você não tenha que ter saído em busca do seu pai e que ele esteja sempre ao seu lado. Mas, ainda que a história do *Mateus* seja triste, vale copiar um pedacinho dela e buscar a amizade do seu pai. Se além de pai, você conviver com seu velho como um amigo, conseguirá passar por momentos bem legais. Tente! E, ainda: se estiver sem grana pra comprar um presente para ele, pegue um filme para vocês assistirem juntos, convide-o para um cinema, para ir a um barzinho, enfim, passe o dia com seu paizão e diga a ele o quanto é importante em sua vida. Isso vale mais do que qualquer presente!

Não temos uma música?

Calma, não quero dizer eu, Fabricia, e você, minha querida leitora, pois, infelizmente, a gente não se conhece pessoalmente. Estou pensando em que música você ouve quando está lendo a sua *todateen*. Ou até mesmo em que música pensa quando se lembra de *todateen*. Como nossa comunicação é por cartas e e-mails, vou me permitir pedir para que você nos escreva contando qual é a sua música e a de *todateen*. Como sempre, estamos esperando!

Fabricia Romanini

Foto: Rodrigo Lopes/colaborador
Produção gráfica: Flávia de Paula
Produção: Cristiane Franco/colaboradora
Assistente de produção: Mary Correia/colaboradora
Cabeleireiro e maquiagem: Daniel de Mattos
Correspondente: Gustavo Leão
Cabeleireiro: Gustavo Leão
Cabeleireiro: Gustavo Leão
Cabeleireiro: Gustavo Leão

todateen

ISSN 1413-2125 - Agosto/2007 - Nº 141

EDITORIAL: Fabricia Romanini
REDAÇÃO: Lívia de Lucena, Mariana Schimma
DIAGRAMAÇÃO: Flávia de Paula, Nicole Gobbi, Joana Nardim
TRATAMENTO DE IMAGEM: Daniella Yamauti,
Nádia de Paula, Joana Nardim
CAPA: Cíntia, Cíntia, Cíntia
ILUSTRAÇÕES: Fernando Dias, Paula Ligo
COLABORADORES: Fernanda Vilas Boas, Gabriela Bessas,
Lilian Ramalho, Ricardo Piccinato, Vitória Fernandes
DISTRIBUIDORA: CNAF

Fica proibida a reprodução parcial ou total de qualquer texto ou imagem deste produto sem autorização prévia dos responsáveis pela publicação.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À

alto astral
editora

PRESIDENTE: João Carlos de Almeida
DIRETOR EXECUTIVO: Pedro José Chiquito

GERÊNCIA
ADMINISTRATIVA/FINANCEIRO: Jason Pereira
CUSTOS GRÁFICOS: José Antonio Rodrigues
MARKETING: Sérgio Brascotto Junior
OPERACIONAL: Carlos Aguiar
PRODUÇÃO EDITORIAL: Sandra Pavlovski

EDITORIAL
EDITORIAL: Jéssica Ribeiro
COORDENADORA EDITORIAL: Alana De Santis
EDITORES DE ARTE: Zé Fernandes (Editor),
Alexandre M. Carmo e Edson Jakawa
ANALISTA DE QUALIDADE EDITORIAL: Rita de Cássia Aze
ANALISTA DE IMAGEM: Cássia Monteiro Neto
CONTROLOADOR GRÁFICO: Ronaldo S. dos Santos
ANALISTA DE DESENVOLVIMENTO PLANO: Carlos Caber
PRODUÇÃO: Gisele Tesser, Ana Paula Lucena
REPORTAGEM: Bianca Calvão
DOCUMENTAÇÃO: Miriam Sakaki (coordenadora),
Kátia Abreu, Christian Thomas Viana, Fabiana Moreira e Kelly Lora
REDAÇÃO/BAURIA: Rua Gustavo Michel, 19-26, CEP 17012-110, Bauri,
SP. CORRESPONDÊNCIA: Caixa Postal 471, CEP 17001-970, Bauri, SP.
Fone: (14) 3235-3881, Fax: (14) 3235-3879, SUCESSO/SÃO PAULO:
Rua Major Quadros, 111, 1º andar, sala 1.301, Centro,
CEP 24050-030, São Paulo, SP. Fone/Fax: (11) 3211-2900

CIRCULAÇÃO
COORDENADORA: André Goulart
ASSISTENTES: Sílvia Vieira, Lisandra Martins

MARKETING
PUBLICIDADE/SUPERVISOR: Celia Rodrigues, GRANDES AGÊNCIAS:
Edson Lira e Maria Isabel Mendes, MÍDIAS AGÊNCIAS: Karen Mota
e Rodrigo Costa, DIRETOS: Ivon Miranda e Lúcio Monteiro
FONE: (11) 3217-2000, E-MAIL: publicidade@todateen.com.br
REPRESENTANTES: CCI Pólvora (051) 3214-0322, DFI: Associação de
Comunicação (011) 3321-9440, PROSC: Mercopri (11) 3079-4666, RJ:
Plus (21) 2240-9272, (RS) Starline (51) 3061-1112, OPERACIONAL:
Inelen Martins
PESQUISA: Fátima Castro, ASSINATURA: Fabiano Ramires

ANER | IVZ

ATENDIMENTO AO LEITOR
(14) 3235-3881
E-mail: todateen@astral.com.br
Site: www.todateen.com.br
Horário de atendimento: de segunda a sexta, das 8h às 18h

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(14) 3235-3885
E-mail: assinatura@astral.com.br

NÚMEROS ATRASADOS
(14) 3235-3885
E-mail: todateen@astral.com.br

Horário de atendimento: de segunda a sexta, das 8h às 18h

Caixa Postal: 471, CEP 17001-970, Bauri, SP

Você vai ver daqui pra frente...

LEGENDINHA

- Máquina fotográfica: Quem fez as fotos lindas pra matéria
- Lápis: Quem escreveu
- Balãozinho: Quem entrevistou
- Telefone: Onde encontrar
- Mouse: Quem diagramou

6 **todateen** agosto/2007

www.todateen.com.br

Anexo 8 Editorial da Revista Todateen(2)

A música da sua vida

Em edições passadas, eu havia sugerido que você nos enviasse a música que faz parte de sua vida e tem tudo a ver com a **todateen**. Nesta edição, até dá pra variar, mas, com certeza, você vai encontrar algumas razões e muita emoção pra fazer uma primeira leitura ao som de NX Zero. Depois, continue pensando na trilha sonora que liga você e **todateen**, ok? Se quiser, conte uma história, pois eu adoro!

Tem mais fotos no site!

Mariana Scherma, repórter, e o Flavio de Paula, designer, passaram uma tarde com os meninos do NX Zero. Eles voltaram pra redação cheios de elogios. O papo rolou solto e as fotos, como você pode conferir na capa e na matéria, ficaram tuuudo!

Cantinho da poesia

Se eu fosse apenas...

Se eu fosse apenas uma rosa,
com que prazer me desfolhava,
já que a vida é tão dolorosa
e não te sei dizer mais nada!
Se eu fosse apenas água ou vento,
com que prazer me desfaria,
como em teu próprio pensamento
vais desfazendo a minha vida!
Perdoa-me causar-te a mágoa
desta humana, amarga demora!
— de ser menos breve do que a água,
mais durável que o vento e a rosa...

Paulo Leminski

Olha que legal!
Quer surpreender a galera e mandar um recadinho diferente? Pois faça o seguinte: digite esse poema no Word (em qualquer fonte) e, depois, selecione tudo e mude para a fonte Widdings. O bloco de texto vai se transformar em um monte de símbolos esquisitos e a graça está em descobrir o que está escrito. Depois de mandar para quem você quiser (e causar um certo estranhamento), diga à pessoa para selecionar o texto (que vai estar em símbolos) e mudar a fonte para Arial, por exemplo. Pode testar: é bem legal fazer!

Fabrizia Romanini

Produção Gráfica: Flavio de Paula
Foto: Rodrigo Braga/colaborador
Produção: Mirna Nasimento/colaboradora
Assistente de produção: Angelita Vilela/colaboradora
Capa e maquiagem: Stela Pires/colaboradora
Agradecimentos: Colcci (47) 3251-3000; CK Jeans (11) 3817-5704; MCD (11) 3525-0544; Dopping (48) 2102-3455; Daniflex (0800-484700).

Você já clicou lá no nosso site?
www.todateen.com.br

Ou se quiser, escreva usando o cupom da página 72 para a caixa postal 471, CEP 17001-970, Bauru, SP. Também pode ligar para (14) 3235-3881 de segunda à sexta, das 8h às 18h

todateen

ISSN 1433-2125 - Novembro, ANO 12 - Nº 144

EDITOR: Fabrizia Romanini
REDAÇÃO: Liliane de Lucena (assidente editorial), Mariana Scherma, Thais Galimbo
DIAGRAMAÇÃO: Flavio de Paula, Josemaria Nascimento
TRATAMENTO DE IMAGEM: Daniella Yamauti, Flavio de Paula, Josemaria Nascimento, Marcelo Fogaça
GRAFICA: Glóbo Cadastre
ILUSTRAÇÃO: Fernando Dias, Paula Ligo
COLABORADORES: Fernando Vilas Boas, Gabriela Besson, Lilian Rombaló, Ricardo Piccinato, Nádia Fernandes
DISTRIBUIDORA: DINAP

Fica proibida a reprodução parcial ou total de qualquer texto ou imagem deste produto sem autorização prévia dos responsáveis pela publicação.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À

PRESIDENTE: João Carlos de Almeida
DIRETOR EXECUTIVO: Pedro José Chiquito

GERÊNCIA
ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO: Jason Pereira
CUSTOS GRÁFICOS: José Antonio Rodrigues
MARKETING: Sílvia Brancolim Junior
OPERAÇÕES: Carlos Aguiar
PRODUÇÃO EDITORIAL: Sandro Pawelski

EDITORIAL
EDITOR: Isaura Azeiteiro
COORDENADORA EDITORIAL: Maria De Santis
EDITORES DE ARTE: Zé Fernandes (Editorial), Alexandre M. Carmo e Edson Kulkana
ANALISTA DE QUALIDADE EDITORIAL: Rita de Cassia Avelar
ANALISTA DE IMAGEM: Cláudio Marinho Neto
CONTROLADOR GRÁFICO: Rivaldo S. dos Santos
ANALISTA DE DESENVOLVIMENTO PLANO: Carlos Cubes
PRODUÇÃO: Gislene Tesser, Ana Paula Lucena
REPORTAGEM: Eliane Calvete

DOCUMENTAÇÃO: Miriam Sacchi (coordenadora); Karla Abreu, Christian Thomas Vilela, Fabiana Moreira e Kelly Tonta
REDAÇÃO: Bauru: Rua Gustavo Maciel, 19-26, CEP 17012-110, Bauru, SP
CORRESPONDÊNCIA: Caixa Postal 471, CEP 17001-970, Bauru, SP
Fone: (14) 3235-3878, Fax: (14) 3235-3879, SUZURSAU@GMAIL.COM
Rua Major Osvaldo, 111, 19º andar, sala 1501, Centro, CEP 01050-030, São Paulo, SP Fone/Fax: (11) 3217-2900

CIRCULAÇÃO
COORDENAÇÃO: André Goulart
ASSISTENTE: Luciana Mahini

MARKETING
SUPERVISOR DE PUBLICIDADE: Celso Rodrigues, EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Claudia Rodrigues e Edson Lima, EXECUTIVOS DE CONTATO: Ivá Miranda e Ramon Malta, CONTATOS DE PUBLICIDADE: Christiane Pili e Joyce Hernandez, FONE: (11) 3217-2900 / E-MAIL: publicidades@altoastral.com.br
REPRESENTANTES: ICB Planeta (081) 3214-0322, IDP Almatina de Comunicação (011) 3221-3446, BMD LAR Comunicação (011) 3273-5899, (PUSC) Meconet (41) 3075-4666, BUI Plus Representações (011) 2240-5273, 980 Starter (011) 3061-1112, OPERACIONAL: Helen Martins e Kleber Fozati

ANER | IVZ

ATENDIMENTO AO LEITOR
(14) 3235-3881
E-mail: todateen@astral.com.br
Site: www.todateen.com.br
Horário de atendimento: de segunda a sexta, das 8h às 18h

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(14) 3235-3885
E-mail: assinatura@astral.com.br

NÚMEROS ATRASADOS
(14) 3235-3885
E-mail: todateen@astral.com.br
Horário de atendimento: de segunda a sexta, das 8h às 18h

Caixa Postal: 471, CEP 17001-970, Bauru, SP

Você vai ver daqui pra frente...

LEGENDINHA
Máquina fotográfica: Quem fez as fotos lindas pra matéria
Lápis: Quem escreveu
Balaço: Quem entrevistou
Telefone: Onde encontrar
Mouse: Quem diagramou

www.todateen.com.br

Carta ao leitor

Modernizar, simplificar, agilizar



O casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina: eles poderão ser levados ao tribunal em um tempo menor

Em sua coluna publicada na edição de 14 de maio de VEJA, o jornalista J.R. Guzzo observava que “o Brasil é possivelmente um caso único, em todo o mundo, onde se recomendam, diante do aumento da criminalidade, a redução das penas e o aumento dos benefícios para os criminosos”. Essa situação real é um dos componentes a explicar a prevalência do crime no Brasil em índices incompatíveis com o atual estágio econômico e civilizatório do país. No Brasil, ser autor de um primeiro assassinato, ou seja, ser réu primário, é uma atenuante da pena. Isso é uma aberração. Outro estapafúrdio benefício aos condenados por júri popular prevê que, se a pena dada for superior a vinte anos de cadeia, o criminoso tem direito automático a se submeter a outro júri. Na melhor das hipóteses, esse mecanismo deve ser entendido como um incentivo à crueldade, já que se o assassino apenas matar a vítima por meio rápido, dando-lhe direito de defesa, sua pena dificilmente chegará a vinte anos — e, assim, ele não terá acesso ao benefício do segundo júri. Foi justamente com esse descabimento que a Câmara dos Deputados acabou na semana passada.

Além de pôr fim ao direito automático a um segundo júri, os deputados aprovaram em plenário uma série de projetos que resultarão em maior velocidade no andamento dos processos na esfera criminal. Em seu conjunto, esse “pacote de justiça” é um tremendo golpe na impunidade. Outro projeto aprovado prevê o prazo máximo de seis meses para a realização de um julgamento de caso de homicídio, depois de o réu ter sido pronunciado pelo juiz. O casal Nardoni, de São Paulo, por exemplo, acusado do crime bárbaro de ter matado a menina Isabella, poderá, à luz das mudanças feitas na Câmara dos Deputados, ser levado ao tribunal em menos tempo. As estimativas mais otimistas dão conta de que, pelo modelo atual, o julgamento do casal demoraria ainda dois anos.

O pacote da semana passada, que ainda precisa da sanção presidencial para entrar em vigor, moderniza, simplifica e agiliza o Judiciário, como bem define o procurador-geral de Justiça de São Paulo, Fernando Grella Vieira. Seria ótimo agora que projetos semelhantes alcançassem a área cível, hoje travada por uma infinidade de recursos que paralisam os processos, estimulam a prevaricação e encarecem o custo Brasil.

veja 21 de maio, 2008 9



H. Stern

COLEÇÃO RENASCENÇA

VE 0777 | © 2008 | 0800.227442 | www.hstern.com.br

Carta ao leitor

Lição de liberdade



Protesto contra o fechamento da RCTV: a situação na Venezuela inquieta os democratas da América Latina

A escalada totalitária na Venezuela não é motivo de preocupação apenas para os venezuelanos. É também fonte de inquietação para todos aqueles que, na América Latina, defendem a democracia e seus pilares: a liberdade de opinião, de expressão e de associação e a livre-iniciativa. Tais pilares estão sendo gradativamente destruídos no país vizinho pelo presidente Hugo Chávez. Na semana passada, ele desferiu mais um golpe contra a democracia, ao cumprir a sua ameaça de fechar a emissora RCTV, a de maior audiência da Venezuela. Chávez o fez simplesmente porque em seus telejornais a RCTV não seguia à risca a cartilha de louvação a tudo o que Chávez faz ou diz. Nas páginas amarelas desta edição, o proprietário da RCTV, Marcel Granier, fala ao repórter Fábio Portela sobre o cerco chavista que acabou por levar ao fechamento da emissora. Granier é um homem de coragem. Na derradeira transmissão da RCTV, que será substituída no ar por um canal dirigido por comparsas de Chávez, ele fez um discurso memorável: "De que nos acusam? De pensar com independência, de exercer um jornalismo crítico, de levar à tela da televisão, com sentido democrático e venezuelano, visões e opiniões distintas das do governo nacional. De rechaçar o sectarismo e a exclusão. De ser dignos como sabemos que são dignos os venezuelanos que lutam pela liberdade". Uma bela lição.

Hugo Chávez quer ser Fidel Castro, mas a Venezuela não quer ser Cuba. Na semana de fechamento da RCTV, uma onda de protestos tomou conta das ruas de Caracas. Seus protagonistas são estudantes que, ao defender a liberdade de expressão e opinião, enfrentam os cassetetes e as bombas da polícia chavista. Essa juventude, escarnejada pelo tirano, é a prova de que ele não conseguiu abolir todos os sinais de vida inteligente no país, como mostra o repórter Duda Teixeira, enviado por VEJA à Venezuela. Os estudantes daquele país deveriam servir de exemplo aos jovens da América Latina, na luta contra o populismo que lhes ameaça o futuro e o de suas nações.

veja 6 de junho, 2007 9

COLEÇÃO DIANE VON FURSTENBERG BY H.STERN.

Par de brincos Love Knot de ouro 18K.
10x R\$ 402 ou R\$ 4.020. Validade: 16.06.07
Peças ampliadas para mostrar detalhes.
0800-227442 SAC@hstern.com.br VE 0561
©H.Stern 2005

www.hstern.com.br



H. Stern

154

